UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Jaqueline Gomes da Silva

DA VIAGEM AO TURISMO – A VIAGEM TÉCNICA COMO PRÁTICA FORMATIVA

Sorocaba/SP
Junho 2005

Jaqueline Gomes da Silva

DA VIAGEM AO TURISMO – A VIAGEM TÉCNICA COMO PRÁTICA FORMATIVA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis Cammarano González.

Sorocaba/SP

2005

Jaqueline Gomes da Silva

DA VIAGEM AO TURISMO – A VIAGEM TÉCNICA COMO PRÁTICA FORMATIVA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: Junho 2005

Ass._____

1° Exam. :

Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira

Universidade de Sorocaba

Ass._____

2° Exam.:

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

Universidade Anhembi Morumbi

Sorocaba, 29 de junho de 2005

Dedico este trabalho

Ao meu Pai (in memorian) e a minha Mãe, que em primeiro lugar, me ensinaram e continuam me ensinando muito mais do que eu poderia supor.

Às minhas 4 irmãs, mulheres fortes e maravilhosas e aos meus 2 irmãos, homens do bem e de um coração inigualável. Estes, que ao longo da vida, me deram como caçula, a oportunidade de aprender com suas próprias experiências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Jorge Luis Cammarano González, por ter me feito partir, sem abdicar de me seduzir pelo caminho percorrido no trabalho. Agradeço imensamente sua orientação séria e competente, além do apoio pessoal e inspiração docente.

Ao meu grande amigo e mestre, Prof. Luiz Octávio de Lima Camargo, a pessoa, que verdadeiramente me trouxe e me fez descobrir a universidade e o prazer de buscar mais conhecimento. Agradeço imensamente a oportunidade de ter na minha "tamanha pessoa". Alguém, que certamente, eu jamais esquecerei.

Ao meu amigo Vinicius Ricardo Cavallari pelo apoio sempre incondicional nos últimos treze anos da minha vida. Agradeço imensamente por você nunca ter soltado minha mão.

Aos amigos da vida inteira, Marcélia, Lene, Cleber e Josélia.

A família Pinheiro Dantas, que tem sido uma família na minha vida em São Paulo.

Aos amigos da "Firma" , com que eu compartilho agradáveis horas do meu tempo livre.

Aos meus alunos e amigos, em especial à Mariana, Silvia, Milena, Juninho, Fábio, Marcelo, Flavio, Fininho, Karina, Alex, Jacó, Acácio, Ana, Tatiane e Lílian, que me ensinam todos os dias e a quem eu devo a força dos últimos sete anos da minha vida.

A minha amiga Vilma Franzoni, que carinhosamente me auxiliou nos últimos momentos de ajuste da pesquisa.

Jaqueline Gomes da Silva

"Quem se sente pleno não vê, nem experimenta, o limite. Assim, não compreende o corte, a falta, o desejo desenfreado de transgredir uma fronteira insaciável que ele se pergunta por onde passa. Levei muito tempo para compreender minha sorte inexprimível em não conseguir compreender essas extravagâncias".

(Michel Serres).

Da Viagem ao Turismo – A Viagem Técnica como Prática Formativa

RESUMO

A presente dissertação inscreve-se na linha de pesquisa "Conhecimento e Cotidiano Escolar" do Programa de Mestrado da Universidade de Sorocaba e tem como objetivo investigar e refletir sobre a viagem como elemento nuclear da atividade do profissional de turismo, permitindo desta forma questionar como o curso de Turismo não apenas forma profissionais, mas também prepara cidadãos para a experiência educativa da viagem? Neste contexto, investiga a Viagem Técnica praticada no curso de Turismo da Uniso, buscando entender se essa experiência pode suprir a necessidade que o aluno tem de educar-se para a viagem, vindo a ser um momento que auxilie a transcender objetivos simplesmente profissionalizantes do curso e ser um instrumento de educação para a viagem. Nesta perspectiva, busca realizar um processo exploratório a partir de um aporte teórico multidisciplinar, tendo como eixo o diálogo entre profissionais ou teóricos do turismo com outras áreas do conhecimento já mais consolidadas. Por fim analisa depoimentos coletados em entrevistas com quatorze alunos do curso de turismo da Uniso com experiência mais recente em relação à viagem técnica. O referencial teórico assenta-se basicamente em Michel Serres, Jost Krippendorf, Haroldo Camargo, Marustschka Moesch e Luiz Octávio de lima Camargo.

Palavras Chave:

Viagem, Turismo, Universidade, Aprendizagem, Prática

From Traveling to Tourism – Technical Trip as a Formative Practice

ABSTRACT

The dissertation is inscribed in the research line entitled "Scholar knowledge and Quotidian" of the University of Sorocaba Master Program and has as an objective to investigate and reflect about traveling as a nuclear element of the tourism professional activity, allowing one to question how the Faculty of Tourism not only graduates professionals, but also prepares citizens for the educational experience of traveling? In this context, it investigates the Technical Trip carried on by Uniso's Tourism Faculty, trying to understand if this experience can make up for the necessity the student has of educate oneself for traveling, coming to be a moment that assist the faculty to transcend goals simply professionalizing and be an instrument of education for the trip. In this perspective, it seeks to effectuate an exploratory process from a multidisciplinary theoric support, having as an axle the dialog among tourism professionals and theoricals with other knowledge areas already consolidated. Finally it analyses declarations collected in interviews of fourteen students from Uniso's Faculty of Tourism with a more recent experience in relation to technical trip. The theorical reference is mainly based on Michel Serres, Jost Krippendorf, Haroldo Camargo, Marustschka Moesch and Luiz Octávio de lima Camargo.

Key-words:
Trip, Education, Tourism, Technique, Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 2

CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DAS VIAGENS 9

1.1 Itinerários e Históricos 9

1.2 Referências conceituais: Origem e Desdobramentos 24

1.3 A Revolução Industrial - Trabalho e Tempo Livre 28

1.4 Capitalismo – tempo, mercantilização, lazer. 34

CAPÍTULO 2 - TURISMO E PRÁTICAS FORMATIVAS 43

2.1 O Turismo no Ensino Superior: presença e expansão 43

2.2 Perfil e Propostas de Formação para o Profissional da área de Turismo . 51

2.3 O Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba 57

2.3.1 Conteúdos - A Distribuição dos Componentes Curriculares 63

2.3.2 O componente Curricular Teoria Geral do Turismo 70

CAPÍTULO 3 - "A GENTE NÃO FICA SÓ VIAJANDO" 78

3.1 A Importância da Viagem Técnica como Prática Formativa 84

3.2 Produzindo a Viagem Técnica 90

3.3 Pesquisando a Viagem Técnica 102

3.3.1 Análise das Entrevistas 107

CONSIDERAÇÕES FINAIS 121

REFERÊNCIAS 123

APÊNDICE 127

ANEXOS 159

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa é um momento de reflexão e amadurecimento em relação a minha formação como turismóloga, graduada pela Universidade Federal do Pará desde 1991 e como docente no curso superior de Turismo da Universidade de Sorocaba, desde 1998, no qual tenho como uma de minhas responsabilidades profissionais, o componente curricular Teoria Geral do Turismo.

Estes anos de experiência docente me proporcionaram a oportunidade de perceber mais claramente minha formação de turismologa e de entender o turismo como prática profissional para além de seus apelos mercadológicos. A prática docente universitária, neste sentido, tem me renovado como ex-aluna e como professora, pois neste contexto, neste tempo e neste processo de formação profissional, tive que repensar minha compreensão sobre o sentido e o significado da atividade turística. Pois até então, turismo no meu entendimento, estava reduzido ao mercado.

Tentando repensar minha prática, minhas dificuldades como pesquisadora e refletir o papel do componente curricular Teoria Geral do Turismo para os alunos que estão ingressando no primeiro ano do curso, é que busquei nesta pesquisa, optar por fazer um percurso a partir de um tema problema que favorecesse reflexões sobre a viagem como elemento nuclear da atividade do profissional de turismo, permitindo desta forma questionar, como o Curso de Turismo, além de formar, prepara para a experiência educativa da viagem?

Neste sentido, pesquisar sobre as possibilidades da experiência da viagem como uma pratica educativa, referencia-se, na possibilidade de problematização da valorização do

turismo enquanto aspiração cada vez mais latente do indivíduo contemporâneo[1]. E possibilita, abordar seus múltiplos aspectos, dentre os quais destaca-se, seu valor enquanto prática social; seu crescimento visível e sua constituição em fato cultural de grande alcance. Em suma, a viagem turística segue rumo á direção de camadas cada vez mais extensas da população, abandonando a conotação de privilégio. O sentido e o significado da realidade do fenômeno da viagem turística nos leva a repensar e sentir necessidade de ampliar o foco de análise da viagem. Principalmente se considerarmos a importância do turismo como uma área de conhecimento que está crescendo no mundo, os problemas originados por seu desenvolvimento e seus impactos cada vez mais específicos e complexos, que acabam por exigir análises, métodos e soluções apropriados para o setor.

A imagem hegemônica que tem sido construída do turismo é tributária de um paradigma economicista, originando práticas por vezes predatórias[2]. Nesta acepção, o bom turismo significa número de turistas mais dólares gastos[3], desprezando-o em suas bases filosóficas, culturais e sociais. Enquanto prática social, as características desta atividade, permitem outras possibilidades, que não excluem as econômicas, mas a ela acrescentam outras dimensões.

---

[1] A oferta se apresenta a todos. Após o "direito às férias", o "direito à viagem" se tornou uma reinvidicação sócio-política: todas as camadas sociais devem ter acesso à mesma. Repouso e férias tornam-se sinônimo de turismo. A necessidade de relaxamento é reconhecida, orientada para o turismo e transformada em viagem. (KRIPPENDORF, 1989, P. 42).
O modernismo trouxe uma grande transformação nos estilos de vida e de consumo. Surgiu com ele a partir de 1920, o consumo de massa e a revalorização do tempo livre como resposta aos valores puritanos vinculados ao trabalho, que prevalecem até então, e que consideravam o ócio, na visão negativa ("a mãe de todos os vícios"), como a origem de muitos problemas sociais e individuais. No marco da modernidade o tempo livre adquiriu maior relevância, e com o passar dos anos, vai se colocando em um papel de crescente importância para o turismo. (MOLINA, 2004, p.25-26).
A autora Marutschka Moesh, refere-se ao turismo como um fenômeno que se impõe à sociedade, gerando analises, estudos e pesquisas não apenas no âmbito dos órgãos oficiais e setores produtivos, mas também na academia, deixando de ser uma preocupação secundária em termos teóricos. O turismo converte-se em um "direito do homem moderno". (MOESH, 2004, p.9).

[2] "os invasores de hoje não vêem com canhões ou espadas. Eles vêem com a droga, o dinheiro e os costumes estrangeiros..É sobretudo o comportamento desrespeitoso dos turistas nos templos e nos pontos históricos que traz indignação à população" (KRIPPENDORF,1989, p.129).

[3] " No Brasil, o Plano Nacional do Turismo, reservou em 2003 investimentos de R$ 1,8 bilhão e tem por metas aumentar o fluxo de estrangeiros para 9 milhões ao ano até 2007, ampliar em US$ 8 bilhões as divisas do setor e gerar 1,2 milhão de empregos. Com as metas alcançadas, o Brasil saltaria no ranking mundial do turismo, no qual se afundou e foi parar no 34° lugar. A lista, elaborada com dados da Embratur e da Organização Mundial do Turismo, aponta que os estrangeiros que vêm ao país deixam, por ano, US$ 3,7 bilhões. A administração Luiz Inácio Lula da Silva não quer apenas atrair mais turistas de fora, mas também aumentar seu tempo de permanência e, por conseguinte, seus gastos no Brasil." (Trecho da reportagem: "Plano Nacional de Turismo é aposta para aquecer setor". Disponível: site www.amcham.com.br. Acesso em: 31/07/03).

> O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, e um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica gera um fenômeno recreado de objetividade/subjetividade. (MOESH, 2002, p. 9)

Refletir sobre possibilidades educativas deste setor em plena evolução torna-se imprescindível. Principalmente diante da consciência de que o sentido e o significado da realidade do lazer e do turismo tendem a se limitar, quando à mercê dos interesses particulares e relativos do mercado. Neste estudo, buscamos uma reflexão crítica em relação às viagens estandartizadas - expressão do turismo massivo - na medida em que procuramos identificar na viagem um campo de aprendizado de experiências e de exercícios capaz de contribuir para o possível surgimento de um turista não mais conduzido e manipulado e sim, um turista informado e experiente. Neste sentido, viajar autenticamente, seria partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, de si mesmo para o exterior do outro. Em outros termos, educar-se para a viagem seria, de certa forma, vencer o medo do desconhecido e preparar-se para desfrutar da alteridade (SERRES, 1991).

Neste contexto, buscando respostas ao nosso questionamento inicial, optamos por investigar a Viagem Técnica praticada no Curso de Turismo da Uniso, buscando entender se essa experiência pode suprir a necessidade que o aluno tem de educar-se para a viagem, vindo a ser um momento que auxilie a transcender objetivos simplesmente profissionalizantes do curso e ser um instrumento de educação para a viagem.

Parte-se da hipótese de que o componente curricular Teoria Geral do Turismo, alocado curricularmente no primeiro semestre do Curso de Turismo, contribui com uma prática escolar centrada na educação para a viagem. E isto porque, além do objetivo pedagógico explícito no plano de ensino, esta prática reúne as condições de informação e de vivência grupal que, a um só tempo, aumentam o sentimento de segurança e permitem a ambiência necessária para a vivência da expectativa, da realização e da avaliação da viagem.

Dessa forma, a pesquisa, em primeiro lugar, será um aporte para o referido componente curricular permitindo melhorá-lo em seus múltiplos propósitos.

Em segundo lugar, poderá ser uma contribuição aos Cursos de Turismo como um todo, na medida em que as Viagens Técnicas são elementos pedagógicos importantes dos mesmos. E isto revelando que, as Viagens Técnicas, presentes em diversos campos disciplinares pertinentes ao conteúdo curricular, dos Cursos de Turismo, trazem como objeto mais amplo, explorar o universo das viagens, privilegiando a formação do Bacharel como um consultor capaz de compreender o fenômeno do turismo e suas interfaces como gerador de uma atividade que merece uma observância crítica em relação aos seus efeitos na sociedade. E de forma mais especifica, este campo formativo traz, em suas atividades, um repertório de situações ligadas à viagem que criam possibilidades do aluno se apropriar dos meios de aprendizagem, de uma visão interdisciplinar, supondo, deste modo, não apenas o trabalhado articulado entre disciplinas de um mesmo período, como também de articulação entre o ensino, pesquisa e extensão. Acrescenta-se que como atividade programada, a Viagem Técnica, pode abrigar algumas discussões emergentes do campo de turismo, além de aproximar os conteúdos acadêmicos das experiências do cotidiano. Em terceiro lugar, poderá retirar a idéia da educação pela viagem do plano da abstração filosófica no qual, as vezes ela se encontra - como, por exemplo, quando afirmamos que a experiência da viagem nos possibilita o encontro com o outro, com o diferente, pois estas são apenas abstrações - e trazê-la ao plano empírico. Ou seja, permitindo-nos verificar a partir das mediações com a realidade como essa prática se dá e se estabelece para o seu sujeito.

Nesta perspectiva, buscamos realizar um processo exploratório a partir de um aporte teórico multidisciplinar, tendo como eixo o diálogo entre profissionais ou teóricos do turismo com outras áreas do conhecimento já mais consolidadas[4]. Assim autores como Michel Serres, Jost Krippendorf, Haroldo Camargo, Marustschka Moesch, Luiz Octávio de Lima Camargo, Jofre Dumazedier, Edgar Morin, Mirian Rejowski, Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Susana Gastal, Adyr Balastreri Rodrigues, entre outros, nos ajudaram a compor parcela substancial do tratamento teórico-metodológico aqui adotado.

O escrito aqui apresentado foi organizado como segue. No primeiro capítulo, exploramos o tema da viagem, buscando uma compreensão sobre o sentido e o significado

[4] "O turismo é um fenômeno marcadamente multissetorial em sua produção e interdisciplinar em sua teoria". (MOESCH, 2002, p. 9)

dos deslocamentos humanos ao longo do tempo, evidenciando que nem sempre a viagem adquiriu o mesmo sentido para o homem. Antes de transformar-se numa prática social presente em quase todas as sociedades contemporâneas, a viagem como a concebemos hoje, tem sua origem e historicidade circunscrita num determinado tempo e espaço. Assim, consideramos a viagem turística como um fenômeno abrangente e multifacetado, que é parte integrante de um determinado momento da cultura ocidental. Neste sentido, evidenciamos retrospectivamente o turismo como fenômeno que veio se delineando e em meados do século XIX adquire consistência como prática de alguns estratos sociais no contexto do capitalismo industrial. Para entender as viagens turísticas hoje, não podemos ignorar as diferenças que o espaço e o tempo imprimiram nas sociedades. As origens do turismo passam não só por uma questão hedonística, mas, sobretudo, constituem uma prática útil à sociedade, que rapidamente se caracteriza como mais um produto a ser consumido.

No segundo capítulo, refletimos sobre o campo de trabalho aberto pelas viagens turísticas e a conseqüente necessidade de formação acadêmica para área no Brasil, tratando-as como um fenômeno importante na estrutura das sociedades atuais. Isto porque, o crescimento das atividades no terceiro setor, particularmente, aquelas voltadas para o lazer e ocupação do tempo livre, oferecem novos postos de trabalho. O Turismo enquadra-se neste setor de serviços, e como este é uma forte tendência, senão realidade de desenvolvimento e absorção de mão-de-obra. Os cursos na área têm se expandido consideravelmente nos últimos anos, todavia chamamos atenção para a dinâmica de mercado que revela realidades distintas em relação a formação superior nesta área.

Buscamos compreender ainda, como as questões conceituais e técnicas relativas a viagem, perpassam e são orientadas com base no Projeto Político Pedagógico do Curso de Turismo da Uniso, local de nossa prática e objeto de estudo nesta pesquisa.

No terceiro capítulo, buscamos construir considerações relativas a perspectiva de educação para viagem, onde viajar autenticamente seria partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, de si mesmo para o exterior do outro. Em outros termos, educar-se para a viagem na perspectiva de Serres (1991), seria, de certa forma, vencer o medo do desconhecido e preparar-se para desfrutar da alteridade. Neste contexto, tentamos refletir

sobre o sentido e o significado da experiência da viagem tanto do ponto de vista de sua relevância como prática do homem contemporâneo, como elemento nuclear da atividade profissional da área de turismo. Neste plano, abordamos a Viagem Técnica como instrumento pedagógico privilegiado de prática formativa para o futuro bacharel, considerando as viagens, como recursos metodológicos indispensáveis à sua formação, tanto do ponto de vista da experiência pessoal, na medida em que pode estimular o gosto pela viagem, e do ponto de vista da experiência profissional, na medida em que seja capaz de provocar um olhar sensível para os diferentes aspectos da viagem.

Acreditamos que os resultados possíveis nestas Viagens Técnicas agregam um valor significativo, na medida em que o processo de construção deste tipo de atividade exige mediações constantes, no grupo – os alunos entre si, os alunos e o professor, o professor e o(s) aluno(s) -, com a realidade, com os conceitos trazidos no componente curricular que as contem e conseqüentemente com o diálogo com os temas mais amplos da área. Neste sentido a atividade se reveste de importância, na medida em que trata a viagem na dimensão da realidade.

A experiência docente dos últimos sete anos, nos mostra um processo até certo ponto doloroso, tanto para o professor como para os alunos, pois a tarefa exige muito envolvimento e principalmente ação, em prol da concepção de um projeto de viagem que é literalmente construído no contexto da realidade do grupo: pessoal, escolar e profissional. No entanto essa mesma experiência de viagem, que foi concebida inicialmente, de forma intuitiva, traz hoje um amadurecimento maior e normalmente conta com uma grande motivação dos alunos em relação à participação na atividade, apesar das reclamações sobre sua complexidade. Como docente do componente curricular que propõe a viagem técnica no primeiro período do curso, sinto que a proposta trás uma mudança positiva no comportamento da classe, cria uma aproximação dos alunos entre si e entre eles e o professor, acarreta uma vivencia em relação a profissão, incorpora atitudes mais críticas, muito em função das relações mais amadurecidas que são feitas diante do choque entre teoria e prática e numa maior aproximação com fatos e fenômenos ligados a viagem, até porque eles não só planejam essa viagem, eles a praticam. Costumamos comentar em sala de aula, neste processo que, depois de termos tido oportunidade de entrar em contato com os conhecimentos trazidos pelos

olhares multireferenciados sobre a viagem, oferecidos pelas reflexões teóricas, pelas instruções técnicas e pela vivências-laboratório, oferecidas pelo curso de turismo, que "nunca mais viajaremos da mesma forma". No entanto, esta é apenas uma resposta intuitiva. Compreendemos, nesta fase do trabalho, que estas justificações da atividade, só seriam possíveis a partir de uma pesquisa empírica. Para efetuarmos nossa observação empírica, realizamos quatorze entrevistas semi-estruturadas com o grupo de alunos do curso de turismo da Uniso, com experiência mais recente em relação à Viagem Técnica do componente curricular Teoria Geral do Turismo. Neste caso, trabalhamos com os egressos de 2003. Em seguida passamos a fase de transcrição das entrevistas, as quais foram submetidas à análise de conteúdo com base em categorias (Lembrança; Relevância; Aprendizado; Imagem; Inesperado; Avaliação e Formação), buscando afinação com os objetivos e problema da pesquisa. A interpretação dos dados e considerações sobre as repostas durante as entrevistas serviu para compreendermos, sobre as impressões dos alunos sobre suas vivências relativas à Viagem Técnica, como prática pedagógica no curso de turismo. E para concluir, aparecem as considerações finais deste trabalho.

CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DAS VIAGENS

1.1 Itinerários e Históricos

Buscar uma compreensão sobre o sentido e o significado dos deslocamentos humanos ao longo do tempo, poderá nos ajudar a construir elementos para a compreensão da viagem, na perspectiva deste trabalho. Teria sido a descoberta, a exploração, a aventura, que motivaram muitos viajantes ao longo da história da humanidade? Será que ser humano sempre se deslocou, seja movido por necessidade ou impulsionado por interesses materiais diversos: sobrevivência, saúde, obrigações religiosas, aumento de território etc. De um modo ou de outro, ocorreram deslocamentos contínuos de pessoas ao longo da história da humanidade, resta-nos compreender, como, em que condições e a partir de que motivações.

Para Serrano (2000, p. 38) as viagens sempre existiram na história da humanidade, seja como realidade ou como metáfora.

> As viagens reais e as imaginárias envolvem em suas jornadas, a superação ou a negociação de limites psicológicos e a travessia de fronteiras políticas, a construção e a reconstrução de territórios existenciais. As viagens envolvem o trânsito das informações e dos sentidos, da cultura doméstica àquela que se percorre durante a viagem. Elas pedem aproximações e distanciamentos. Mas, em que pese a presença das viagens nas diversas sociedades e culturas ao longo dos tempos, com seus múltiplos e diversos sentidos, conferindo as movimentações espaciais de indivíduos ou grupos um caráter quase imemorial, é possível estabelecer algumas distinções entre tais práticas e distanciamento do ambiente cotidiano. Tomemos, então, o exemplo do turismo – talvez a forma mais inclusiva das viagens na contemporaneidade.

Neste trabalho buscaremos salientar que nem sempre, ao longo da história, a viagem adquiriu o mesmo sentido para o homem. É importante ressaltar, que antes de transformar-se numa prática social presente em quase todas as sociedades contemporâneas, a viagem como a concebemos hoje, tem sua origem e historicidade circunscrita num determinado tempo e espaço. Devemos considerar a viagem turística como um fenômeno abrangente e multifacetado e que é parte integrante de um determinado momento da cultura ocidental.

Para Gourhan (1966, p.152), "a velha imagem da horda primitiva errante é, certamente falsa". Durante todo o período paleolítico superior (antes de 8.000 A.C.), o que parecia marcar o perfil dos deslocamentos humanos, na então reduzida população da terra, não superior a um milhão de pessoas, era o medo. Neste período o homem não era necessariamente sedentário, um certo deslizar progressivo do território do grupo é possível, a emigração acidental e brutal é também possível, mas a situação normal é a frequentação prolongada de um território conhecido nas suas menores possibilidades alimentares. Para os grupos primitivos as relações alimentação-território-densidade humana, mantêm entre si ligações idênticas. A freqüentação do território, portanto, implicava na existência de trajetos percorridos periodicamente. O grupo primitivo é normalmente nómada, isto é, desloca-se segundo o ritmo de aparição dos recursos, explorando seu território num ciclo que depende, o mais profundamente das estações. Há, pois uma relação complexa entre os recursos alimentares, os deslocamentos para sua aquisição e a fixação do território, que é a função do conhecimento suficiente dos pontos alimentares sazonais, o equilíbrio da alimentação, o sentimento de segurança do *habitat*, as fronteiras de contato com os territórios dos outros grupos.

Na passagem do sistema de coleta/caça do paleolítico para o sistema de agricultura/ pecuária do neolítico (entre 8.000 a 3.500 A.C.), segundo define Gourhan (1966, p. 166), há uma fixação da espécie humana ditada simultaneamente pela vigilância dos campos e pela presença do stock alimentar. Será o período da sedentarização agrícola. "Os cereais, as tâmaras ou as azeitonas imobilizam o grupo em torno da sua área alimentar, como o rebanho prende o nómada aos seus passos". O homem passa a ser sobressedentarizado, em decorrência direta de uma acumulação de alimentos que é a conseqüência da imobilização em torno das reservas de cereais. De acordo com o autor, somente depois do neolítico, da agricultura e da pecuária, começam a existir os primeiros movimentos nômades. Primeiro com os pastores, que eram obrigados a seguir as transumâncias de seus rebanhos. Depois, o nomadismo das populações aumentadas em seu contingente e com necessidades coletivas crescentes a partir do domínio sobre técnicas agrícolas e da criação de animais, permitiu a formação dos primeiros núcleos urbanos e a organização das tribos, que correspondem a formações sociais mais complexas.

O progresso técnico entra de fato num ciclo influenciado pela presença de produtos alimentares armazenáveis pelos agricultores. De acordo com Barbosa (2002, p.11), o desenvolvimento de inúmeras técnicas, dentre elas, a manipulação das "artes do fogo" as quais vão cristalizar o progresso técnico – a chamada "Idade de Ferro" -, quando a sociedade necessitava de metais para a criação de armas e utensílios, sacrificava sua auto-suficiência e se via obrigada a depender do comércio (intercâmbio de utensílios) para suas necessidades. Nasciam as primeiras correntes comerciais da história, as quais comportavam uma viagem (no sentido de andar por, percorrer); o metal resultou ser o motor do comércio, por meio do qual, além de se conseguir outros metais e de se intercambiar utensílios, transmitiam-se inventos e novas idéias de um povo para outro. A Idade do ferro seria a encarregada de consolidar o comércio e, com ele , a atividade de viajar. (ERMÚDEZ, 1997, p. 36)

Na Idade Antiga, a invenção da moeda pelos Sumérios (Babilônia) e o desenvolvimento do comércio por volta de 4.000 a.C., marcam provavelmente o inicio da era moderna das viagens. Os Sumérios abraçaram primeiro o dinheiro e o utilizaram em transações comerciais (inventaram ainda a escrita e a roda, e são considerados por alguns como criadores das viagens). A partir dos Sumérios, os homens poderiam pagar pelo transporte e pela acomodação com dinheiro ou pela barganha de mercadorias. O Comércio dá-se, então, em boa parte por meio das viagens. (MCINTOSH, 1975, p.9)

Neste sentido vale também ressaltar a importância dos Fenícios, um povo possuidor de um grande conhecimento de astronomia, que legaram-nos uma presença inconfundível na arte da navegação e no trato com o comércio. Precederam os gregos na descoberta do mundo mediterrâneo e eram caracterizados por suas grandes atividades comerciais e por suas viagens atingindo o Oriente, convertendo-se em importantes mercadores e navegantes. Conforme Mesquita (1986, p. 32), os *périplos* fenícios constituem uma importante fonte histórica que, de certo modo, servem para provar que este povo navegou das ilhas atlânticas à Serra Leoa. Salienta-se que esses diários de bordo (périplos) serviam de fonte e de exemplo aos roteiros medievais e aos postulanos ibéricos e italianos que, devidamente corrigidos, permitiram dar ao mundo 'novos mundos dantes navegados'.

Os gregos se beneficiaram dessa experiência naval, comercial e colonizadora dos fenícios e, pouco a pouco, foram adquirindo o controle do Mediterrâneo Ocidental. Também realizaram grandes viagens que motivaram múltiplas lendas registradas por eruditos e historiadores da época. De acordo com Rejowski (2002, p.18), o povo grego foi uma das culturas mais voltadas às viagens.

O Mediterrâneo desempenhava um papel importante nas viagens nos tempos da Grécia Clássica, no período de 500 a 300 anos a.C. A maioria das cidades-estado gregas foram fundadas ao longo da costa, e havia um comércio considerável entre elas, consistindo em um tráfego intenso. O mar servia como principal via de comunicação nesse período. Os gregos criaram uma rede de aquisição e distribuição de mercadorias entre as várias cidades do Mediterrâneo. As viagens por meio das estradas eram árduas, sobretudo por serem feitas a pé, com o emprego de animais e escravos para o transporte de pertences e suprimentos. Os gregos davam especial atenção às estradas que levavam aos lugares sagrados, principalmente aos dos grandes festivais. De acordo com Barbosa (2002, p. 18), por terra ou por mar, as viagens pela Grécia, apresentavam-se como deslocamentos perigosos. Para aqueles que fizessem a opção pelo mar, poderiam sofrer ataques de piratas ou de inimigos, se fosse um período de guerra. Nas estradas poderiam surgir emboscadas, dificultando a proteção dos viajantes. Por razões de ordem moral e religiosa o povo grego, com poucas exceções, não viajava motivado pelo lazer. O profundo apego deísta e a austeridade do modo de vida helênico deixavam, com efeito, pouco tempo para o ócio e o divertimento, em oposição ao espírito prático dos romanos, ligado ao relaxamento do religioso e à emergência da laicização de modos de vida, privilegiando todas as formas de prazer que a existência podia comportar, aí também enquadrados os prazeres das viagens. (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002, p. 20)

As viagens para os gregos eram motivadas por um misto de turismo religioso de peregrinação e turismo de saúde. Além dos jogos olímpicos, que operavam como um dos motivadores de um grande fluxo de viagens de atletas e de público.

> Olímpia era um dos mais famosos santuários dedicados a Zeus a várias outras divindades. A Cada quatro anos milhares de gregos, provenientes de todos os lugares conhecidos, convergiam para lá a fim de participar ou assistir aos jogos dedicados à honra de Zeus. Os primeiros jogos olímpicos aconteceram em 776 a.C., e eram bem diferentes dos atuais. Havia menos eventos e somente os homens livres podiam competir. Os atletas ficavam concentrados num alojamento

> conhecido como *Leonidaion, nomo* oriundo de um de seus patrocinadores, Leônidas. Além dos jogos olímpicos, outros três jogos eran celebrados e atraiam viajantes de várias regiões gregas: os jogos pítios, os jogos ístimicos e os jogos nemeus. (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002, p. 21)

Vale destacar ainda, a *hospitalidade*, como uma das grandes características a serem ressaltadas, nas viagens pela Grécia. Na medida em que era uma prática de todos os gregos e baseada num preceito divino. Os estrangeiros e viajantes eram protegidos por Zeus Xênios, ou Zeus Viajante. A Hospitalidade segundo Cunha (1997, p. 63), constituía-se num ato honroso e numa instituição que obrigava o cidadão grego a receber com benevolência os estrangeiros que chegassem à cidade. Além dos aspectos já citados, o desenvolvimento das viagens na Grécia antiga, foi facilitado pelo sistema de troca de moedas - o dinheiro das cidades-Estado da Grécia era aceito como moeda corrente, eliminando a necessidade de se viajar com uma grande carga de produtos para troca -. Além do conhecimento da língua grega difundida em toda a região mediterrânea, o que tornava fácil a comunicação para o viajante.

> Aqueles que recebiam deviam dar de beber aos hóspedes, oferece-lhes sal e lavar-lhes os pés, mesmo antes de perguntar-lhes o nome e saber o motivo da viagem. Em matéria de hospitalidade pública eram designados pelo Estado certos cidadãos, chamados de proxenos[5], cuja missão era receber os estrangeiros, orientá-los e, caso surgissem complicações, ajudá-los a regressar às suas cidades de origem. (REJOWSKI, 2002, p. 21).

Para Yasoshima e Oliveira (2002, p. 23), o florescimento das viagens na antiguidade clássica atingiu seu apogeu com a expansão de Roma em 241 a.C. que assumiu o controle sobre a Sicília. Tendo o seu maior crescimento durante os últimos cem anos a.C. e especialmente quando Julio César estava no poder. Na constituição do Império Romano, da Baía Ocidental do Mediterrâneo até ao Mar Oriental, ficaram integradas diversas cidades gregas. A partir de então, alguns preceptores gregos (se não de nascimento, pelo menos de formação) apóiam a educação familiar dos jovens romanos - o Florescimento da civilização romana foi incapaz de permanecer imune ao contagio pelo Helenismo -. Paralelamente a esta

---

[5] Do grego pro, antes ou para, xênio, estrangeiros, primeiro funcionário público com atribuições específicas para cuidar de viajantes estrangeiros.
Alguns autores vêem no proxeno, o primeiro funcionário do Estado, especialmente designado para atuar na área de viagens. Outros, como Goeldner, Richie e McIntosh (1999, p.51), comparam os proxenos aos atuais embaixadores e cônsules. (REJOWSKI, 2002, p.21).

preceptoria particular, no seio das grandes famílias surge o ensino público do grego, ministrado em verdadeiras escolas, umas vezes por escravos gregos que assumem o papel de mestres, outras, por mestres gregos qualificados. Não satisfeitos com este tipo de educação, muitos jovens romanos deslocar-se-ão à Grécia para aí completarem os seus estudos. De acordo com Rejowski (2002), certos romanos, pertencentes à elite, também viajavam por prazer para a Grécia e o Egito e utilizavam os guias de viagens, conhecidos como ***periegeses***, precursores dos guias turísticos atuais. Nesses guias eles encontravam informações sobre as cidades que iriam visitar, seus monumentos, atrativos, modos de vida e costumes de seus habitantes. A periegese Descrição da Grécia (Periegesis Hallados), escrita pelo viajante grego Pausânias, era o guia mais completo. O autor começa sempre a descrição de cada cidade com uma sinopse de sua história e sua topografia. Comenta com detalhes o cotidiano da população local, os cerimoniais, as lendas e o folclore. Dá atenção especial à descrição dos monumentos, da arte e da arquitetura.

Destacamos ainda, alguns fatores que foram fundamentais para o extraordinário desenvolvimento das viagens durante o Império Romano, como por exemplo, a ***Pax Romana***[6] - correspondendo a dois séculos de paz, sem precedentes na história mundial -. Isso significava que o viajante podia fazer um trajeto do muro de Adriano até o Eufrates, sem cruzar fronteiras hostis. Um outro fator importante foi a construção de uma infra-estrutura viária extensa, que formava uma ótima rede de estradas, pontes e viadutos. Os romanos começaram a abrir estradas[7] em 150 a.C. e se esmeraram na arte da construção, apreendida com os Etruscos. Conforme Barbosa (2002, p. 19-20), os romanos conseguiam viajar mais de 150 quilômetros num único dia usando cavalos. Construíram vários tipos de veículos de transporte e uma vasta rede de comunicação através das estradas. Uma delas a Via Appia, teve início em 312 a.C. Ressalta-se ainda, que Roma no auge do Império era uma cidade

[6] Á época marcada pela reunificação do império e do mundo sob a égide da Pax Romana, criou-se uma ordem de prosperidade propicia à mobilidade dos homens, das mercadorias e das idéias. O Alto Império viu as grandes expedições indo em direção ao Norte desconhecido, com as frotas de Germanicus integrando o longínquo e misterioso Egito ao "espírito do povo romano". (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002, p.24).

[7] Os romanos, segundo Torre (2002, p.10), tinham dois tipos de estradas as pretorianas e as consulares. As pretorianas eram feitas com propósito militares e controladas por pretores (chefes militares). Por outro lado, as estradas consulares eram destinadas ao uso geral, facilitando assim as comunicações no território romano; estas estradas, cuja finalidade era basicamente de caráter comercial, ficavam sob responsabilidade dos cônsules que as construíam e mantinham. (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002, p.27).

superpovoada, com grandes aglomerações e um milhão e meio de habitantes. De acordo com Sigaux, (1965, p. 11 apud. REJOWSKI, 2002), essa situação fez com que aumentassem as residências secundárias para onde os romanos se mudavam no verão. Os privilegiados (membros da cúria, titulares de grandes empregos e administradores e ricos da época) construíam residências secundárias nos arredores de Roma, ao pé do monte *Albains*, em *Òstia* ou, mais alto, na Úmbria, locais onde mantinham vilas, piscinas, termas e jardins. Além desses fatores, o crescimento de uma espécie de "classe média" favoreceu muito as viagens regionais e sazonais de férias no verão, cujos principais destinos ficavam à beira-mar. Segundo Rejowski (2002, p. 24), os centros de férias de moda situavam-se ao redor da Baia de Nápoles , com uma clara evidencia da primeira segmentação entre esses destinos. "Nápoles atraia os intelectuais e aposentados, *Cumae* era o centro de férias da moda, *Puteoli* atraia os "turistas" mais formais, enquanto *Baiae* era uma cidade balneário e atraia os viajantes de menores recursos, notórios por serem briguentos, bêbados e boêmios". O desenvolvimento das instalações termais[8], iniciadas por Agripa com a construção das termas do Campo de Março, em 25 a.C., em Roma, marcou o nascimento dos verdadeiros centros de interesse dos viajantes. Os Romanos transformaram os banhos em centros de atrações espalhados por todo o território imperial: na Itália, França, Espanha, Portugal, Inglaterra, Romênia, Norte da África e Àsia Menor.

A prática do *otium* para os romanos implicava na variedade e na diversidade dos momentos. Os passeios, as leituras e as conversações se alternavam com a pesca e os banhos sulfurosos. Cícero afirmava que era "graças ao *otium* que a vida valia a pena de ser vivida". De acordo com Yasoshima e Oliveira (2002, p. 28), as festas e jogos formavam uma parte importante do lazer. As exibições teatrais e os combates de gladiadores tinham sua origem nos sacrifícios religiosos do culto devotado aos deuses da cidade e do Estado e dedicadas ao imperador. Mas, ao contrário do que se passava na Grécia, as festas romanas não eram responsáveis por muitos deslocamentos regionais dentro das províncias. Era a população da vila que assistia aos seus espetáculos e participava das festas. A cidade romana era menos aberta ao público de fora e ao estrangeiro, ao contrário do que ocorria nas cidades gregas.

[8] Grande parte das estâncias termais européias em funcionamento, e que hoje são importantes centros de atração turística, tiveram seu início com os romanos e, em alguns casos, matem o mesmo esplendor do passado. Tal é o caso de: (Bath, na Inglaterra, São Pedro ou Luso, em Portugal Vichy, Mont-Dore ou Évian, na França).

Com a queda do Império Romano, em 476 d.C., surgem enormes dificuldades para as viagens. A ordem deixa de existir e, em muitas regiões, as estradas são destruídas ou desaparecem. Os deslocamentos tornaram-se perigosos e difíceis devido a falta de segurança, aos saques e assassinatos e aos ataques dos bárbaros. A viagem para Halloway (1997, p. 37), era sinônimo de um trabalho (travail) árduo e penoso. O medo de se percorrer longos percursos teve como resultado a realização de pequenos deslocamentos, feitos mais perto dos lugares onde as pessoas moravam.

Na Idade Média os perigos e desventuras das viagens estão presentes nos relatos do homem medieval. Para o viajante da Idade Média, a viagem é, antes de tudo, sofrimento. De acordo com Rejowski (2002. p. 31), nesta época a sociedade tinha algumas características próprias como a fixação do homem à terra, a atividade econômica predominantemente agrícola, a auto-suficiência do feudo e a ausência de um comércio desenvolvido. Por isso as pessoas raramente tinham necessidade de se colocar para fora dos domínios de seus feudos.Como a vida rural tinha um conjunto de hábitos sedentários e muito enraizados, as viagens não faziam parte da cultura medieval. Vivia-se por força do trabalho e de economias, mas não havia margem de excedentes que permitissem o luxo das viagens ou dos lazeres. O artigo Aspectos das Viagens Medievais (BATISTA NETO, 1988), deixa claro a atmosfera de angústia e de terror em que vivia o *homo viator*. Com freqüência a rota era mesmo muito cruel para o peregrino. Por toda parte no seu percurso, riscos, incertezas, perigos dos homens, perigos da natureza, rigores do clima, privação. Os relatos dos textos medievais fazem referências abundantes aos perigos previstos e imaginados da viagem, negligenciando as referências aos pormenores às longas e penosas viagens, em seus aspectos cotidianos, como informações relacionadas com gastos, transporte e obtenção de dinheiro, alojamento, alimentação, cavalos etc.

> [...] Os guias que se apresentavam aos viajantes reunidos em St. Rémy [...] usavam gorros de feltro, luvas de lã e botas munidas de pontas de ferro. Exigiam um alto preço e prometiam conduzir os viajantes e seus cavalos pela difícil passagem. Mas, logo que saíram da aldeia, foram sepultados por enormes massas de gelo. Aterrorizados com o vento, os peregrinos retornaram a Etroubles, onde aguardaram que os tempos melhorasse. Só mais tarde e novamente com o auxílio

> de guias, eles se arriscaram a cruzar o ameaçador São Bernardo (BATISTA NETO, 1988, p. 128).
>
> Devolva-me à companhia de meus irmãos, para que eu possa dizer-lhes que nunca venham a este lugar de tormento [...] (p. 182).
>
> Nos passamos um bom mês suportando tal fome e sede que nós poderíamos apenas permanecer vivos porque o alimento preparado era adequado para um (p. 185).
>
> Em 1097, o reduzido exército do Duque Roberto seguir para Bari. Lá os soldados foram surpreendidos pelo espetáculo de um naufrágio. Sem razão aparente o navio dividiu-se em duas partes, perto das praias. Neste acidente morreram 400 pessoas, cavalos e mulas se afogaram e muitos bens se perderam. Alguns elementos que, jurando nunca mais arriscar a vida em viagens desse tipo, abandonaram a companhia [...] (p. 186).
>
> A violência humana, decorrente dos conflitos políticos, é um dos males que aparecem com mais freqüência nos textos medievais[...] os viajantes que transportavam cartas ao papa corriam sérios perigos: alguns foram aprisionados, outros enforcados, outros ainda tiveram os seus lábios cortados e foram enviados, mutilados, ao pontífice [...] (p. 187).

A natureza é vista como inimiga, perigosa, muitas vezes os acidentes geográficos são intransponíveis. Por terra ou por mar, o viajante era obrigado a enfrentar um concerto de dificuldades e de perigos. Uma das mais sérias inimigas dos viajantes eram as doenças, sem considerar as dificuldades materiais, os conflitos, a escassez de alimentos, a falta de boas acomodações, os naufrágios, os ataques, a inadequada higiene, o excesso de calor, somados às diferentes concepções de mundo, religião, políticas entre outras, acentuavam essas dificuldades e colocavam o viajante ainda mais em risco.

Os cronistas, destas viagens acrescentavam às dificuldades materiais e reais, os riscos imaginários. Fruto desta imaginação, os viajantes costumam incluir as ameaças de fantasmas, que freqüentam zonas pouco ocupadas pelo homem, como, por exemplo, florestas, montanhas, desertos. A presença de espíritos no deserto é um dos perigos mencionados por Marco Pólo no seu célebre livro sobre o oriente. Diz-nos o mais famoso dos viajantes medievais:

> Quando um homem está cavalgando a noite pelo deserto e algo acontece que o faz retardar-se e perde o contato com seus companheiros, por ter caído no sono ou por alguma outra razão e, depois quer reunir-se a eles, então ele ouve espíritos falando de maneira que parecem seus companheiros. De fato, eles, às vezes, até mesmo chamam pelo nome. Freqüentemente essas vozes fazem-no desviar-se de sua rota de maneira que ele nunca a encontre novamente e, dessa maneira, muitos viajantes

> se perderam e morreram. [...] Por razões como essas, bandos de viajantes decidiam manter-se sempre bem próximos uns dos outros. Antes de ir dormir, erguiam um marco apontado para a direção na qual tinham que viajar. E, em torno do pescoço de todos os seus animais, fixavam pequenos sinos de maneira que, ouvindo seu som, poderiam evitar que se afastassem da rota [...] (BATISTA NETO, 1988, p. 191).

Tal era o nível das dificuldades, que a busca era mais pela segurança ou pelo objetivo final da viagem do que uma busca hedonística.

> Com certeza o homem medieval, não ficou totalmente insensível à beleza da natureza, aos encantos das diversas cidades e à variedade das populações e seus costumes. Todavia, a concepção de viagem como peregrinação, que é um dos elementos da mentalidade da época, impediu de enxergar além das aflições cotidianas do caminho, do objetivo de seu esforço e do proveito decorrente dele. Na Idade Média, a viagem nunca é retratada como prazer. Se o foi para algum viajante, não foi apresentada assim nos textos, onde a realidade sempre era ajustada à atmosfera mental predominante. Só em 1580, em plena Idade Moderna, é que surge a primeira obra onde a alegria de viajar aparece nitidamente delineada. Trata-se do Journal du Voyage em Italie, de Michel de Montaigne. Nela não encontramos mais o homo viator, sempre a caminho de uma Jerusalém que só pode ser alcançada numa outra existência. O novo viajante, que surge das ruínas no mundo medieval, é o que, curioso e maravilhado, busca conhecer, sempre mais [...]. (BATISTA NETO, 1988, p. 195)

O viajante de Montaigne[9] apresenta uma atitude radicalmente oposta à do homem medieval. A viagem de tal modo o interessa e o entretém, que o seu fim não é desejado. No *Journal du Voyage em Italie,* as viagens deixam de ser encaradas exclusivamente como peregrinações. A partir do século XVI, viagens e peregrinações não mais se confundem. Se estas últimas continuam a existir mesmo em pleno mundo contemporâneo, é num sentido restrito, como uma espécie particular de viagem, com características especiais que perpetuam as atitudes e as práticas do homem medieval. É importante observarmos que a viagem poderia ser também, tida como uma possibilidade de ampliação de conhecimentos acerca de outras realidades, uma vez que era escasso o fluxo de informações. Corbin (1989), informa sobre os testemunhos esparsos, durante o 2º terço do século XVII, que esboçam um sistema

[9] Em 1580, em plena Idade Moderna, surge a primeira obra onde a alegria de viajar aparece nitidamente delineada. Trata-se do *Journal du Voyage em Italie*, de Michel de Montaigne. Nela não encontramos mais o *homo viator*, sempre a caminho de uma Jerusalém que só pode ser alcançada numa outra existência. Nos relatos do *Journal du Voyage em Italie* não encontramos nem a obstinada preocupação em atingir o objetivo final da viagem, nem a enumeração das dificuldades materiais e violência. O viajante Montaigne sente prazer em conhecer as pequenas localidades em detrimento das grandes cidades; o gosto pela descoberta de lugares interessantes fá-lo esquecer todos os incômodos e, até mesmo, a sua própria doença; e a viagem de tal modo interessa e entretém que o seu fim não é desejado.

de apreciação um pouco diferente. O percurso das praias de mar integra-se a um conjunto de práticas da natureza que respondem ao plano de vida de uma elite desejosa de retorno às fontes.

> Em sua modernidade, a teologia natural[10] cessa de analisar o homem e o universo em termos de analogias; constitui o mundo exterior em espetáculo. Mas os físico-teólogos, apesar dos ataques que sua concepção irá sofrer com os progressos da astronomia e a hipótese da pluralidade dos mundos habitados, com a revelação do infinitamente pequeno e a descoberta de desertos imensos, permanecem fiéis à concepção antropocêntrica do universo. Estes sábios religiosos propõem um sentido ao espetáculo da natureza, e ao mesmo tempo, censuram a indiferença diante dele; percebem o mundo exterior como uma representação dada por Deus à sua criatura mais perfeita, o que implica a importância atribuída ao tema do paraíso perdido, fascinante cena inicial sobre a qual o projeto divino podia manifestar-se em toda sua perfeição. (CORBIN,1989, p. 30).

A teologia natural vem implicar numa educação do olhar. Ela opera com sucesso a dissolução das imagens repulsivas inicialmente evocadas. Deste momento em diante as elites sociais buscam experimentar essa nova relação com a natureza. Será o momento de encontrar o prazer até então desconhecido, de usufruir um ambiente convertido em espetáculo. Esta evocação permite captar essa que é uma das motivações mais profundas da viagem turística.

> Durante os anos de 1650, a contemplação, repito, está na moda; passando as agitações da fronda, emerge o gosto pela solidão na natureza, é aquilo que Henry Brémond qualifica de 'santificação da paisagem'; espera-se que a beleza do meio ambiente induza os corações às lágrimas, ao arrependimento e à conversão. (CORBIN, 1989, p. 35).

Ao aprendizado de que as coisas da natureza beneficiam o homem, como, por exemplo, o sal, acrescentasse a contemplação que passa a ser uma obrigação, um modismo, criando praticamente um compromisso. O homem se vê obrigado a apreciar a natureza, pois acredita que Deus a fez pensando nele próprio, sua maior criação. É importante ressaltar que esta é uma contemplação com menos risco, em função de algumas facilidades criadas pelo homem. Alain Corbin (1989), cita que o domínio que o holandês conseguiu exercer sobre a natureza, traduz-se de fato, numa rede de transportes e num conforto muito superiores aos

[10] Teologia Natural - A teologia natural assinala, com efeito, uma transição. Atesta a dissolução de um mundo vivo e harmonioso, proposta no Timeu, sistematizado por Aristóteles e os Alexandrinos, expostos no final do século XV por Raymond de Sebonde e vulgarizado pelos neo-platônicos do Renascimento. Esse sistema implicava a crença em misteriosas correspondências entre o mundo físico e o mundo espiritual, entre o humano e o divino, entre o homem – o microcosmo – e o universo – o macrocosmo. Constituído por uma rede de analogias, o mundo exterior ainda não era visto, antes de tudo, como um enigma a resolver pela observação, nem como um conjunto de formas a ser dominado pelo saber científico.

que o viajante pode então experimentar nos outros Estados. Percorrendo regularmente os rios, os ribeirões ou canais, a embarcação de Sirga constitui um agradável miradouro. O viajante, cuja contemplação não é interrompida por acidentes de percurso que afetam a viagem de carruagem, passa o tempo observando o espetáculo, que desfila lentamente. Alguns miradouros privilegiados, tornados etapas obrigatórias da viagem à Holanda, prestam-se particularmente a essa emocionante reconstituição do mundo em miniatura.

Entre 1698 e 1740, levas de turistas britânicos espalham-se pela Europa enquanto se difunde na França a moda da viagem à Itália. A visita à península permite associar a lembrança literária à contemplação das obras, tornando familiar ao olhar, essas paisagens que inspiraram os escritores antigos e os artistas do século XVII. Assim se renova, pela primeira vez, o costume já muito antigo da viagem à Itália, que não cessa de enriquecer a sedimentação dos atrativos. O prestígio do termalismo, a peregrinação religiosa, as origens da cristandade, a estadia universitária, as visitas aos museus, a necessidade inglesa de recreação vão aos poucos sendo reforçados ou revezados pelo vago desejo de desfrutar do espetáculo da natureza que se converterá em deleite quando chegar à época da estética neoclássica e da viagem pitoresca. O itinerário, da mesma forma, é estritamente codificado. Na volta, a similaridade do percurso permitirá a conivência dos turistas e o confronto das emoções. O viajante observa a natureza, mas segundo um código elaborado particularmente, de acordo com um modelo clássico de apreciação de uma praia. O olhar põe-se a serviço do texto antigo escrito na memória, e com o qual o turista se deleita desde a adolescência.

> O processo de distribuição social, induzido pela viagem clássica, irá complicar-se posteriormente. os conhecimentos filológicos exigidos do amador do final do século, a sensibilidade estética de que deve dar mostras numa época em que o código pitoresco refina a capacidade visual da análise, desenham um horizonte cultural de uma amplitude inteiramente nova. simultaneamente, a composição do público produzido pela literatura de viagem vê-se modificada. (CORBIN, 1989, p. 37).

Este também é o momento em que o desejo da coleção, a proliferação das cópias, a vulgarização das técnicas pictóricas, impulsiona a nova moda que institui o *Grand Tour*[11]

[11] Gran Tour – O termo foi usado pela primeira vez por Richard Lassels em uma edição de 1670 do Livro Voyage Of Italy: or a compleat jorney Italy. A publicação inglesa não pode ser efetivamente considerada

como complemento à nova educação do jovem gentlemam. O início do século XVI surge como uma nova era de curiosidade e exploração, culminando com a popularidade do *Grand Tour*. Segundo Yasoshima e Oliveira (2002, p. 36), o Conceito elisabetano (Elizabete I, da Inglaterra) era o de desenvolver, por meio de uma educação acurada, uma nova classe de estadistas profissionais e embaixadores. Para completar a sua educação, os jovens ingleses viajavam por toda a Europa em companhia de seus tutores. A prática continuou a se desenvolver nos séculos XVII e XVIII, até se tornar uma moda entre as ricas famílias inglesas. A Educação dos nobres não era considerada completa, a menos que eles passassem de um a três anos viajando pela Europa, com um tutor. O perfil do viajante elisabetano, segundo Feifer (1985, p. 64), era tipicamente de um homem inglês, solteiro, na faixa etária dos vinte anos, recém saído de Oxford ou Cambridge, viajando para fora a fim de saber como o mundo andava e, assim, preparava-se para se tornar membro das classes poderosas. Homens casados não iam, por causa de seus deveres familiares. Homens velhos não podiam ir, porque se cansavam facilmente e não tinham estômago para comidas estrangeiras. Mulheres não ousavam, porque as viagens eram uma ameaça para sua virgindade. Em todos os sentidos, o viajante elisabetano era um privilegiado.

Camargo (2001a, p. 52), chama a atenção para os valores restritos que inscrevem estas viagens, tais como: as características restritas à paidéia aristocrática, o tempo de viagem de 6 meses à 2 ou 3 anos, o fato de serem apenas homens que dela participam, jamais mulheres. Há também uma faixa etária a considerar: entre 20 e 25 anos. Este contexto leva a um questionamento sobre a relevância de tais viagens, na medida que era um produto de consumo reduzido para a aristocracia inglesa. E, embora a equipagem e os acompanhantes variem segundo os índices de riqueza, estamos longe daquilo que se concebe como uma viagem turística.

Segundo Andrade (1992, p. 9), os Ingleses, importantes e ricos, consideravam detentores de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroadas

---

responsável por está prática ou costume àquele momento já vigente a tempos.Entretanto, o nome atribuído e fixado permite codificar e institucionalizar as características da viagem. Bem como revela por si, a importância social do fenômeno, ampliando consideravelmente o círculo de adesões e participantes. Torna-se imperativo na camada aristocrática, entre áulicos e dependentes desse estrato, um rito de iniciação e um instrumento de poder. (CAMARGO, 2001a, p. 51).

por um *Gran Tour* através da Europa. O ponto alto da viagem para o grand tourist era o conhecimento das cidades de Roma, Florença, Nápoles e Veneza, mais ou menos nessa ordem de importância para a época. Este, geralmente na companhia de um preceptor, vivenciaria nestas viagens, aquilo que parecia fundamental, aquilo que já se conhecia através de fontes literárias. Corbin (1989), cita que o Gran Tour e a visita a Nápoles vêm avivar ou reatualizar na imaginação dos viajantes um modelo de lazer que, a partir de então, contribuiu para modelar o ritual social no meio rural inglês e nas estações termais do interior .

Quando o roteiro para Europa passou a ser familiar à nobreza e á aristocracia, as atenções destes cidadãos da alta sociedade passaram a voltar-se aos que chegavam de viagem às Américas, às Índias Orientais, ao Extremo Oriente, ao Êgito e às cidades portuárias da África do Norte. Essa moda difundiu-se também entre os europeus.

O Grand Tour foi bruscamente interrompido em 1789 pela Revolução Francesa, seguida pelas guerras napoleônicas. Por volta de 1814 as viagens para o continente praticamente cessaram. Camargo (2001a, p. 53), chama atenção, para o fato de que, mesmo que o Gran Tour não seja turismo, este não deixou de prefigurar, o que entendemos hoje por *Circuito de Turismo Cultural*, [...] "na medida em que conferiu aos locais e às coisas, uma aura que emana daquilo que necessariamente *se deve ver ou fazer*, sem o que as finalidades da viagem não se completam". Neste caso, a viagem cultural, é um meio, um instrumento de reconhecimento. Acrescenta ainda, outras duas características do circuito cultural, que já se verifica no Gran Tour e que permanece hoje. Uma característica diz respeito à dimensão econômica inerente ao turismo cultural, da compra e venda de materiais diversos, os *souvenirs*, sem que nos preocupemos nesta instância, com o valor real das mercadorias e dos bens. A outra, a despeito da ameaça da homogeneização: trata-se do conhecimento e aprendizado de valores locais, nacionais e, se isso é possível, universais.

> Trata-se aqui da Identidade do sujeito e aquela do outro, fenômeno que se articula em torno do que se pode chamar alteridade. Aspecto relevante do atrativo cultural. Neste contexto, ocorre um momento de conhecimento e aprendizado de identidades. Adquirindo conhecimento, este se reporta à esfera social: distingue, consolida a posição do indivíduo no próprio grupo ou facilita a possibilidade de articular-se a outros grupos. (CAMARGO 2001a, p. 54).

Os relatos de Goethe em seu diário de viagem à Itália, deixam claros tais aspectos:

> Parti ontem de Trento, e estou aqui em Revorendo, onde as línguas se separam: o indivíduo alemão desaparece inteiramente: o italiano reina, enfim sozinho, e eu me vejo forçado a recorrer aos meus conhecimentos filológicos. Até o presente o italiano não fora para mim mais do que uma língua puramente literária.
>
> [...] fui passear nos arredores, e só então compreendi estar no meio de uma outra nação. Os homens são aqui de uma índole inaudita, e se descuidam até das coisas de primeira necessidade [...] Por sua vez, as mulheres tagarelam e falam aos gritos o dia todo.
>
> Por ocasião de minha visita à Universidade [de Bolonha] um dos meus antigos pensamentos me voltou à memória: o de que o homem se apega às coisas do passado [...] os estabelecimentos científicos têm sempre o ar de mosteiros porque foi nos mosteiros que a ciência encontrou de início seu refúgio. (OLIMPIO, 1959, p. 88 apud CAMARGO, 2000a).

Assim o Gran Tour dos séculos XVII e XVIII, estimulado pela prática da viagem da aristocracia inglesa leva a um lento desenvolvimento de uma rede de serviços e se transforma em uma nova forma de enxergar o mundo. Estes fatores somados as transformações das relações sociais que levam às conquistas dos trabalhadores urbanos em termos da redução da jornada de trabalho, de descanso e férias remuneradas no século XIX, além do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e dos meios de transporte, instituíram o turismo como uma importante prática social.

Antes dos desdobramentos destes novos contextos, buscaremos trabalhar algumas referencias conceituais fundamentais, ligados ao tema.

1.2 Referências conceituais: Origem e Desdobramentos

A complexidade e a diversidade presentes no turismo tem originado um vasto universo de definições, de acordo com a disciplina a que pertençam os seus autores. Neste contexto, basta dizer que o turismo é um fenômeno social que atualmente abrange o mundo inteiro do ponto de vista geográfico, e praticamente todas as camadas e grupos sociais. A conceituação do Turismo não pode ficar limitada a uma simples definição, pois que este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo, em que é explicado conforme diferentes correntes de pensamento, e verificando em vários contextos de realidade social.

Neste sentido buscaremos aqui, apresentar um quadro de referência das origens e dos desdobramentos das conceituações para o estudo do turismo. Neste contexto, apresentaremos inicialmente o conceito de sujeito da viagem, seguindo rumo, às referencias que trazem o deslocamento turístico em suas implicações sociais, econômicas, espaciais e culturais. Neste contexto, ressaltamos que, o turismo só torna-se objeto de estudo sistêmico apenas quando de sua transformação em elemento de consumo de massa, com ênfase especiais em suas características técnicas e operacionais, e mesmo econômicas, como veremos a seguir.

De acordo com Camargo (2000a, p. 52), "Tour" foi responsável pela palavra Turista. No século XVIII na Inglaterra, apareceu a palavra *tourist,* que significava o viajante, e somente no século XIX, aparece a palavra *Touring* ou *Tourisme* para designar a ação de ser turista. Essa denominação foi dada àquele que realizava o Grand Tour. Aos poucos a denominação Grand- Tour foi sendo substituída por *Tourism*. Primeiro os indivíduos e os grupos, depois a prática, se impõe, socialmente.

O primeiro registro da palavra turismo remonta-se a 1800 e está no pequeno dicionário de Inglês Oxford: "Turismo: A teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer. Uso, depredação". A raiz tour aparece documentada em 1760, também na Inglaterra. A etimologia da palavra permite indicar sua procedência latina *Tournus* (torno) como substantivo, e *tornare* (redondear, tornear, girar) como verbo. A idéia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz claramente, da raiz comum, que origina *tornus e tornare*. Parece que o turnê britânico, de 1746 – *to take a turn* – cedeu lugar, em

1760, ao tour que usamos até hoje, de influência francesa. Sua primeira utilização como título em uma obra sobre viagens foi também em Londres, em 1810, no livro Henry Swinburne, Picturesque Tour Spain. Em seus princípios históricos, para Fuster, o conceito simples e vulgar da palavra turismo seria sinônimo de "viagem por prazer". (MOESCH , 2000, p. 10).

Em 1911, o economista austríaco *Herman Schattenhofen* escrevia; "Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado".

Em 1929, surgiram as conceituações da chamada "Escola Berlinesa", a partir dos esforços de *Benscheidt Glücksmann* e outros. O Turismo passa a ser entendido como "um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local no qual não têm residência fixa". Outros autores contribuem com definições semelhantes, abrangendo aspectos de consumo de luxo, motivações pessoais, mas sem deixar de enfatizar o deslocamento de pessoas: *Morgenroth* afirma: "trafego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência, para se deter em outro local, com objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais".

A Sociedade das Nações em 1937, determinou um critério estatístico para definir a categoria de turistas: "toda a pessoa que viaja durante 24 horas ou mais por qualquer outro país distinto a sua residência habitual". Ressalta-se, nessas conceituações, a importância dada aos efeitos econômicos nos núcleos receptores, e não ao interesse teórico ou apreensão metodológica de conhecimento do fenômeno, como objeto de conhecimento.

Após a Segunda Guerra Mundial houve uma qualificação nas conceituações. Autores contemporâneos ampliam as conceituações: Para *Fuster*[12]:

---

[12] Luiz Fernadez Fuster - autor da Teoria Y Técnica Del Turismo – editada pela primeira vez em Madri, em 1967, e logo considerado "texto oficial" para escolas de turismo por resolução do Conselho reitor do Instituto

> "Turismo é, de um lado, conjunto de turistas, do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em conseqüência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agencias de viagens, transportes, espetáculos, guias-interpretes que o núcleo deve habilitar, para entender as correntes. Turismo é o conjunto de organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras".

Para a Organização Mundial do Turismo: "Turismo é a soma de relações e de serviços resultante de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais". Fica claro nesta conceituação o reducionismo em relação às dimensões qualitativas e quantitativas complexas do fenômeno.

Uma das conceituações consideradas mais complexas é a de Òscar De La Torre (1992):

> Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura, ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Gostaríamos de chamar atenção para as definições, apresentadas em Beni (1998, p. 38). O autor avança na construção do campo metodológico pertinente ao turismo, quando propõe a aplicação dos fundamentos de uma teoria dos sistemas a esta área do conhecimento, permitindo abordagens interdisciplinares e multidisciplinares do turismo, tentando abranger a essência total do assunto. Relativizando as definições econômicas e técnicas, o pesquisador aponta perspectivas holísticas como as mais apropriadas na apreensão do fenômeno turístico, pois estas trazem como característica deste campo de estudo o reconhecimento de que o turismo abarca muitos aspectos que se centralizam no principal, isto é, os turistas.

---

de Estudos Turísticos – registra uma das mais consistentes tentativas de construção de uma teoria para o turismo. Nas suas 1.183 páginas, a abordagem funcionalista adota buscar uma concepção totalizadora, e mesmo sistêmica, diante dos fatos turísticos, englobando cada um deles num conjunto integrado de natureza teleológica, ou seja, finalista. Cada elemento, ou suas características determina um certo estado de totalidade-sistema, o qual, por sua vez, condiciona o funcionamento do conjunto.

Os professores suíços Hunziker e Krapf (1942 apud BENI, 1998, p. 39), definiram turismo como: "A soma dos fenômenos e das relações resultantes da viagem e da permanência de não-residentes, na medida em que não leva à residência permanente e não está relacionada a nenhuma atividade remunerada".

Para Jafar Jafari (1994 apud TRIGO, 2000, p. 26), Turismo é o estudo do homem longe do seu local de residência da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora. Este autor incorpora teorias e conceitos de campos afins como, por exemplo, antropologia, sociologia, economia, geografia, ciência política, ecologia e estudos urbanísticos.

Chamamos atenção para a quantidade de definições e autores que tratam do assunto. Estes assinalam a imensa dificuldade para uma definição precisa e abrangente de turismo, levando em conta que o fenômeno é extremamente e, portanto, se torna praticamente impossível expressá-lo corretamente.

Consideramos que os contextos até então ressaltados neste trabalho, servem de base para uma compreensão da chamada viagem turística. Esta que encontrará na Revolução Industrial as condições para o elemento central de sua infra-estrutura, na medida em que transporte e comunicação, já se dão em meados do século XIX: o telégrafo elétrico, o trem, o navio à vapor. Esses elementos trazem a expansão, rapidez e controle das informações; diminuição do tempo de viagem. O turismo no século XIX e ainda hoje em alguns casos, é um fenômeno que se apropria da infra-estrutura dos meios de comunicação e transportes. Essa apropriação transforma e recria a realidade.

A seguir abordaremos o que Camargo (2001a, p. 43) chama de "a invenção do Turismo num tempo de revoluções", de tal forma a verificarmos as implicações e dimensões da Revolução Industrial para o turismo.

1.3 A Revolução Industrial - Trabalho e Tempo Livre

De acordo com Serrano (2000, p. 38), no século XIX, a idéia de viagem encontra terreno fértil para se expandir. As transformações das relações sociais, as relações de trabalho e os direitos conquistados pelos trabalhadores, a tradição iluminista, motivando o conhecimento do mundo e de si mesmo, as condições de vida urbana, a melhoria de infra-estrutura de transporte e de comunicação, são fatos que irão oferecer condições para viagem turística emergir, particularizando-a, em relação a outras viagens, já existentes.

Neste contexto, ninguém poderia ser mais emblemático do que Thomas Cook, ao constituir pouco a pouco sua empresa comercial, elemento organizador e controlador do tráfego turístico. Para Rejowski (2002, p. 53), é ele quem estabelece as bases do turismo, sendo denominado de primeiro operador profissional, o fundador das agências de viagens, ou ainda o pai do turismo moderno. Sua primeira viagem organizada estava vinculada ao movimento de temperança, contra ingestão de bebidas alcoólicas.

> Cook convence os donos da estrada de ferro Midland Railway Co. a colocar um trem especial entre Leicester e Loughborough, para um encontro dos membros de temperança a ser realizado no início do verão, em 5 de julho. A partir desse evento ou excursão, talvez nesses moldes, o primeiro em todo o mundo. Cook intensifica progressivamente suas relações comerciais com a Midland, propiciando usufruto de lazer saudável primeiramente para membros de sua igreja, depois operando em escala comercial aberta para o público em geral. As primeiras iniciativas ocorreram da constatação de que a ferrovia mantinha suas operações em finais de semana, os períodos de não trabalho, com assentos ociosos nos trens. Aos serviços prestados para a carga e transporte ordinário de passageiros, deslocamentos estratégico-militares ou de força de repressão, somavam-se os serviços turísticos, otimizando-se a ocupação dos carros, conseqüentemente aumentando os lucros, e dando origem aos serviços de agentes de viagens [...] As atividades posteriores de Cook vão criando outros serviços, hoje considerados usuais para os agentes. (CAMARGO, 2001a, p. 49-50).

Assim, a civilização urbana criou um novo gênero de deslocamento, para o prazer e a saúde. Quem quer que goze de lazeres e de dinheiro, viaja para longe, freqüenta sítios pitorescos e estações de águas. As viagens tornam-se comuns a partir do aparecimento das estradas de ferro. Imprimem-se guias e mapas denominados turísticos.

O Turismo como o entendemos hoje é um fenômeno gestado e expandido no contexto da sociedade industrial. Esta nos trouxe fenômenos históricos concomitantes e intrínsecos. A Revolução Industrial e o Romantismo compartilham sua modernidade e os novos tempos com a Revolução Francesa. E um momento de rupturas e de aparecimento de novos contextos na história humana. No contexto dos aspectos socioculturais, entendidos aqui de forma mais restrita, alguns movimentos influenciam a mentalidade da época. Dentre eles, o *Romantismo* - movimento artístico e cultural que surge no século XVIII, durante o neoclassicismo, e dura até meados do século XIX. Desde cedo este movimento se revela como um novo modo de vida e maneira de sentir e de pensar. Apresenta-se estimulado pela incessante busca do absoluto e do belo, pela concepção da "paixão sagrada" e sem limites, pela idealização do povo sublime em revolta contra os poderosos e opressores. O Romantismo cria assim uma concepção idealista da vida e da estética, numa atitude de constante desprezo e rebeldia face às normas estabelecidas. Independente de sua imagem associada ao lirismo, ao amor romântico, aos devaneios, a dimensão psicológica e artística, trará a descoberta intuitiva do inconsciente através do estado de espírito subjetivo. Será ao mesmo tempo vetor e difusor do pluralismo das significações que passam a ser interpretadas como símbolos. Podemos caracterizá-lo como por um corte epistemológico que atinge a constituição do pensamento científico que passa a operar com modelos de análise simbólica.

Um outro acontecimento relevante é a *Revolução Francesa* (1789), representativa de um dos principais processos da história universal, sendo considerada o marco inicial da Idade Contemporânea. Situada no quadro das revoluções burguesas, que caracterizaram o Ocidente na segunda metade do século XVIII, representou a ascensão política da burguesia no contexto de crise do Antigo Regime europeu. Apesar de ter levado a burguesia ao poder político, a revolução não foi somente burguesa, contando também com a participação de camponeses e da massa de pobres urbanos. Sendo este acontecimento fundador da contemporaneidade e entendido nos seus aspectos políticos, sua dinâmica cria o sentimento nacional, a formação da Nação e o nacionalismo, tais como ainda os concebemos hoje.

> A revolução inventou o patrimônio cultural como o patrimônio nacional. O processo relativo ao patrimônio é longo e atravessa todo o século XIX e consolida-se apenas no século XX. O que a revolução faz, faz com todas as contradições que lhes são inerentes, é institucionalizar, tornar socialmente necessária a preservação. Por quê? A evolução atribuiu e resgatou um caráter novo e fundamental para as

> obras de arte. Isto é, deveriam ser preservados pelo seu significado simbólico, não apenas pelo seu valor social localizado, idealmente representariam a nação, o Gênio nacional. A memória não ficaria mais contida entre indivíduos, famílias ou estratos sociais; tornava-se memória nacional. (CAMARGO, 2001a, p. 57).

Outro processo historicamente revolucionário que merece destaque é a Revolução Industrial. Dentre os grandes acontecimentos introduzidos pela Revolução Industrial, um nos interessa em particular: o tempo cronometrado, estabelecendo o período de trabalho. Esta prática produtiva é de fundamental importância para nossas reflexões, na medida em que abre espaço para dialogarmos, com o que nos interessa aqui, o tempo do não trabalho, aquilo que hoje chamaríamos de lazer. Em outros termos, o tempo que nos ocupa enquanto lazer utilizado em viagens, vindo a constituir o turismo como prática social, crescente no interior da sociedade industrial.

A temporalidade posta em curso pela Revolução Industrial difere, por exemplo, das culturas agrárias pré-modernas. Estas não pensavam num tempo linear uniforme, mas num tempo cíclico em ritmos temporais de constante repetição, regulado segundo os ciclos cósmicos e das estações.

> Até o advento da revolução industrial, os indivíduos trabalhavam dentro dos ciclos da natureza - regidos pela luz do sol, pelas estações do ano, pelo nível individual de fadiga. O trabalho era penoso no plantio e na colheita, moderado na entressafra. Um enorme número de feriados e dias santos aliviava ainda mais essa carga de trabalho, de 700 a 1.000 horas anuais. As atividades recreativas não compunham um tempo especial, limitando-se a recortar o tempo de trabalho, de vida familiar e religiosa. Migrando para a indústria nas cidades, os trabalhadores tiveram os 365 dias do ano, dos 10 anos até a morte, marcados por uma jornada de trabalho que tinha como base de cálculo o pico da jornada agrícola de plantio e colheita, ou seja, às vezes superior a 16 horas diárias. Feitas as contas, o tempo de trabalho industrial chegava de 3.500 a 4 mil horas/ano, multiplicando de três a quatro vezes o anterior tempo de trabalho rural. (CAMARGO, 2001b, p. 245).

A Revolução Industrial alterou profundamente as condições de vida do trabalhador. Pôs em marcha novos processos de produção, atraindo a mão-de-obra para seus interesses, provocando inicialmente um intenso deslocamento da população rural para as cidades criando enormes concentrações urbanas. O homem a partir deste momento passa a ter seu tempo livre escasso e uma vida atribulada.

As reivindicações por uma redução de jornada de trabalho, vêem acompanhadas por muitas lutas sindicais e políticas, dando origem inclusive, aos grandes movimentos revolucionários do século XIX. De acordo com Camargo (1998), os setores mais esclarecidos da sociedade também vão se inquietar com a jornada de trabalho imposta à maioria da sociedade: a Igreja questiona a ausência dos trabalhadores nos dias destinados aos cultos; os educadores questionam a indisposição, em especial da juventude trabalhadora, de se dedicarem às atividades educativas; as organizações dos trabalhadores, ainda proibidas, enfrentavam a duras custas e, inclusive com lutas sangrentas, a repressão imposta pelos patrões; os políticos relutavam pelo tempo destinado à militância.

Nos desdobramentos históricos desses processos, chama a atenção o desenvolvimento das ciências do trabalho (engenharia, administração, etc.), que permitiram ao homem produzir cada vez mais, trabalhando cada vez menos. Novas máquinas, novos equipamentos e técnicas de produção são adotados. O processo produtivo, as relações entre os trabalhadores e a máquina, seus equipamentos, ganham um novo e criterioso olhar: o olhar das ciências da gestão. Estas medidas possibilitaram a redução da jornada de trabalho e, paulatinamente, foi surgindo um novo tempo na sociedade: o tempo livre, o tempo pago pelo trabalho sem ônus algum às necessidades de produção.

Esse tempo livre se apresenta, nos dias de hoje, sob diversos aspectos: o tempo diário ganho com a redução da jornada diária de trabalho – de uma jornada inicial de 16h diárias, reduziu-se para os atuais patamares de 8h, em média; o tempo semanal ganho com a redução da jornada semanal de trabalho (repouso semanal remunerado); o tempo anual surgindo às férias anuais remuneradas; e, finalmente, pelo direito ao não-trabalho na velhice (a aposentadoria remunerada). Atualmente, a jornada anual de trabalho gira em torno de 1800 horas anuais. O "trabalho", forma de atividade abstrata e encerrada nesse tempo-espaço específico, teve de ser depurado de todos os elementos disfuncionais da vida, a fim de não perturbar o fluxo temporal linear: trabalho e moradia, trabalho e vida pessoal, trabalho e cultura etc. dissociaram-se sistematicamente. Só assim foi possível nascer a separação moderna entre horário de trabalho e tempo livre. A Revolução Industrial consagra, definitivamente, o poder econômico e político da burguesia, resultando na consolidação de uma nova sociedade: a sociedade capitalista.O modo-de-produção capitalista mudou

radicalmente as relações de trabalho e produção dos bens materiais da sociedade, provocando, conseqüentemente, transformações culturais e sociais significativas na vida das pessoas. Estas transformações ocorridas na civilização industrial que possibilitaram a diminuição das horas de trabalho em favor de tempo livre para o lazer levaram simultaneamente, o mercado capitalista a crescer na quantidade e na diversidade dos produtos criados para o consumo, gerando, como conseqüência, a necessidade de um mercado consumidor também crescente. Essas modificações propiciaram mudanças nas condições materiais de vida dos trabalhadores principalmente no que se refere a hábitos de consumo e lazer. A revolução capitalista consistiu essencialmente em desvincular a chamada economia de todo contexto cultural, de toda necessidade humana.Ao transformar a abstração social do dinheiro, antes um meio marginal, num fim em si mesmo de caráter redundante, a economia autônoma inverteu também a relação entre o abstrato e o concreto. A abstração deixa de ser a expressão de um mundo concreto e sensível, e todos os nexos concretos e os objetos sensíveis contam apenas como a expressão de uma abstração social que domina a sociedade sob a figura reificada do dinheiro.

A busca por um tempo livre maior, parece ter sido a luta de muitos trabalhadores ao longo da história. Mas esse tempo livre só pode ser conquistado por uma evolução social e econômica. Para Dumazedier (1994), esse tempo disponível não é o resultado de uma decisão individual; é, primeiramente, o resultado de uma evolução da economia e da sociedade. É um novo valor social da pessoa que se traduz por um novo direito social, o direito dela dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a auto-satisfação.

Pôde-se constatar que, desde o seu início, este novo tempo foi utilizado pelos indivíduos para si mesmos, para a sua auto-satisfação, um tempo destinado ao seu repouso, à sua diversão e ao seu entretenimento, contrariando as expectativas de políticos, educadores e religiosos. Porém, nota-se que diante da evolução atual da sociedade industrial, o tempo livre torna-se tempo social e o lazer torna-se um produto da sociedade de consumo, mercadoria que se vende e se compra. E, longe de ser um tempo privado do indivíduo, do seu encontro consigo mesmo, torna-se um tempo social, ou seja, criador de novas relações sociais carregadas de novos valores.

> Fonte e produto de uma sociedade, ele (o tempo social) pode ser definido como um tempo não somente vivido pelos indivíduos e pelos grupos sociais, mas também institucionalizado por essa cultura, por essa sociedade Portanto a noção de tempo social se reporta a uma estrutura da sociedade em ritmos temporais. (NICOE, 1984, p. 9 apud RODRIGUES, 2001).

Mas como a sociedade, de uma maneira geral, fez uso deste novo tempo social? Podemos dizer que o tempo de lazer é um tempo novo na história da civilização humana, em nenhum outro momento da história, em nenhuma outra forma de organização social, a sociedade pôde dispor de um tempo exclusivo para repousar, se divertir ou entreter-se, previsto e pago pelo trabalho, sem acarretar perdas ao processo produtivo. Portanto, o moderno conceito de lazer é produto da dinâmica econômica da sociedade capitalista – e porque não dizer também, de seu desenvolvimento social e cultural. Ele é resultado da redução da jornada de trabalho. O tempo de lazer "não era mais, como antigamente, um tempo roubado ao trabalho. Ao contrário, passou a ser um tempo previsto e pago pelo trabalho (CAMARGO, 1998b, p. 32).

Diante deste contexto, não seria difícil pensar que o turismo organizado, originalmente, se apóia, não em considerações hedonísticas, mas numa prática útil – a instrução e o consumo nos momentos de não-trabalho -, segundo a moral puritana, ao menos em suas origens. Talvez isso seja útil para compreender a tirania do tempo das viagens, da pontualidade exigida pelos guias, dos horários implacáveis e, sobretudo, da inefável ilusão de que dispomos, voluntariamente, dos nossos momentos de lazer ocupados em viagens.

No sentido de desvelarmos um pouco mais sobre como o lazer passou a influenciar e ser referência para a sociedade moderna é que abordaremos tópico a seguir.

1.4 Capitalismo – tempo, mercantilização, lazer.

O termo lazer surgiu na civilização greco-romana já então como oposto ao trabalho. A palavra Lazer vem do latim *licere*, significando "ser permitido" e está sempre associado a outros termos como ócio, recreação, lúdico, tempo livre, trazendo subjacente o valor de bem-estar e de prazer.

Os gregos foram os primeiros a inventar um tempo social chamado "scholé[13]", que acabou constituindo uma referência mítica de uma sociedade na qual os homens trabalhassem pouco e utilizassem todo o seu tempo livre para entreter-se da forma mais nobre possível. O Conceito de *scholé* significava simultaneamente lazer e educação de si mesmo, resumia todo o ideal de vida de um cidadão livre grego - um tempo social que se situava entre a prática ativa do cidadão responsável pela gestão da cidade e a prática dos cultos -. Este era, essencialmente, o privilégio do cidadão grego: a liberação dos gestos, dos rituais, da monotonia do trabalho cotidiano (que se resumia a obrigações familiares, espirituais e políticas), para poder dedicar-se apenas ao culto do corpo e do espírito. "

Esta noção de "scholé ou o correspondente "licere" latino, tem muito pouco a ver com a noção moderna de lazer. Na medida em que era uma noção desvinculada da estrutura técnico-econômica que a sustentava. Até mesmo nas etimologias das palavras negócio (do latim *nec-otium* - nada de ócio) e trabalho (do latim *tripalium*-instrumento de tortura), bem como toda a literatura latina são permeadas de referências aos prazeres da vida lúdica em contraposição ao peso do trabalho.

Associados à noção de lazer, termos como ócio, tempo livre, lúdico, são referências que, ao longo de toda a história, trazem subentendido o valor de bem-estar, de prazer, divertimento e desenvolvimento e na maioria das vezes, termos usados como sinônimo.

> O ócio – O otium antigo, tal como se apresenta no espírito do homem das luzes, não sinônimo de ociosidade; difere profundamente deste repouso imposto pela

[13]O termo grego Scholé parece conter as mesmas três categorias que existem no lazer moderno, definidas por (DUMAZEDIER, 1994, p. 34), como descanso, divertimento e desenvolvimento.

> racionalização ulterior do tempo, que nos chamamos de férias. O primado do objetivo ético induz um otium, cum dignitate, vivido como modo de construção de si. Na obra de Cícero, o otium indica um lazer escolhido, reservado aos optmates que se afastam por algum tempo da demandadas magistraturas, um fragmento de vida privada que o indivíduo organiza à sua maneira, evitando o duplo perigo da preguiça e do tédio; espaço de distenção que possibilita o exercício da inteligência e, se for o caso, prepara a ação futura; tempo de retorno as fontes [...] os conselheiros de Sêneca incitam a identificar otium e vida contemplativa, à maneira estóica (CORBAIN, 1989, p. 266).

O *lúdico* – compreendido como um termo que também está associado à noção de bem-estar e prazer – esteve presente na vida do ser humano, nos mais diferentes períodos históricos. Destacamos este aspecto, em especial, na Grécia clássica, na Roma antiga e no período medieval.

Os valores lúdicos da civilização greco-romana passam a ser contestados pela civilização cristã, que a sucede. Esta que acabou por inverter seus valores, apresentando duas dimensões da vida - a séria, assentada no trabalho e no dever (a mais privilegiada pelo cristianismo, onde apenas o trabalho importava) e a lúdica, assentada no prazer -. O trabalho dignifica o homem, enquanto a ociosidade é mãe de todos os vícios. Desta forma fica clara a posição ideológica do cristianismo nascente sobre o jogo e a diversão. No entanto, Camargo (2001b, p. 239) chama atenção para o fato de que o catolicismo valorizava o trabalho sobre o lúdico, mas condenava a acumulação material. Este fato adquire novas características na segunda vertente que surge no séc.XVI, com os reformadores protestantes Lutero, Zwinglio e sobretudo Calvino. Nesta tendência, procura-se conciliar o capitalismo nascente com a fé. O produto do trabalho (a riqueza) passou a ser encarado como benção divina. E inversamente a falta de trabalho e, em conseqüência a falta de dinheiro (a pobreza) passa a ser sinônimo de doença espiritual. Ser pobre materialmente significava também ser privado da graça divina. Esta ética protestante, fundamentou ideologicamente o capitalismo em ascensão e é decisiva na valorização do trabalho e dos bens materiais.

Rodrigues (2001, p. 106), acrescenta ainda que, na concepção da ideologia burguesa, - reforçada pelos princípios do puritanismo protestante (conforme Max Weber) -, o ócio era considerado tempo de anarquia social e cultural. Controlar essa anarquia foi sempre

preocupação do poder familiar, político, religioso e profissional. Nas ditaduras políticas, procura-se penetrar nesse tempo tão rico e misterioso objetivando o poder sobre o cidadão[14].

Torna-se importante ressaltar neste contexto, a percepção do primeiro pensamento irreverente em relação a vinculação do divertir-se humano com a economia, trazido pelo capitalismo e o comunismo, as duas teorias sociais que nasceram com a revolução industrial, opostas sob a forma de lidar com a exploração do trabalho humano, mas que coincidiam ao menos num ponto: o trabalho como a primeira necessidade do homem.

De acordo com Chauí (1999, p. 48), "além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores por meio da 'gerencia científica' ou da chamada 'organização científica do trabalho', a sociedade administrada também controla as conquistas proletárias sobre o tempo de descanso, ou o chamado tempo livre". A indústria cultural, a indústria da moda e do turismo, a indústria do esporte e do lazer estão estruturadas em conformidade com as exigências do mercado capitalista e são elas que consomem todo o tempo que Lafargue esperava que fosse dedicado às virtudes da preguiça.

Paul Lafargue (1999), militante socialista e genro de Marx, escreveu em 1883, na prisão, em Paris seu manifesto *"O Direito à Preguiça"*, no qual denuncia o credo da burguesia: "a religião do trabalho" criadora de uma mentalidade servil que na representação dominante nos meios operários do final do século, tem na reivindicação do direito ao trabalho a qualquer preço, a passividade dos trabalhadores diante das condições desumanas deste trabalho. Segundo Camargo (2001b, p. 240), Lafargue ao discutir a possibilidade de uma sociedade menos dependente do trabalho humano não tinha a intenção de esboçar uma

[14] [...] Essas preocupações, primeiramente em âmbito nacional, e depois em âmbito internacional, aceleram e acirram um movimento que se inicia no começo do século – e que se fundamentava em princípios expressos em diversos documentos internacionais. Toma corpo com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada em 1948, que no seu artigo nº 24 estabelece férias anuais remuneradas a todos os trabalhadores, o que é reforçada na Carta Social Européia. A partir daí, multiplicam-se convenções internacionais, cujo conteúdo merece análise crítica apurada, uma vez que quase sempre ocultavam as verdadeiras intenções. Um exemplo é a Carta de Viena, documento da Assembléia-Geral do BITS – bureau internatinal de Tourism Social -, realizada na Austrália, de 16 a 18 de Outubro de 1972. (RODRIGUES, 2001, p.107).
A OMT – organização Mundial do Turismo -, conforme expressam a Declaração de Manilha e o Documento de Acapulco, preconiza que "o tempo livre e de férias, longe de ser um tempo de lazer inofensivo e não produtor de riquezas, pode possuir uma real utilidade social (LANGUAR, 1995, p.20 apud RODRIGUES, 2001, p. 107), mostrando claramente a intenção da apropriação do tempo livre do cidadão, que vai torna-se um tempo social.

concepção de lazer, por trás desta visão polêmica da situação nos anos 1880. No entanto propõe a primeira expressão forte da dinâmica técnica e social da produção do lazer pelo trabalho. Para ele, o socialismo se realizaria menos no trabalho do que no tempo livre.

A conquista dos trabalhadores pela jornada de oito horas, o salário mínimo, o direito a férias e à aposentadoria, acabaram sendo garantidos pela burguesia em forma do chamado "bem-estar". De acordo com Chauí (1999, p. 49), a burguesia, soube perfeitamente como transformar em ganho para si o que lhe parecera inicialmente uma perda, inventando o consumo de massa de produtos de baixa qualidade e descartáveis, inventando necessidades fictícias de consumo e controlando o tempo livre dos trabalhadores com a indústria cultural, a do esporte e a do turismo. "Ela nada perdeu e muito ganhou, pois tornou invisível a dominação da classe e a exploração". E é neste contexto do desenvolvimento social, cultural e econômico da sociedade capitalista moderna, que consagra-se e consolida-se o lazer como um novo tempo social: um tempo que é pago pelo trabalho e que está embutido no trabalho.

Desde o início, a vocação deste tempo para o lazer se tornou marcadamente utilizado para o entretenimento. Fica clara a diferença entre o tempo das obrigações sociais – nos obrigando neste momento a ter uma postura responsável, disciplinada e produtiva – com o tempo livre, tempo esse dedicado quase que integralmente, ao prazer, ao relaxamento, ao descanso, a improdutividade, a espontaneidade, a liberdade. Apenas parcela ínfima desse tempo passou a ser utilizada para fins socioeducacionais, socioreligiosos ou sóciopolíticos.

A vivência de um tempo exclusivo para repousar, para se divertir, pouco a pouco criou valores próprios, de liberação, de hedonismo, de viver o presente, que passaram a pressionar a mudança das estruturas ainda rígidas do trabalho, da família, da religião, da política. Portanto, o lazer passa a denominar o universo de atividades possíveis e imagináveis de serem realizadas, dentro do tempo livre, que tenham como característica principal ser atraentes e interessantes; que objetivem a diversão, o entretenimento, o desenvolvimento e o descanso; e que sejam resultado de uma escolha livre motivados pela busca de um estado de satisfação.

Jofre Dumazedier, um dos principais teóricos do Lazer, vê o tempo de lazer como um produto de duas revoluções modernas: de uma revolução técnico-científica que permitiu ao trabalhador produzir mais com menor tempo de trabalho e de uma revolução ético-estética, que colocou os valores do lazer como nova referência para o cotidiano e mesmo para as instituições de base da sociedade - o trabalho, a família, a religião e a política.

> Para que o lazer se tornasse possível à maioria dos trabalhadores foi necessária a explosão da unidade dos tempos sociais nas sociedades tradicionais. Primeiro o trabalho e depois o lazer escaparam dos ritos coletivos e passaram a ter um limite artificial, arbitrário, não regulado mais pela natureza (CAMARGO, 2001b, p. 245).

Esta segunda revolução, de caráter ético-estético, não apenas completou o perfil moderno das práticas de lazer, como também estabeleceu o lazer como um valor atraente cujas práticas culturais passam a influenciar a sociedade. Esta extraordinária influência do lazer acabou por provocar, como destaca Dumazedier, uma verdadeira *Revolução Cultural do Tempo Livre*[15], que se processou – e de certa forma, ainda se processa – de maneira "lenta", "silenciosa", "pacífica", porém, provocando mudanças significativas no comportamento e na cultura vivida pelos indivíduos.

Na perspectiva dessa reflexão, percebe-se que o tempo de lazer é analisado como um fenômeno de grande magnitude social: o lazer é um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

> Este lazer é um tempo de expressão de si mesmo, individualmente ou em grupo. É o espaço de emergência de um grande número de práticas sociais, cada vez mais estereotipadas e variadas, cada vez mais sedutoras e ambíguas, que mesmo limitadas e determinadas, exercem crescente influência sobre o conjunto da vida cotidiana. Aqui se encontra a origem maior daquilo a que nos propomos chamar a revolução cultural do tempo livre, em 90% constituído de atividades de lazer. (DUMAZEDIER, 1994, p. 30).

Para compreendermos o lazer, como fenômeno social e suas influências sobre o conjunto da sociedade, devemos considerá-lo como um dos elementos constitutivos e conseqüentes da vida cotidiana. Um fenômeno social interligado, e não isolado, aos outros

[15] Título de uma de suas principais obras publicada no Brasil: A revolução cultural do tempo livre. Studio Nobel: SESC, 1994.

aspectos da vida em sociedade, influenciando e sendo influenciado numa relação dialética com outros elementos, que se ligam e reagem entre si. Nesse sentido, qualquer análise da sociedade que pretenda ser reconhecida e que não pretenda privar uma parte da vida, deve levar em consideração a importância e a influência desse fenômeno social, como destaca Dumazedier (1994), O lazer apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas com todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da família e da política que, sob sua influência, passam a ser tratados em novos termos.

Portanto, a importância da discussão sobre a conceituação do lazer moderno, trazida neste trabalho, busca apoiar-se no fato de que o turismo é uma das formas culturalmente mais ricas e desejadas de práticas do lazer. A viagem, e portanto o turismo, podem ser a ocasião da prática de todos os tipos de lazer, com a vantagem de vir acompanhada de uma mudança de paisagem, de ritmo e de estilo de vida. E referindo-se a este sentido em que o turismo englobando o lazer, o senso comum afirma as vantagens desse modelo de lazer sobre os praticados dentro de casa ou da própria cidade. Não se pode, contudo, esquecer uma outra questão conexa, se o lazer praticado fora da própria cidade, o turístico, é mais gratificante. De acordo com Krippendorf (1989), o turismo cresce não como resposta a um desejo de conhecer novas paisagens, ritmos e estilos de vida e sim como uma compulsão individual diante da pobreza do trabalho e do lazer cotidianos, não sendo de estranhar que seus resultados, do ponto de vista da satisfação individual sejam tão pífios.

É neste sentido que Krippendorf (1989, p. 17) refere-se a uma suspensão do cotidiano. O que importa é viajar. Aproveita-se de todas as oportunidades para fugir do cotidiano. Acima de tudo não ficar em casa: viajar a qualquer preço. Quase todos participam deste movimento, imaginando que o fazem de livre arbítrio, mas a aparência é de quem obedece a uma ordem.

Deveríamos nos satisfazer, entretanto com o fato de que o prazer outrora reservado a alguns privilegiados seja hoje experimentado pela grande massa. Na visão de Krippendorf

(1989), a mobilidade, as férias, as viagens são conquistas sociais. Contudo, a alegria que deveriam proporcionar não chega realmente a ocorrer. Isso porque a medalha tem um reverso; por aquilo que conquistamos, fomos obrigados a pagar, a dar algo em troca.

Mas então por quê viajar? Na sociedade contemporânea, guardadas as devidas proporções, todos viajam. O turismo antes restrito aos grupos sociais mais privilegiados, hoje se transforma em produto da sociedade de consumo de massa. Funciona como um importante meio promotor do "status social", de aquisição de prestígio e é marcado pela necessidade de escapismo, da fuga do cotidiano. A viagem prazerosa representa o antitrabalho, como se a viagem fosse garantia de felicidade e o trabalho fosse algo intolerável.

Krippendorf (1989), alerta-nos para o fato de que o ser humano não nasceu turista, apesar de reconhecer que em todas as épocas, estiveram entre as necessidades básicas e imediatas do homem, a curiosidade e o sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos. No entanto, se observarmos como viajam as pessoas, quais são suas principais ocupações nas férias, além de seus assuntos e conversas neste tempo, chegaremos sem dúvida à seguinte conclusão, não é mais o desejo de fazer descobertas e de realmente aprender alguma coisa. Aquilo que impulsiona milhares de seres hoje em dia para longe de suas casas, não é mais de fato, a necessidade inata de viajar. Nos nossos dias, a necessidade de viajar é sobretudo criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano. As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou seja onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo e das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, afim de estarem em condições de retomá-lo quando regressem.

Para um grande número de pessoas, essas realidades constituem grandes deficiências do cotidiano, nestas, a existência parece reduzida à expressão mais simples. Elas geram estresse, o esgotamento físico e psíquico, o vazio interior e o tédio. Neste sentido, para encontrarmos uma compensação a tudo que nos falta no cotidiano, para tudo que perdemos ou que desapareceu, viajamos, desejamos nos libertar da dependência social, nos desligar e refazer as energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, estabelecer contato, descansar, viver livremente e procurar um pouco de felicidade. Com

efeito viajamos para viver, para sobreviver. Assim o grande êxodo das massas que caracteriza a nossa época é conseqüência das condições geradas pelo desenvolvimento da nossa sociedade industrial.

A sociedade hoje fornece simultaneamente meios para realizar tal evasão, sob a forma de salário, tempo reduzido de trabalho, veículos e a industria do lazer, que de certa forma faz o papel de amiga e conselheira. Ela que se apoderou do nosso tempo livre e nos ofereceu não apenas satisfações, como também cria, se necessário, as expectativas e os desejos correspondentes. Sob a forma de um programa de contrastes em relação ao mundo industrial, o tempo livre e as férias tornaram-se também uma indústria.

Na sociedade pós-industrial o turismo, juntamente com o lazer, a cultura, as atividades artísticas, o esporte, a melhoria da qualidade de vida, o hedonismo, compõem um conjunto de elementos que caracterizam um novo estilo de vida, visando cada vez mais a supremacia do indivíduo. Assim surge um novo homem, o Homo Turisticus – produto da sociedade de consumo de massa da pós-modernidade, que se caracteriza por ser caótica, efêmera, fragmentária, descontínua, transitória, fugaz, lúdica, espetacular e simulada. O turismo alimenta quase todas essas características. (RODRIGUES, 2001, p. 82).

Na sociedade contemporânea o consumo hedonista se intensifica a cada dia. O homem da cultura pós-moderna tende ao egoísmo, ao narcisismo – com o culto ao corpo como valor máximo -, ao consumo, a alienação e superficialidade. Neste mesmo contexto, a necessidade de lazer, esportes e turismo para a saúde física e mental nunca foi tão enaltecida.

Nas viagens de hoje, o simulacro substitui a realidade. Chegamos ao ponto de não ser a viagem o mais importante, mas sim a fantasia que a alimenta. Entre o real e o imaginário há uma enorme distância. O turismo introduz novos códigos culturais e propõe novos sistemas de símbolos baseados em imagens que substituem a realidade e conduzem a julgamentos segundo códigos impostos pela mídia. A necessidade imperiosa de viajar parece ter sido fabricada, quando da sua incorporação ao rol das necessidades básicas do homem.

> A imagem se forma na mente dos indivíduos em razão das suas fantasias, enquanto os promotores do espaço turístico procuram captar essas imagens e ir ao encontro

> delas. Edificados em segredo, esses espaços se fundamentam em semióticas obscuras, sobre códigos tácitos, envoltos sutilmente no imaginário coletivo. O espaço se reveste, então, de visões simbólicas, formadas não por um projeto de reconstrução objetiva do mundo, mas por sonhos ou por arquétipos culturais subliminares, que acabam globalizando-se (RODRIGUES, 2001, p. 26).

Na perspectiva deste estudo, buscamos uma reflexão mais crítica em relação ao turismo como terapia da sociedade, como válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias, exercendo um efeito estabilizador não apenas sobre o indivíduo, como também sobre toda sociedade e a economia.

Conseqüentemente, se considerarmos que as atividades de lazer e de turismo vêem assumindo uma importância cada vez mais destacada, sendo consideradas, hoje, os setores que mais crescem no mundo e que mais mobilizam recursos, gerando empregos, desempenhando significativo papel na balança de pagamento e na arrecadação de impostos de muitos países. No inicio do século XXI foram registradas cerca de 700 milhões de chegadas em todo o mundo, quase duas vezes mais que há quinze anos. Além disso, em 2000, multiplicaram-se por dez as viagens domésticas (KRIPPENDORF, 2004, p. 43). Essa expansão dos deslocamentos deveria proporcionar uma oportunidade impar para que as pessoas, vindas de experiências diferenciadas. Mas será que é isso que acontece? Será que o sentido e o significado da realidade do lazer e do turismo não estão limitados, diante do que foi exposto?

Neste contexto, como será que os cursos superiores de Turismo, vem refletindo sobre as possibilidades de uma nova cultura da viagem? Como este setor em plena evolução constrói conhecimento em relação a sua prática? Como o curso de turismo da Uniso, em particular, não apenas forma profissionais, mas também prepara cidadãos para a experiência educativa da viagem ? É disto que se trata a seguir.

CAPÍTULO 2: TURISMO E PRÁTICAS FORMATIVAS

2.1 O Turismo no Ensino Superior: presença e expansão

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre o campo de trabalho aberto pelo turismo e a conseqüente necessidade de formação profissional para área. Examina-se o turismo como um fenômeno importante na estrutura das sociedades atuais, em que o crescimento das atividades no terceiro setor, por exemplo - atividades voltadas para o lazer e ocupação do tempo livre -, oferecem novos postos de trabalho em relação aos postos anteriormente oferecidos pelas indústrias. Isso faz com que alguns atores considerem o século XXI, como sendo o século do lazer, enfatizando a importância das viagens e do turismo no conjunto das atividades produtivas. Conseqüentemente, o estudo da área passa a ter importância em função do papel econômico e social que suas atividades vêem assumindo no mundo contemporâneo. No contexto dessa reflexão, buscaremos examinar as concepções de formação para os cursos de turismo no Brasil, enfatizando as propostas formativas do curso de Turismo da Uniso, campo de nossa prática, abordando pontos da constituição de seu Projeto Político Pedagógico, como sua matriz curricular, ênfases, perfil profissiográfico e corpo docente.

Como parte desta discussão, conforme Krippendorf (2004, p. 44), não podemos desconsiderar as taxas de crescimento acima da média, da atividade turística. Apesar das recessões e crises, nos últimos anos o turismo tem mostrando e está, hoje, entre os setores econômicos de maior destaque no mundo. As estatísticas recentes, anunciadas pelo secretário-geral da OMT (Organização Mundial do Turismo), Francesco Frangialli, em entrevista coletiva em Bangcoc, realizada em janeiro de 2005 e publicada no Jornal Gazeta Mercantil em 02 de fevereiro de 2005, assinalam que o turismo tem o melhor índice de crescimento dos últimos 20 anos: cresceu 10% em média em 2004. Sendo que a região Ásia-Pacífico, com uma alta de 29% e 154 milhões de turistas, foi a que apresentou os melhores dados, seguida por Oriente Médio (21%), América (10%), África (7%) e Europa (4%). Os países da Europa receberam 414 milhões de turistas, 16 milhões a mais que em 2003. Com mais de 200 milhões de postos de trabalho, o turismo é considerado o maior empregador do

mundo. O turismo é visto como um marca-passo para a globalização, e até mesmo como motor para o desenvolvimento do século XXI.

Hoje, o turismo mundial como negócio é dominado por empresas integradas, que operam internacionalmente e que têm acesso às exigências de quem viaja, bem como controle simultâneo de todos os "pacotes[16]" de serviços oferecidos aos viajantes. Entre os que perdem, nessa competição, está o meio ambiente, pois, a depredação de reservas naturais parece não ter ônus, uma vez que custos ambientais estão incluídos nas tarifas de viagem, cuja mobilidade parece não ter limites.

Os contextos assinalados exigem para a área de turismo, análises, estudos e pesquisas por parte de órgãos oficiais, setores produtivos e academias, como uma preocupação prioritária. Em relação aos estudos da área, há uma necessidade de preparar seus quadros superiores, nos diversos níveis de conhecimento, tanto para o ensino e pesquisa, quanto para a concepção e implantação de projetos, para administração e gestão empresariais no setor.

No Brasil, nos últimos anos, tem sido grande o interesse por parte dos estudantes que ingressam nas universidades brasileiras, por esta área profissional. Essa demanda acarretou a ampliação do número de cursos de graduação em turismo e áreas afins como hotelaria, exigindo-se que se reflita sobre os conteúdos e padrão de qualidade do ensino oferecido nesses cursos.

> Para que estes profissionais venham a atuar de forma eficiente, tomando decisões acertadas quanto aos rumos que deverão dar ao turismo em nosso país, o ensino deverá aliar conteúdos teóricos à constante prática da pesquisa. O conhecimento em profundidade da realidade do seu universo de atuação, obtido mediante a observação, e que permitirá ao futuro graduando a tomada de decisão que resultem adequadas e eficientes no contexto em que é realizada a intervenção. As ações empreendidas deverão atender, ao mesmo tempo, as expectativas dos investidores e contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento das comunidades. Nesse cenário, o domínio da capacidade de observação e o desenvolvimento de práticas sistemáticas que levem ao conhecimento, aliados a um aguçado espírito crítico, são ferramentas essenciais para que os futuros profissionais possam desempenhar, de forma adequada, as funções que vierem assumir. (DENCKER,2001, p. 258).

[16] Pacote: é a oferta conjugada de vários componentes do produto turístico. Embute um conjunto de "amarração" de partes que está na origem da expressão "pacote turístico". É uma terminologia usada na área para determinar uma combinação dos produtos de setores apartes, como acomodação, transporte, destinações e atrações para visitantes (SWARBROOKE, 2002, p.107).

A educação em turismo no Brasil é uma atividade recente. Com exceção de algumas instituições, a maior parte dos cursos superiores em turismo apareceu entre 1980 e 1990. Segundo Trigo (1998), há várias razões para esta ocorrência, e isto avaliando que apenas nos últimos anos, os governos reconheceram o valor do turismo para suas economias e realizaram a conexão entre a formação dos recursos humanos (educação e treinamento) e o incremento de produtividade e competitividade no setor.

Em âmbito federal o Decreto-Lei nº55 de 18/11/1966, definiu a Política Nacional de Turismo instituindo um sistema Nacional de Turismo com a criação do CNTUR-Conselho Nacional de Turismo e a Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo. Em 1967 aconteceu, no Rio de Janeiro, o Encontro Nacional de Turismo, primeira iniciativa da Embratur. Em 1968 os dados estatísticos sobre o turismo receptivo no Brasil começam a ser realizados sistematicamente. Segundo Trigo (2000), pouca gente sabia algo sobre essa nova área. O Brasil tentava sair do secular atraso colonial. A solução parecia vir das políticas de industrialização de Getúlio Vargas (1930-1945) e de Jucelino Kubitschek (1956-1961). O setor terciário da economia, nicho do turismo e da hotelaria, ainda era quase marginalizado e considerado menos importante para a economia e para o desenvolvimento.

Na década de 70 o Turismo brasileiro era quase artesanal, apenas quem tinha dinheiro e tempo para se ausentar, viajava. Conseqüentemente, poucos profissionais eram necessários para organizar a atividade. O comércio era praticado desde o século XIX, mas o setor de serviços em geral ainda era bastante desconhecido, principalmente em relação a áreas tão novas como viagens, turismo, entretenimento e lazer. Na esfera pública a carência era similar. No entanto, assim como em outros países, existia toda uma expectativa e credibilidade sobre o turismo como uma das chaves para o desenvolvimento econômico do país. Isso em função do boom do turismo massivo e conseqüente movimentação e circulação de capital, cuja importância econômica já era conhecida em todo o mundo

Segundo Rejowski (1996, p. 59), informações eram veiculadas tanto em meios de comunicação especializados (revistas, boletins técnico-científicos), quanto em meios de comunicação de massa (jornais diários, programas de rádio e televisão), divulgando os aspectos positivos do turismo em toda a sua plenitude. De acordo com Trigo (2000, p. 245), o Brasil sendo considerado um país promissor, teria um novo curso, com vocação plenamente reconhecida, em um paraíso tropical repleto de belezas naturais ainda intocadas. Neste contexto, o Curso Superior de Turismo passou a existir a partir do parecer nº 35/71 do Ministério de Educação, feito pelo relator conselheiro Roberto Siqueira Santos e aprovado em 28/01/1971. Esse parecer deu base à Resolução s/nº de 28/01/1971, do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de turismo.

O primeiro currículo foi elaborado pelo professor Domingo Hernandez Peña, após um levantamento nas escolas européias, e adaptado à realidade brasileira. Os primeiros cursos de turismo foram sendo implementados em unidades universitárias autônomas ou ligados aos igualmente novos cursos de artes e comunicações.

> Chegou-se a discutir a possibilidade de inserir os cursos de turismo nas faculdades de administração de empresas ou de educação física, mas, em vista da realidade do turismo no Brasil, esse projeto foi abandonado. Prevaleceu a tendência de manter o curso em unidades independentes ou ligadas à área de comunicações. (TRIGO, 1998, p. 221).

Em 1971, surgem as primeiras preocupações com a formação profissional e a mão-de-obra especializada em turismo no Brasil. É inaugurada a Faculdade de Turismo do Morumbi em São Paulo, atual Universidade Anhembi Morumbi, pioneira no ensino de Turismo do Brasil[17].

A procura pelos cursos de turismo, nos primeiros cinco anos de funcionamento foi muito grande, especialmente em São Paulo, o que estimulou o interesse de vários

[17] Em 1975, o Discurso do Prof. Mario Carlos Beni, na abertura do I Congresso Nacional de Turismo, 1975, traduz bem o papel dos cursos superiores: "A partir do I curso superior de Turismo no Brasil a fase de improvisação, adaptação e repentinidade começa e ser seriamente ameaçada. O turismo improvidente, desgovernado começa a ser criticamente analisado. São muitos os que hoje se preocupam com a sua problemática, mantendo-se em permanente atividade de reflexão e vigília[...]O turismo no Brasil deixou de ser somente uma posição política administrativa empresarial e passou a constituir-se também, agora, em um assunto de ordem técnica e científica, e como tal deve ser encarado (REJOWSKI, 1996, p.60).

empresários da educação para abertura de outros cursos. A partir de 1976, houve um decréscimo no número de ingressantes, em virtude da grave crise econômica atravessada pelo país, o que provocou desemprego e falta de poder aquisitivo das classes médias e baixas.

De forma geral, a chamada primeira fase de desenvolvimento do turismo no Brasil, proposta na década de 70, fracassa diante de dois conjuntos de motivos ocorridos concomitantemente. De acordo com Trigo (1998, p. 223), o primeiro foi estrutural, ou seja, crises econômicas sucessivas, provocadas pela crise do petróleo e aumento das dívidas brasileiras provocando a inflação e a recessão que comprometem o desenvolvimento nacional, inclusive do setor turístico. O segundo conjunto de motivos foi conjuntural, pois os "planejadores" não se importaram com a preservação ambiental, com a conquista de padrões internacionais de qualidade e com a formação intensiva de profissionais qualificados em todos os níveis, o que afetou a operação e gestão dos serviços turísticos.

Apesar de todo um otimismo em relação ao estudo do turismo nos anos 70, para Rejowski (1996) perdem-se muitas iniciativas e ocorre uma fase de descrédito e estagnação nos anos 80 chegando-se a seguinte situação nos anos 90:

> A carência de pesquisas científicas e o reduzido número de pesquisadores, aliados a uma falta de estímulos ao desenvolvimento co conhecimento teórico do fato e do fenômeno do turismo neste país, têm levado a uma improvisada ação no setor, com seus evidentes reflexos e conseqüências de absoluta ausência de informações concretas que possam sensibilizar o poder público, sobretudo, aqueles responsáveis pelo desenvolvimento do turismo. Adicionou-se a isso uma inaceitável indiferença à Universidade e aos trabalhos de pesquisa. (REJOWSKI, 1996, p. 60-61).

A necessidade de mão-de-obra qualificada para atuar em empresas e órgão oficiais passou a gerar ofertas de ensino de nível técnico e superior – com predominância inicial do treinamento técnico. Posteriormente, a necessidade desloca-se para uma formação mais profunda e abrangente, que visasse capacidades crítica e criativa, e, com isso surgiram as ofertas em nível de graduação. Como parte desse processo, surgem os cursos de pós-graduação, esses, além de habilitação profissional, buscariam abordar a compreensão mais ampla do fenômeno do turismo e, em decorrência desenvolve-se o estudo científico do turismo atrelado à pesquisa na área.

Da segunda metade da década de 1970 a meados da década de 1990, crises econômicas marcaram a história do país e o turismo ficou bastante estagnado, vindo a crescer em proporções mais significativas por volta de 1995. Os sinais de crescimento não superaram os problemas de amadorismo e improvisação em relação à cadeia produtiva turística. O turismo brasileiro só vem encontrar uma segunda onda propicia para seu crescimento em 1996, com abertura da economia, estabilização da democracia, com a Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, estruturando uma política nacional de turismo e com o crescimento da formação profissional em todos os níveis (básico, médio e superior). Novos cursos nas áreas de Hotelaria, Gastronomia e Lazer somaram-se aos cursos nas áreas de turismo como formadores de profissionais qualificados. Neste processo vários Estados, Municípios, empresas privadas e ONG's (Organizações Não-Governamentais) compreendem a importância do fenômeno turístico como um possível fator de desenvolvimento e inclusão social.

Segundo estudos realizados por Rejowski e Ansarah em 1994, existiam 32 cursos superiores de Turismo e Hotelaria no Brasil, sendo 29 em Turismo, 2 em Hotelaria e 2 em Turismo e Hotelaria. O Estado de São Paulo concentrava aproximadamente 34% desses cursos e o Rio de Janeiro, 15%; os demais estavam espalhados em outros 12 Estados: Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria estava inserida em estabelecimentos privados (cerca de 70%), e alguns, particularmente em São Paulo, faziam parte das Universidades "emergentes", ou seja, entidades que já tinham obtido do Conselho Federal de Educação (CEF) autorização para iniciar o processo de transformação em Universidade, como era o caso da faculdade Anhembi-Morumbi e da Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas.

Esse quadro trouxe a necessidade de desenvolvimento da pesquisa acadêmica[18], pois no Turismo, como em qualquer outra área do conhecimento, o processo de desenvolvimento está estreitamente ligado à pesquisa e ao ensino. O desenvolvimento em pesquisas acadêmicas traria um amadurecimento para a sistematização do conhecimento do turismo, impulsionando e provocando um processo de "maturação" e delineamento de um corpo de conhecimento sistemático e cumulativo sobre a área. No entanto, conforme afirma Barreto, (1997, p. 31), a produção científica na área de turismo ainda é muito pequena, e são poucas as publicações que circulam em nível nacional. Inversamente à demanda de produção de material técnico, aceleradamente superior à produção acadêmico-científica na área.

Segundo dados do INEP(1995) (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional), de 2005, hoje, existem no Brasil, ao todo, 667 cursos superiores de Turismo e/ou Hotelaria. Estes dados não deixam dúvida. Após 1995, os cursos de Turismo no Brasil, passaram por uma verdadeira expansão. Houve um aumento quantitativo na oferta por todo o país; além do surgimento de outros cursos relacionados com a área, como por exemplo, Gastronomia, Lazer, Eventos, Turismo e Meio Ambiente, suprindo a crescente necessidade de especialização e segmentação. De acordo com a SEMTEC (Secretaria do Ensino Médio e Tecnológico) houve também uma expansão da oferta de cursos tecnológicos em turismo[19] no país nos últimos anos. O Currículo tecnológico de turismo ocupa o 5° lugar nas pesquisas do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) , referente às modalidades que mais crescem, com 1808 alunos matriculados em 2002. Chamarmos atenção para o fato de que, o crescimento desta oferta de cursos, resulta na elevação do número de

[18] É o que já se nota com a criação ou reativação de centros de pesquisa como: CETUR – Centro de Estudos Turísticos da Faculdade Ibero Americana de Letras e Ciências Humanas, criado em 1974.Em 1992 foi reformulado através do regimento, destinando-se a estimular estudos e pesquisas vinculados ao turismo. Edita um boletim técnico distribuído internamente (MORAES 1992, p.13).
CEPITUR – centro de Pesquisas e Informações Turísticas do Instituto de Artes e Comunicações da Puccamp, em Campinas. Criado em 1979, funcionava ativamente, editando também, um boletim técnico-científicos até 1983. reativado em abril de 1993, além de apoiar trabalhos e pesquisas desenvolvidas por seus professores e alunos, oferecia informações sobre viagens e recursos turísticos ao público da Puccamp e interessados em geral; consultoria turística a prefeituras municipais e apoio à Prefeitura Municipal de Campinas. (REJOWSKI, 1996).
[19] O SENAC – São Paulo foi a primeira instituição de ensino a oferecer o curso em todo o país em 1989.

profissionais[20]. que chegam ao mercado e conseqüentemente afetam a empregabilidade na área.

Vale ressaltar ainda que, apesar do discurso otimista do Estado e dos setores empresariais, o turismo nacional continua a ter problemas conjunturais e estruturais. De acordo com dados da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo), de 2003, uma das principais razões responsáveis pela diminuição do número de turistas estrangeiros no Brasil é a imagem que o país possui no exterior. Todos os anos, vários veículos de comunicação internacionais publicam artigos divulgando a crise de segurança pública pela qual o nosso país vem passando. São reportagens que mostram os seqüestros, os tiroteios, rebeliões, entre outros fatos que acabam por influenciar negativamente a imagem do Brasil, resultando na diminuição do número de turistas. Outro problema vinculado à péssima imagem que o Brasil tem no exterior é a vinda crescente de visitantes em busca do chamado "turismo sexual". Por isso, as novas estratégias de divulgação do país estão excluindo as já conhecidas imagens que possam identificar o Brasil nesse segmento de viagens. Nota-se um crescimento real da área e melhorias muito significativas em diversos setores, mas o turismo no Brasil não pode estar desvinculado da realidade nacional, cujos problemas são graves e bem delimitados. Portanto, a área exige uma discussão ampla sobre o modelo subjacente às políticas de desenvolvimento sócio-econômico. Essa discussão prescinde de outras questões como a cidadania, o meio ambiente, a ética, a sustentabilidade e a necessidade de inclusão social.

Segundo o professor Trigo,

> A responsabilidade das universidades é justamente tratar teoricamente essas questões, exatamente o oposto das críticas de alguns que encaram os cursos superiores de turismo como muito "teóricos" e pouco direcionados ao "mercado". Nossos alunos em geral, ainda lêem muito pouco e a proposta da universidade é preparar não apenas para o mercado mas também para o sociedade como um todo. A educação profissional de qualidade compreende, no nível superior, orientação para as questões estratégicas e de alta gestão, o que exige uma sólida fundamentação teórica por parte dos docentes e dos alunos. Critica, reflexão e pesquisa são características (ou deveriam ser) dos cursos superiores e, de resto, menos mal que não exista uma preparação tão ligada exclusivamente ao mercado, pois os índices do país não nos permitem avaliar esse mercado com olhos tão benignos. (TRIGO, 2004, p. 97).

[20] Há quinze anos atrás o Brasil tinha aproximadamente 15 cursos de turismo, hoje fala-se de mais de 600. Considerando apenas 20 formandos por ano, temos 9000 novos bacharéis em turismo anualmente.Dá para estimar que nestes últimos quinze anos de cursos de turismo saíram das faculdades mais de 60.000 "formados". (disponível em http://www.estudosturísticos.com.br. Acesso em 13/11/2004).

No âmbito dessa análise a aprovação das Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria, no primeiro semestre de 2002, parece ter sido um aceno para maturidade educacional dos cursos de Turismo no Brasil. Estes parecem ter encontrando um espaço propício para se desenvolver através da representação formal no Ministério da Educação pela Comissão de Especialistas de Ensino em Turismo, da qual fazem parte os professores doutores Mirian Rejowski, da USP, Miguel Bahl da UFRJ e Luiz Gonzaga Godoi Trigo, da PUC-Campinas/Senac-SP. Esta Comissão elaborou uma proposta curricular para os Cursos de Turismo, enfatizando que a estrutura da oferta dos cursos poderá ser híbrida, havendo o aproveitamento de crédito e pré-requisitos dentro de módulos, segundo três regimes de estudo possíveis: regime seriado anual, regime seriado semestral e regime modular, "que deverão respeitar o contexto político, social, histórico, econômico e cultural no qual a IES (Instituição de Ensino Superior) está inserida e de acordo com a filosofia e a missão adotadas pela mesma" (SHIGUNOV NETO, 2002, p. 8).

Mas, qual será a concepção de formação profissional que se instituiu nos cursos superiores de turismo no Brasil? Como estes cursos refletem as questões educacionais em relação às exigências de mercados cada vez mais dinâmicos?

Buscaremos abordar a seguir, possíveis desdobramentos e implicações destes contextos no sentido de tentarmos uma maior aproximação desta realidade em relação às possibilidades educativas da experiência da viagem.

2.2 Perfil e Propostas de Formação para o Profissional da área de Turismo

O mercado atual impõe exigências e atribui valores crescentes aos profissionais que estão preocupados com sua formação profissional e pessoal e com o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos multidisciplinares. Independentemente de sua formação específica, devem buscar aperfeiçoamento constante na aquisição de bagagem teórica estruturada e conhecimento diversificado que vão muito além de sua própria área de atuação. Assim o profissional requisitado pelas organizações deve necessariamente, possuir um conjunto de habilidades específicas, ser um membro ativo e participativo na sociedade em que está inserido, ser generalista e ao mesmo tempo ser um especialista, ou seja, as

empresas procuram o "superprofissional" (SHIGUNOV NETO, 2002, p. 42). Esses são os reflexos de uma realidade com pouca estabilidade e cuja dinâmica acelerada pede sempre o atendimento de novas necessidades, exigindo desta forma que os profissionais tenham uma formação que se adapte aos interesses do mercado. Bianchetti (1999, p. 111) considera esta dinâmica como sendo:

> A mercantilização dos indivíduos, como um produto da ampliação da utilização das categorias econômicas na análise social, coloca o homem como uma mercadoria que possui os atributos e possibilidades de quaisquer dos bens produzidos na sociedade. O mercado, como juiz imparcial das relações sociais, coloca cada um no lugar que lhe corresponde.

Neste contexto, o que nos parece preocupante é que este modelo acaba por se refletir nas políticas educativas. Assim essa lógica econômica supõe uma relação entre a oferta de serviço educativo e a demanda da sociedade, reduzindo a ação do Estado a uma garantia de educação básica geral, liberando os outros níveis do sistema a leis do mercado; premiando, desta forma, as instituições responsáveis por produtos de melhor qualidade para a demanda do mercado, sancionando as ineficientes, por meio da retirada da demanda. Neste sentido, as inversões das empresas em determinadas áreas produtivas impulsionarão a demanda de recursos humanos que serão providos pelas instituições educativas, as quais competirão entre si sobre a base da qualidade dos produtos oferecidos, fomentando no contexto da concorrência, o individualismo exacerbado.

> O extremo individualismo que este modelo propõe não favorece as políticas democráticas de participação e compromisso com a realidade social. Sem reconhecê-lo explicitamente, compartilham a visão pré-social de Hobbes de uma guerra de todos contra todos. Uma guerra que, em vez de utilizar armas para eliminar o inimigo, utiliza o mercado para submetê-lo. Neste último caso a consciência fica tranqüila porque se cumpre a lógica da natureza: o que vence é o mais capaz. (BIANCHETTI, 1999, p. 113).

Nos parece, que o problema está em encontrar um termo médio entre as expectativas desse mercado, que é inevitável para as pessoas ganharem a vida, e a competência humana que deve buscar se contrapor ao mercado, privilegiando como objetivos a ética e a cidadania em detrimento da produtividade econômica. Nessa dinâmica o grande perigo pode ser a tendência a um reducionismo que não reconhece a complexidade e lógica desse modelo, seja pensando na formação superior em turismo ou na educação de uma forma geral. Precisamos lembrar que o papel hegemônico desse pensamento fundamenta-se nas condições da

realidade que lhe dão sustento. Portanto, formar profissionais para área de turismo implica em reconhecer e questionar, também, quem é o sujeito dessa prática formativa que ocorre nas Universidades, e em que tipo de sociedade a Universidade está inserida.

Diante do que foi exposto, recorremos à proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Turismo e Hotelaria, vigente, cujo texto prevê, que *em virtude das exigências do mercado de trabalho*, o egresso dos cursos de graduação em turismo deverá apresentar um perfil comum e um perfil desejado. O perfil comum desejado do profissional a ser formado nos cursos de bacharelado em turismo – aliás, como em quase todas as profissões atuais – é aquele que proporcione uma formação ao mesmo tempo generalista – no sentido tanto de conhecimentos específicos como de uma ampla visão de mundo e conhecimento de áreas afins – e particularizada – especificamente em conhecimentos profissionais de interesse e de liberdade de escolha das IES. A proposta contempla ainda, uma *formação profissional baseada em aspectos teóricos, práticos e éticos*, visando o desenvolvimento de competências e habilidades gerais. Segundo Shigunov Neto (2002*), em relação aos aspectos teóricos*, há uma expectativa de que as diversas correntes do pensamento turístico estejam presentes na sua formação, sejam elas ambientais, sociais, culturais ou econômicas, possibilitando uma reflexão sobre o fenômeno, dentro do contexto passado, presente e futuro e suas inter-relações geográficas, socioculturais e econômicas. As questões teóricas devem proporcionar um embasamento que subsidie cada profissional a refletir sobre o turismo, tanto nas questões de planejamento e gerenciamento como nas de produção, distribuição e comercialização. Espera-se um posicionamento profissional que busque a qualidade das atividades turísticas e das empresas de turismo, bem como a maximização dos efeitos positivos e a minoração dos efeitos negativos que o turismo produz sobre as sociedades e sobre o meio ambiente.

No que se refere à *formação prática*, o documento das Diretrizes Curriculares (2002, p. 46), para os Cursos de Turismo e Hotelaria, reafirma a expectativa de que o acadêmico adquirindo competência e desenvolvendo habilidades por meio de treinamento em laboratórios, empresas juniores, visitas técnicas, viagens e estágio supervisionados, possam ser capazes de instalar a competência com o manejo de técnicas e instrumentos em condições novas e desafiadoras. Espera-se que a experiência prática traga um constante pensar sobre "o

que fazer", "como fazer" e o "porque fazer"?, buscando constantemente, com criatividade, soluções, para os problemas desta área.

Em relação à formação ética, os profissionais de turismo deverão estar voltados para o mercado, para o consumidor, para o ambiente natural e cultural dos locais, que se transformam em pontos turísticos. Para tal, a partir das reflexões das normas e regulamentos éticos do turismo, deve-se abranger questões maiores como a da cidadania, objetivando formar um profissional que colabore para a melhoria do mundo em que vivemos e, em conseqüência, para uma vida melhor para si mesmo.

Outro aspecto que merece atenção na condução da proposta de Diretrizes Curriculares, é a ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades determinadas para o curso.

Competências: Colaborar na elaboração e na implantação da Política Nacional de Turismo; elaborar o planejamento do espaço turístico; elaborar Planos Municipais, Estaduais e Federais de Turismo; planejar e operacionalizar o Inventário Turístico para detectar áreas de novos negócios; planejar e operacionalizar estudos de viabilidade econômico-financeira de empreendimentos e projetos turísticos; planejar e programar os produtos e serviços a serem oferecidos; identificar, analisar e avaliar os possíveis efeitos positivos e negativos provocados pelas atividades turísticas em determinados espaços e comunidades; elaborar estudos do mercado turístico; gerenciar campanhas de promoção de mercados interno e externo de conscientização, "briefings" prévios dos mercados; gerir empreendimentos turísticos; utilizar a metodologia científica no desenvolvimento de estudos e pesquisas básicas e aplicadas etc.

Habilidades: Estas poderão ser oferecidas por meio de *competências específicas* em quatro grandes áreas de formação:

- Formação de Bacharéis e Tecnólogos: a qual situa o aluno frente à evolução de sua área de conhecimento, fornecendo-lhe elementos essenciais ao seu desenvolvimento nas áreas de lazer e de turismo, possibilitando sua atuação coerente nos diversos segmentos de atuação profissional;
- Formação Aplicada-Profissional: os conteúdos deverão oferecer subsídios de conhecimento de mercado e técnicas que possibilitam uma melhor adequação às realidades exigidas pelo mercado de trabalho, os quais habilitam o aluno a atuação em uma área específica de lazer e de turismo;
- Formação de Docentes: inclusão no projeto pedagógico de disciplinas que o habilite para o magistério de 2º grau (cursos técnicos e profissionalizantes), como: didática, prática de ensino, estrutura e funcionamento do ensino, entre outras;
- Formação de Pesquisadores: disciplinas cujos conteúdos possibilitam ao aluno um contato com as áreas de pesquisa e desenvolvimento de projetos, fornecendo-lhe subsídios para seu desenvolvimento profissional e em diversas áreas na pós-graduação. Esta área de formação dará subsídio para a elaboração do trabalho de final de curso, permitindo a aplicabilidade prática dos pressupostos teóricos metodológicos definidos.

Fica, portanto evidente uma ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades, uma vez que, visando-se atender a dinâmica de um mercado pouco estável, propõe-se uma formação profissional flexível e continuada, que exige a formação de profissionais que saibam "aprender a aprender", que desenvolvam capacidades cognitivas para vivenciar momentos reais de incertezas; que tomem decisões acertadas; que sejam criativos e dinâmicos, pois tudo se passa muito rapidamente, numa urgência que ultrapassa os limites do tempo cronológico. Este é o contexto que se evidencia nas propostas das diretrizes curriculares dos cursos de graduação e que afetam diretamente a formação profissional em nível superior. (SHIGUNOV NETO, 2002, p. 47).

Neste contexto, Trigo (2000, p. 208), ressalta que, a abordagem sobre a qualidade dos cursos de turismo exige que se considere três vertentes de conhecimento: cultura geral (formação humanística), habilidades de gestão e conhecimento técnico especifico. Assim o sucesso profissional depende também de atividades que complementem a educação superior, como cursos específicos nos vários segmentos da área de turismo; atividades extencionistas

e estágios. O preparo do profissional para o mercado de trabalho não se limita ao ambiente acadêmico, sendo o curso superior uma das etapas na aquisição do conhecimento necessários para sua interferência na sociedade, por intermédio da atividade turística. Neste sentido, de acordo com pesquisa realizada com os alunos do Curso de Turismo da Uniso por Calvo (2004, p. 14), no entendimento por vezes superficial de alguns alunos entrevistados, que buscam o curso de Turismo, as diferenças entre o ensino técnico, tecnológico e bacharelado ainda não são claras, daí a expectativa constantemente identificada, por cursos práticos, voltados a propostas mercadológicas, cujas reflexões mais filosóficas estariam (ou deveriam estar) num plano secundário. No entanto torna-se importante ressaltar que o curso de graduação em turismo deve primar pela formação conceitual, ademais de noções técnicas. Diante de tais aspectos, parece-nos que na educação superior, a formação profissional em turismo terá um longo caminho de enfrentamentos, no sentido de desvelar o significado da competência profissional nesta área, levando em consideração as relações que são estabelecidas, as contradições presentes, os vínculos que vão se formando entre discursos e ações, aparentemente neutras e ingênuas. Precisaremos refletir e pesquisar sobre quais as possibilidades de pensarmos e planejarmos a atividade do turismo, sob ponto de vista de uma outra cultura da viagem – menos operacional - de tal forma a proporcionarmos experiências e práticas mais socializantes, menos exclusivas e mais educativas. Para tanto, necessitaremos questionar qual a formação pretendida, e/ou, que estamos construindo nos cursos de turismo, considerando os interesses prioritários da sociedade. Precisamos questionar que tipo de profissional estamos formando e quais as conseqüências da atuação profissional nesta área. E isto, considerado o turismo como uma atividade que merece observância crítica em relação a seus efeitos na sociedade. Estes parecem ser os desafios em curso para desenhar o futuro não só da atividade do turismo, mas para a reflexão sobre o campo de formação.

Diante do desafio posto por essas questões, nosso interesse direciona-se para buscar a compreensão dos problemas que emergem e perpassam as concepções e propostas do Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba, campo de nossa prática, objeto investigativo desta dissertação e tema do próximo capítulo.

2.3 O Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba[21]

O projeto de implantação do Curso de Turismo da Uniso foi idealizado pelo professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo, em 1997. De acordo com Calvo (2004, p. 54), as principais justificativas sócio-econômicas apresentadas para a implantação do projeto inicial foram: a promoção do Ensino Médio, então 2º grau, na região de Sorocaba no ano de 1994, sendo que o maior aumento concorreu na rede particular (83,47%), o que supõe alunos em potencial para instituições com o perfil da Uniso; o potencial de investimento no interior de São Paulo e a presença de Instâncias Turísticas na Região, facilitando a inserção no Programa Nacional de Municipalização do Turismo, desenvolvido pela Embratur; numero considerável de equipamentos de lazer, hospedagem e agenciamento na região, facilitando o desenvolvimento da atividade; e também uma pesquisa realizada pela Uniso no ano de 1997, contida na proposta de implantação do curso, na qual o turismo apareceu como preferido com 47,9% dos entrevistados.

O Curso de Turismo se institui na Uniso, através da resolução do Conselho Superior da Universidade de Sorocaba - Consu, número 006/97 de 16 de setembro de 1997. Iniciando suas atividades no primeiro semestre de 1998, com abertura de 80 vagas no período noturno.

O curso foi reconhecido por três anos pelo Conselho Nacional de Educação através da portaria número 10982 de 18 de dezembro de 2001, publicada no Diário Oficial da União em 20 de dezembro de 2001, obtendo primeiramente o conceito A pela comissão avaliadora do SESu (Secretaria de Educação Superior), sendo posteriormente modificado para B, uma vez que o número de conceitos A atribuídos (66,666%) não correspondeu aos 70% exigidos para atribuição do conceito máximo ao curso na instituição.

---

[21] A Universidade de Sorocaba - Uniso é uma instituição de ensino superior, comunitária, com atuação no território da 4ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, e reconhecida pela Portaria nº 1364, do Ministério da Educação, de 13 de setembro de 1994. Sua entidade mantenedora é a Fundação Dom Aguirre. A missão institucional da Uniso é ser uma Universidade que, através do ensino, pesquisa e extensão produza conhecimentos e forme profissionais em Sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos. É destes termos através dos quais tal missão é enunciada, que o Curso de Turismo extrai sua missão, objetivos e seus princípios pedagógicos específicos. (disponível em: http://www.uniso.br. Acesso em 24 nov. 2004).

Segundo dados do Projeto Pedagógico do Curso de Turismo[22] de 1998, o curso, quando da sua criação em 1997, tinha como compromisso inicial, além de formar profissionais para área, iniciaria suas atividades promovendo o debate sobre as perspectivas do turismo em escalas local e regional, pois havia-se de se considerar, segundo declarações do professor Luiz Octavio de Lima Camargo, primeiro coordenador do curso, a baixa percepção do fenômeno turístico em Sorocaba e região, objeto da missão da Universidade; havia ainda, uma carência de encontrar docentes com formação e/ou aderência na área, o que poderia comprometer a qualidade do ensino a ser ministrado; e em decorrência das duas premissas anteriores, entendia-se que havia necessidade de cuidados especiais no tocante à pesquisa e à extensão, até mesmo como forma de equilibrar as diferentes dimensões do aprendizado do aluno.

O curso define ainda que terá como objetivo proporcionar uma formação global dos indivíduos enquanto cidadãos, enfatizando o setor regional[23] e o entretenimento. Estas ênfases foram estabelecidas em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Turismo e Hotelaria (2002), determinadas pelo Ministério da Educação: *A ênfase no setor regional como destino profissional dos alunos,* a qual têm como objetivo, orientá-los profissionalmente para o setor turístico da região[24], criando condições, através do Curso de Turismo, bem como de outras habilitações que vierem a ser acrescidas a este desenvolvimento e o destaque para o *conteúdo sócio-cultural e de entretenimento.* Que embora a cidade de Sorocaba adote como setor privilegiado, o setor de turismo de negócios, o curso entende que o próprio Município e os vizinhos podem, em conjunto, representar uma contribuição significativa aos diferentes segmentos do turismo cultural e de entretenimento. Neste contexto, vale destacar a coerência do currículo com os objetivos do curso:

---

[22] O Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da Universidade de Sorocaba passou por 3 atualizações em 1999, 2000, 2001. Atualmente está em aprovação a 4ª alteração.

[23]

[24] De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Turismo e Hotelaria (2002), as Instituições de Ensino Superior poderão oferecer disciplinas com conhecimento de áreas afins e particularizadas em conhecimentos específicos, respeitadas as particularidades e os costumes regionais de onde as instituições estejam alocadas. Daí a importância das "ênfases" a serem oferecidas como opção aos alunos na sua formação, nas áreas de Agenciamento, Eventos, Hotelaria, Lazer, Transporte, Alimentos e bebidas, Planejamento, Gestão em Serviços Turísticos, entre outros, atendendo às necessidades regionais e interesses das IES.O Projeto pedagógico dos cursos de turismo deverá ser flexível, respeitadas as especificidades regionais e das próprias instituições.

a) **Formar profissionais para o setor turístico da cidade de Sorocaba e região:** Componentes curriculares que se encadeiam para enfatizar a formação do profissional para as necessidades regionais.

Geografia do Turismo- região	3° período
Turismo e meio ambiente Orienta o trabalho interdisciplinar do período, é feita uma investigação no parque Carlos Botelho, localizado entre os municípios de São Miguel Arcanjo, Tapiraí, Capão Bonito e Sete Barras	4° período
Planejamento e Organização do Turismo e Elaboração de Projetos turísticos Articulam-se com Plano de Desenvolvimento turístico, Laboratório de Projetos Turísticos e Marketing Turístico do 6° período para desenvolver diagnóstico, prognóstico e projetos turísticos de município da região.	5° período
TCCs São orientados preferencialmente para responder às necessidades de Sorocaba e Região.	
Políticas Públicas do Turismo, Turismo e Ação Cultural, Roteiros Turísticos e Literatura da Viagem Articulam-se para mostra cultural da região, identificação de políticas e agentes culturais regionais, organização de roteiros diferenciados na região. O componente Curricular de Turismo e Identidade Cultural problematiza o legado cultural de Sorocaba e Região	7° período
Destacam-se também as atividades da organização do: **Enatur:** (Planejamento de Eventos) (Evento técnico-científico organizado pelos alunos e que tem como objetivo, promover discussões atualizadas sobre a área).	5° Período

b) Privilegiar o conteúdo sócio-cultural e de entretenimento

Sociologia Aplicada ao Turismo	1° período
Sociologia do Lazer	2° período
Recreação e Lazer, História da Cultura e das Artes Aplicada ao Turismo,Recreação Turístico-Hoteleira,	3°período
Análise Econômica do Turismo	4° período
Planejamento de Eventos	5° período
Laboratório de Eventos	6° período
Turismo e Ação Cultural, Alimentos e Bebidas, Literatura da Viagem, Turismo e Identidade Cultural	7° período
Teoria e Prática de Restaurante	8° período
Encadeiam-se conteúdos ao longo de toda a formação do bacharel no sentido de prover repertório analítico e prático para intervenção na área cultural e do entretenimento.	
Viagens Técnicas complementam o enfoque	
Sistema Turístico (visita a equipamentos culturais e esportivos da Cidade de São Paulo)	2° período
Projeto Interdisciplinar (viagem investigativa para Paraty, com atenção ao aspecto sociocultural do receptivo)	2° período
Visita a um parque temático organizado pelo Componente Curricular Recreação e Lazer	3° período
Recreação Turístico Hoteleira (Acantonamento em São Roque)	4° período
Destacam-se também as atividades da organização da: **Semana Cultural:** (Laboratório de Eventos e as Ações Culturais que promovem discussões e debates com agentes culturais da região, além de manifestações culturais pelo campus da Cidade Universitária)	

O período de integralização do curso é de no mínimo de 8 semestres e no máximo de 14 semestres. O regime escolar é de créditos (matrículas por disciplina), semestral, mediante plano de estudos aconselhado pela Uniso. São 80 vagas anuais, as turmas têm capacidade para até 80 alunos no período noturno. Em termos de espaço físico, o Curso de Turismo ocupa 4 salas de aula, 2 salas para os laboratórios de Viagem, Planejamento, Eventos, Recreação e Lazer e estágio e uma sala de Coordenação. Ao longo de seus sete anos de existência, o curso teve inicialmente a coordenação do Professor Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, no período de 1998 a 2001. A partir de então, assume o Professor Cláudio Lúcio Gravina[25], atual coordenador do curso.

O curso está formando sua 5ª turma em 2005.

Alunos Ingressantes	Alunos Formados
1998 (63 alunos)	2001 (37 alunos)
1999 (72 alunos)	2002 (35 alunos)
2000 (85 alunos)	2003 (34 alunos)
2001 (80 alunos)	2004 (60 alunos)

Fonte: Secretaria Geral da Uniso

Vale destacar ainda, outras atividades que reforçam o perfil do curso e possibilitam um maior contato do aluno com o trade[26], conforme proposições estabelecidas. Entre estas atividades mais significativas realizadas pelo curso desde sua abertura, citamos: a integração do curso de turismo no Conselho Municipal de Turismo de Sorocaba a partir 1999; a inauguração em 2000 dos laboratórios de Turismo e Hotelaria; a realização de viagens técnicas para os alunos, organizadas de forma sistemática, culminando com uma programação incorporada no Projeto Pedagógico do curso, a partir de 2001[27]; a realização do primeiro Encontro de Prefeituras da Região de Sorocaba para discussão do desenvolvimento turístico da região (desde então, o curso de turismo passa a sediar os demais encontros); a

[25] O Professor Cláudio Lúcio Gravina é atual coordenador estadual do Fórum de Instituições de Ensino Superiores de Turismo e áreas Afins.

[26] Termo Técnico utilizado na área de turismo para designar organizações privadas e governamentais atuantes no setor de turismo como hotéis, agências de viagem, centro de convenções, organizadores de eventos, transportadoras etc. (nota do autor).

[27] O Curso de Turismo realiza em média 18 viagens entre o 1° e 8° semestre, onde a Uniso assume os custos de transporte e em alguns casos de hospedagem.

realização do Diagnóstico turístico dos municípios de Sorocaba (2001), Tapiraí (2003), Piedade (2004 – em andamento); a aprovação pela Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – de dois projeto de pesquisa[28] de alunos do curso sob orientação do Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo; o início em 2001, do Projeto Interdisciplinar do curso de Turismo para alunos do primeiro ao quarto períodos, o qual, posteriormente, passou a ser realizado por viagens técnicas, entendendo-se que nos quinto e sexto semestres, o trabalho interdisciplinar seria o planejamento turístico de uma localidade e, no sétimo e oitavo semestres, o Trabalho de Conclusão do Curso; a reativação em 2004, pelo Professor Dr. Luiz Carlos Bramante, do grupo de estudos e pesquisas do Curso de Turismo - GEP[29], iniciado pelo Professor Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo em 2002, como parte da estratégia de sensibilizar alunos do 3° e 4° anos do curso, com perfil de pesquisador, a iniciar o desenvolvimento de trabalhos na área visando criar, desde logo, o espírito investigativo no futuro turismólogo[30]; a aprovação em 2004 do projeto de Monitoria de Lazer nos Parques Municipais, em Parceria com a Prefeitura Municipal de Sorocaba.

Em relação ao perfil do corpo docente do curso de Turismo, o professor Dr. Antonio Carlos Bramante,[31] realizou em março de 2004, uma pesquisa cujos resultados chamam atenção para alguns dados em relação a um perfil bastante aproximado da realidade do corpo docente do curso, resultados estes, que podem vir a se transformar em elementos para possam auxiliar no planejamento e intervenção dentro do campo da pesquisa no Curso de Turismo a curto, médio e longo prazos. Vale destacar alguns pontos concluídos pela pesquisa:

---

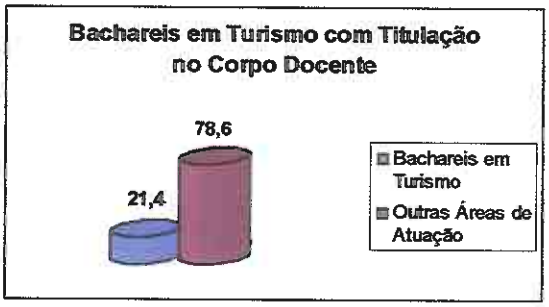
[28] O primeiro projeto aprovado foi do ex-aluno e atual professor do curso de turismo, Flavio de Souza Mascarenhas, intitulado: Turismo Local ou Regional – o posicionamento das lideranças em Sorocaba em relação ao turismo receptivo no município (2002). O segundo foi o da ex-aluna e atual mestranda em geografia pela USP, Carolina Todesco, intitulado: A importância das parcerias Internacionais para o Desenvolvimento Ecoturístico: Estudo de Caso de Tapirai. (2003).

[29] O Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Turismo e Hotelaria – GEP teve seu início em março de 2002, sendo fruto do interesse comum entre a ARNI – Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais, curso de Turismo e curso de Hotelaria da Universidade de Sorocaba, a fim de despertar o interesse pela pesquisa nos alunos de graduação, incentivar a leitura crítica, fomentar pesquisas de iniciação científica, promover seminários nas áreas afins, enfim, criar um espaço de reflexão, formação e discussão. O GEP tem como característica ser acessível a todos alunos interessados em pesquisa e aprofundamento nos temas escolhidos para leitura e discussão; seus encontros são divulgados nos cursos de Hotelaria e Turismo, ocorrendo mensalmente de acordo com o cronograma estabelecido pelo coordenador do grupo, o qual também, juntamente com os participantes, define temas, textos e palestrantes.

[30] Nome atribuído ao profissional graduado em turismo (nota do autor).

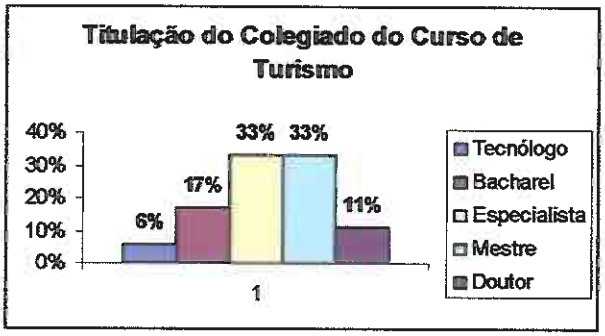
[31] Docente do curso de turismo/Uniso e atual coordenador do Grupo de estudos e Pesquisa em Lazer, Turismo e Hotelaria /GEP.

Bacharéis de Turismo no corpo docente com titulação adequada



OBS: A representatividade dos bacharéis, segundo a pesquisa, é um dado a ser dimensionado nas próximas contratações para o Curso de Turismo[32].

Pós-Graduação, Cursos Lato Sensu (Especialização) e Cursos Stricto Sensu, (Mestrado e Doutorado).



OBS: A pesquisa demonstra um alto percentual de docentes associados aos Cursos de Pós-graduação *Strito Sensu* (Mestrado e Doutorado), níveis de titulação esperados para a docência e pesquisa dentro do ensino superior no país. Por outro lado, uma vez mais, a área do "Turismo" (direta ou indiretamente) ficou sub-representada na amostra já que 2/3 abordaram temas não associados a esse objeto de estudo.

Em relação ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e publicação de trabalhos, a pesquisa chama atenção para o fato de não existir dentro do corpo docente do Curso de Turismo uma "cultura" neste sentido. Este parece ser um reflexo de uma "cultura" instalada entre boa parte dos professores universitários que ainda não internalizaram o fato que a

[32] Dentro de um curso de formação específica, embora a diversidade na formação do corpo docente possa representar, potencialmente, uma riqueza na abrangência das diversas nuanças que um mesmo objeto possa ser analisado, não deixa de ser um alerta para a importância da ampliação de Bacharéis de Turismo no corpo docente, com titulação adequada, dentro das próximas contratações. (BRAMANTE,2004).

produção de conhecimentos, através também da pesquisa não pode estar desassociada da docência e extensão.

A partir desta contextualização inicial sobre o Curso de Turismo da Uniso, buscamos verificar mais detalhadamente em seu Projeto Político Pedagógico, o perfil de formação que se institui no curso a partir da distribuição de seus componentes curriculares e suas respectivas propostas pedagógicas.

2.3.1 Conteúdos - A Distribuição dos Componentes Curriculares

O Projeto Político Pedagógico do Curso de Turismo, constitui fonte institucional fundamental para delinear a proposta do Curso de Turismo da Uniso, pautando-se na definição disposta no Regimento Geral da Universidade[33]. Neste documento a distribuição dos componentes curriculares foi feita de acordo com o perfil profissiográfico estabelecido para a área, onde o Bacharel em Turismo deve ter habilidades e competências adicionais em relação ao Técnico de nível médio e ao Tecnólogo de nível superior. Além das técnicas nos variados campos da ação turística, o Bacharel deve ser dotado de conhecimentos humanísticos extraídos das ciências sociais e humanas para compreender o significado cultural-antropológico, social, econômico e político da viagem, esta entendida como a prática cultural humana básica sobre a qual se estruturam todos os cursos relacionados ao Turismo e, a partir dessa compreensão, organizar seus conhecimentos técnicos do setor. (Brasil, 2002). Desta forma, o Curso de Turismo da Uniso constitui-se a partir de suas diretrizes gerais, que estão subdivididas:

Quanto ao ensino: O projeto Político Pedagógico visa privilegiar, dentro das matrizes curriculares e dos ementários, Sorocaba e região como objeto de conhecimento, dando preferência em todas os componentes a exemplos e casos extraídos da realidade local; instituir, dentro da matriz curricular, componentes abertos (Tópicos Emergentes, Seminários de Supervisão de Estágio, Trabalho de Conclusão do Curso) e créditos complementares não

[33] Documento oficial construído coletivamente, que contém as diretrizes para a formação do aluno de graduação, norteado a gestão e as práticas didático-pedagógicas do curso. (UNISO. Regimento Geral da Universidade de Sorocaba, 2002, P.28).

disciplinares (Estágio Supervisionado e Atividades Complementares) que, juntamente com o estágio e o Trabalho de Conclusão de Curso, permitam ao aluno complementar e atualizar sua formação; associar o setor institucional do turismo local e da região às aulas, sob a forma de depoimentos e discussões com os alunos, bem como de estágios e laboratórios; promover o contato dos alunos com personalidades do meio turístico, em nível local, regional, nacional e internacional; adotar cuidados especiais com a eficiência dos estágios previstos no currículo dos cursos, instituindo formas de acompanhamento e avaliação, tanto em classe como no local dos estágios, que orientem os alunos na futura vida profissional e promover reuniões periódicas e eventos visando ao aperfeiçoamento dos docentes.

Quanto à Pesquisa: todos os componentes deverão, de alguma forma, articular-se interdisciplinarmente[34], tendo como referência a atividade Interdisciplinar; nos componentes, e dentro do espírito da matriz curricular, criar condições para a paulatina evolução da pesquisa no caminho da compreensão da dinâmica turístico-hoteleira local;- instituir o componente Trabalho de Conclusão do Curso-TCC a partir do 6º período, visando a atividade interdisciplinar e avaliação da aprendizagem na pesquisa; adotar como estratégia permanente o intercâmbio com outros centros de formação na área, sob a forma de visitas organizadas do corpo discente e de parcerias com outros centros em todas as pesquisas a serem realizadas; privilegiar pesquisas nas quais os alunos possam ser incorporados como aprendizes e executores de pesquisas de campo; seja para a realização, seja no que diz respeito aos resultados, utilizar as pesquisas como instrumento de comunicação com o "trade" turístico local bem como os responsáveis do poder público pelas áreas de turismo e hotelaria; tratar as pesquisas de campo como instrumentos de divulgação dos cursos.

Quanto à Extensão: programar atividades que venham preencher eventuais lacunas do currículo, numa área que se desenvolve e muda constantemente; selecionar temas relevantes para o desenvolvimento do setor turístico-hoteleiro implantado na região; envolver os alunos nos cursos de extensão como monitores e mesmo, quando isso for possível, como docentes

---

[34] Além do arranjo da matriz, combinando conteúdos teóricos e práticos, o curso se preocupa em articular as contribuições de cada componente curricular em investigações concretas; são os projetos interdisciplinares: como Viagem Investigativa de espaço turístico, Visita a Área de Proteção Ambiental, Diagnóstico, prognóstico e projetos para município da região, TCCs.

auxiliares; destacar a Semana de Turismo como importante atividade de extensão do Curso e de sua missão; valorizar a participação de alunos no planejamento e operação de eventos dentro da Universidade e das comunidades local e regional; utilizar, sempre que possível, novas tecnologias didáticas – como ensino à distância, teleconferências, etc.; desenvolver e envolver alunos em estudos e diagnósticos turísticos de municípios visando o desenvolvimento do turismo regional, a exemplo dos municípios de Sorocaba e Tapiraí, planos realizados consecutivamente, pelas turmas de 1999 e 2000.

Quanto a Integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão: O Diagnóstico Turístico do Município através das disciplinas Planejamento (5° e 6° períodos), Projetos (6° período) e Marketing (6° período), realiza a integração Ensino, Pesquisa e Extensão. Os alunos desenvolvem, articulados às prefeituras e comunidades em geral, pesquisas sobre dados sócio-econômicos, patrimônios naturais e culturais, além de ações comunitárias visando dar suporte ao Plano Diretor do Município.
A Semana de Turismo realizada anualmente, aberta a participação de representantes da comunidade regional, promove discussões e reflexões sobre o desenvolvimento das atividades turísticas na região, ocasião em que há apresentação de trabalhos e pesquisas de alunos e docentes.

Desta forma, a matriz do curso está organizada de forma a dar conta dos princípios e enfoque do curso, articulando componentes curriculares de conteúdo teórico, prático, em projetos, visitas técnicas , estágio, pesquisas e TCCs. Os enfoques socioculturais fundamentais de Regionalidade, Entretenimento, Lazer e Políticas Públicas distribuídos na seguinte classificação: Humanísticos:27,5%, Profissionais: 47,5% e Complementar 25,0%. Neste plano, buscamos identificar a coerência do currículo com as diretrizes gerais e o perfil desejado do egresso.

No que se refere ao *ensino propriamente dito*, objetiva-se a formação técnica para planejar e gerenciar ações e empresas turísticas e competência para implantar soluções alternativas e inovadoras, bem como capacidade crítica, reflexiva e criativa. Neste plano, registre-se a importância dos componentes curriculares como:

Componentes Curriculares	Período
Teoria Geral do Turismo	1° período
Sistema Turístico	2° período
Introdução ao Pensamento Teológico	1° período
Sociologia Aplicada	1° período
Psicologia Aplicadas	2° período
Legislação Aplicável	3° período
Análise Econômica do Turismo	4° período
Ética	5° período
Turismo e Identidade Cultural	8° período

No plano do ensino, registre-se a seqüência de *componentes curriculares voltadas à gestão empresarial:*

Componentes Curriculares	Período
Teoria Geral do Turismo (visão geral do setor)	1° período
Sistema Turístico (visão geral do setor)	2° período
Teoria Geral da Administração (visão geral das ciências da gestão)	1° período
Administração de Recursos Humanos no Turismo	2° período
Legislação Aplicada	3° período
Contabilidade Aplicada	4° período
Matemática Aplicada	5° período
Marketing Turístico	6° período
Elaboração de Projetos	5° período
Laboratório de Projetos Turísticos	6° período
Roteiros Turísticos	7° período
Turismo e Ação Cultural	7° período

Além do conjunto de componentes curriculares profissionalizantes e específicos do curso, deve-se lembrar a importância das *ações ligadas à extensão e à prática profissional* – o contato com entidades e personalidades regionais do setor e da participação dos alunos no planejamento e operação de eventos do curso e da comunidade universitária, local e regional, nos estágios extracurriculares e seminários de supervisão de estágio – na formação do aluno com vistas a uma postura administrativa adequada;

A formação específica para o agenciamento turístico. Esta formação supõe, no ensino, uma seqüência de componentes curriculares:

Componentes Curriculares	Período
Teoria Geral do Turismo	1° período
Geografia do Turismo-Geral	1° período
Sistema Turístico	2° período
Geografia do Turismo-Brasil	2° período
Geografia do Turismo-Região	3° período
Transportes Turísticos	3° período
Agenciamento	4° período
Contabilidade	4° período
Idiomas Inglês e Espanhol	8° período
*devendo ainda contar-se com o laboratório de Agenciamento, além do Estágio supervisionado	

A formação para o planejamento turístico e capacidade para a resolução de problemas macro e micro pertinentes à prestação de serviços turísticos. Para esta área, contar-se-á, no ensino, com componentes curriculares:

Componentes Curriculares	Período
Teoria Geral do Turismo	1° período
Geografia do Turismo-Geral	1° período
Sistema Turístico	2° período
Geografia do Turismo-Brasil	2° período
Geografia do Turismo-Região	3° período
Recreação e Lazer	3° período
História da Cultura e da Arte	3° período
Legislação Aplicada	3° período
Transportes Turísticos	3° período
Recreação Turístico-Hoteleira	4° período
Turismo e Meio Ambiente	4° período
Análise Econômica do Turismo	4° período
Planejamento e Organização do Turismo	6° período
Marketing Turístico	6° período
Plano de Desenvolvimento Turístico	5° período
Meios de Hospedagem	5° período
Elaboração de Projetos Turísticos	5° período
Roteiros Turísticos	7° período

Na área de extensão, contar-se-á com a realização de levantamentos, diagnósticos e prognósticos, inventários e projetos além de parcerias com prefeituras, organizações não governamentais e iniciativa privada, coordenadas pelas disciplinas pertinentes;

Na percepção da importância e domínio das técnicas essenciais de serviços conexos ao turismo e incluídos no campo da cultura e do entretenimento. Para tanto contribuirão alguns componentes curriculares:

Componentes Curriculares	**Período**
Teoria Geral do Turismo	1° período
Sistema Turístico	2° período
Sociologia do Lazer	2° período
Recreação e Lazer	3° período
Recreação Turístico-Hoteleira	4° período
Elaboração de Projetos Turísticos	5° período
Planejamento	5° período
Organização de Eventos	6° período

Contar-se-á, também, com a *extensão e prática profissional* previstas no planejamento do Curso;

Formação para a atuação em meios de hospedagem e restauração. Para tanto, contribuirão os componentes curriculares como:

Componentes Curriculares	**Período**
Teoria Geral do Turismo	1° período
Sistema Turístico	2° período
Planejamento e Organização do Turismo	5° período
Meios de Hospedagem	6° período
Alimentos e Bebidas	7° período
Teoria e Prática de Restaurante	8° período
Filosofia da Hospitalidade	8° período

Interesse e estímulo para o desenvolvimento na *área da docência e pesquisa*; capacidade de compreensão da necessidade do contínuo *aperfeiçoamento profissional*. Para tanto, contribuirão todas os componentes curriculares do curso, especialmente o Projeto Interdisciplinar bem como os seguintes componentes curriculares:

Componentes Curriculares	Período
Metodologia do Trabalho Científico -Leitura	1° período
Metodologia do Trabalho Científico – Redação Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo	2° período 6° período
TCC	7° período
TCC	8° período

Esta é a distribuição dos componentes curriculares na matriz curricular de 2001 do curso. A terceira matriz vigente. Sendo que a primeira, válida para a turma de 1998, foi elaborada com base em projeto inicial proposta por consultores externos. Esta, foi modificada para a segunda turma, de 1999, gerando a *segunda matriz* com o objetivo de aumentar a flexibilidade do curso, eliminando os componentes curriculares com numerais (I, II, III, etc.) que significavam estruturas de pré-requisitos (vale lembrar que sempre privilegiando, como conteúdos dos diferentes componentes curriculares, a ênfase de atendimento às necessidades de Sorocaba e Região, e com reforço específico dos componentes curriculares ligadas ao entretenimento - recreação/lazer e eventos. O parecer e as críticas dos especialistas do MEC, em dez/2.000, levaram à criação de uma *terceira matriz*, na qual procurou-se ajustar melhor o fluxo dos componentes curriculares, facilitando a percepção dos alunos sobre os caminhos da sua formação. Esta nova matriz vale para os alunos ingressantes de 2.001. A turma de 2.000, que ao longo do primeiro e segundo períodos, seguiu a matriz de 1999, teve, também por sugestão dos especialistas, a matriz dos seis semestres seguintes alterada.

Conforme disposto no Projeto Político Pedagógico do Curso de Turismo da Uniso em 2004, o curso entende que o processo de construção do conhecimento do aluno, muito além da transmissão de conhecimentos já estabelecidos, supõe a articulação entre os componentes curriculares da matriz do curso tendo em vista criar uma atmosfera propícia à reflexão e troca de saberes e experiência, nessa medida o encadeamento dos componentes curriculares da matriz do curso tenta contemplar esta preocupação. Os componentes curriculares de conteúdo

humanístico, distribuídos ao longo do curso, articuladas com as de conteúdo conceitual específico contribuem para despertar nos alunos o espírito crítico necessário para absorver as lições contidas nos modelos de exploração da atividade turística conhecidos e a corrigirem suas inúmeras falhas. Mais do que incentivar o desenvolvimento turístico regional, trata-se, pois, de despertar nos alunos o desejo e a necessidade de valorizarem modelos formatados segundo as características locais tendo em vista responderem às necessidades de desenvolvimento social da região baseados em princípios éticos.

De acordo com o depoimento do Coordenador do Curso de Turismo, o professor Cláudio Lucio Gravina, o curso vem num esforço de não sucumbir às leis do mercado, priorizando apenas a formação técnico-prática dos alunos, entendo que a formação conceitual deve ser evidenciada na formação do bacharel. No entanto, vale ressaltar que apesar do curso buscar contemplar os níveis necessários à essa formação integrada do aluno, requeridos pelo meio acadêmico através do ensino, pesquisa e extensão, nem sempre estes aspectos estão em sinergia. Seja por questões burocráticas e administrativas, seja resultado da realidade encontrada no curso em nível de gestão e docência ou mesmo do próprio alunado.

2.3.2 O Componente Curricular Teoria Geral do Turismo

No contexto desta pesquisa, enfatizaremos como objeto de estudo, o componente curricular de conteúdo específico Teoria Geral do Turismo, que de forma geral é oferecida nos Cursos de Turismo nos primeiros semestres, como componente curricular introdutório. Esta, em alguns casos é denominada como: Teoria e Técnica de Turismo, Introdução ao Turismo, Turismo e Lazer, Turismo e Mercado e outras afins, bem como Planejamento e Organização do Turismo.

No curso de Turismo da Uniso, os estudos indicados nos componentes curriculares de Teoria Geral do Turismo e Sistema Turístico-SISTUR – componente complementar à Teoria Geral do Turismo, oferecida no segundo semestre -, possui como enfoque um conjunto de conhecimentos que têm como objetivos conceituais iniciais, identificar os elementos e processos que dimensionam o turismo e suas interfaces, considerando o seu caráter multi e interdisciplinar, criando possibilidades de compreensão mais ampla do

fenômeno, seus fundamentos teóricos e elementos históricos; a produção do saber turístico e sua conseqüente importância na formação e qualificação profissional; o estabelecimento das relações pertinentes entre os fatores econômicos, sociais, ambientais e culturais do turismo e os impactos causados no indivíduo e na sociedade; a formatação do produto turístico, suas características e seu mercado, sob a óptica da teoria dos sistemas, com enfoques na sua origem, aplicabilidade, terminologias e oportunidades profissionais. Ou seja, busca abordar a prática da viagem no âmbito do curso de turismo problematizado-a como uma prática da vida social e como objeto de estudo.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria, aprovadas pelo Ministério da Educação (2002), os tópicos de estudo sugeridos para comporem a grade curricular dos cursos de turismo são de dois tipos: os *conteúdos básicos e os conteúdos específicos*. Os componentes curriculares de *conteúdos básicos* são aquelas que trazem os fundamentos para a formação do profissional de turismo com o desenvolvimento da capacidade reflexiva. Enquadram-se nesse rol de matérias, aquelas que fornecem conhecimento de ordem sociológica, psicológica, antropológica, filosófica, histórica, geográfica, cultural e artística, sem, no entanto, perderem de vista as especificidades nacionais e regionais. Já os componentes curriculares de conteúdos específicos são aquelas que proporcionam conhecimento de ordem prática, possibilitando dessa forma, que os alunos tenham contato direto com as atividades que compõem as atribuições profissionais do bacharel em turismo. Fazem parte do rol de componentes curriculares de conteúdos específicos: *Teoria Geral do Turismo,* Língua Estrangeira, Planejamento e Organização do Turismo, Marketing, Eventos, Lazer, Meios de Hospedagem, Alimentos e Bebidas, Restaurante, Agenciamento, Transportes, Informática, Ecologia, Relações Públicas e Ética Profissional.

Os membros da Comissão de Ensino também sugerem, para compor o projeto curricular dos Cursos de Turismo, componentes curriculares de cunho profissionalizante, que viriam a contemplar a formação de ordem prática dos estudantes e inserem ainda, a disciplinas de Tópicos Emergentes, como abordagens que devem permear todo o currículo do curso, não só como um assunto a ser tratado em suas diferentes disciplinas de formação

profissional, como também em atividades complementares, como seminários, palestras, dentre muitas outras formas de enriquecimento do currículo.

> Objetivando proporcionar formação que configure uma habilitação específica, os cursos deverão orientar partes das diferentes disciplinas para aplicação à respectiva especialidade, sem descuidar do perfil, das habilidades e dos conteúdos que são gerais para a formação do Bacharel em Turismo. São habilidades desenvolvidas com base em determinados conteúdos que vão configurar o perfil do profissional desejado, garantindo a "identidade nacional" e a "caracterização regional" da categoria profissional, permitindo a cada Instituição Educacional de Ensino, autonomia para a elaboração de seus conteúdos curriculares. (BRASIL, 2002).

Ressalta-se ainda, conforme o documento das Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria (2002), que pela complexidade do conteúdo e pela necessidade de uma formação específica, este componente curricular, seja preferencialmente ministrado por professores oriundos da área de turismo.

Os Cursos de Turismo e Hotelaria da Universidade de Sorocaba oferecem ordinariamente este componente curricular no primeiro semestre, tendo no segundo semestre um trabalho complementar à Teoria Geral do Turismo, com o componente curricular Sistema Turístico – SISTUR[35]. Cada uma destas disciplinas é oferecida com 80 créditos disciplinares.

Na medida em que o componente curricular de Teoria Geral do Turismo, no contexto do curso de Turismo da Uniso, assume os conteúdos introdutórios e propícia o primeiro contato dos alunos com conteúdos específicos da área, assume o compromisso de focar análises que proporcionem ferramentas para a interpretação e avaliação dos conhecimentos básicos, possibilitando ao aluno, desenvolver sua capacidade crítica, no sentido de explorar e refletir o turismo, transcendendo sua abordagem a partir dessa vertente pragmática, na qual o turismo é tomado como uma atividade de forte apelo econômico e cujas análises são predominantemente marcadas por índices estatísticos, quantificadores da relação custo-benefício entre produção e consumo, e que acabam limitando-se a uma análise aparente do

[35] Estas disciplinas são oferecidas com está configuração deste 1998, data de início da primeira turma e onde eu sou professora da disciplina, desde então. (Sou bacharel em turismo desde 1990 pela Universidade Federal do Pará - UFPA). Iniciei a carreira acadêmica em 1997, como professora do Curso Superior de Turismo da Universidade São Judas Tadeu/SP.

fenômeno. Essa posição economicista que significa um reducionismo em seu tratamento epistemológico, é examinada como segue.

> Deve-se dar um tratamento científico ao fenômeno, pois este representaria uma nova ciência, mesmo que seu objeto deste conhecimento pertença, indubitavelmente, às ciências sociais aplicadas. Interessa à economia, à sociologia por seus aspectos sociais, à geografia por seu conteúdo espacial, à psicologia pelo comportamento individual, social e de grupo do turista e pela investigação motivacional que lhe é conexa. Na realidade, no turismo, o epicentro do fenômeno é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam, e não as mercadorias, o que impõe complexidades ao esforço de uma argumentação sistemática dessa realidade. Basta que se pense nas séries importantes de inter-relações humanas que se derivam do comportamento consumidor-turista com os grupos de habitantes do local visitado, enfim, todo o complicado processo de identificação do turista com o grupo ideal ou efetivo que determina a escolha da localidade de destino. (MOESCH, 2002, p. 12)

Desta perspectiva, o objetivo é "aprender" o turismo tentando refleti-lo como uma alternativa que além de desenvolvimento econômico, seja elemento articulador de processo de transformação social e estrategicamente, um ato de transformação educativa por meio da experiência da viagem, para o indivíduo que o pratica. Portanto, os conteúdos abordados neste componente curricular devem privilegiar análises que levem em consideração o turismo e suas múltiplas facetas diretas ou indiretas, em relação a muitos aspectos da vida humana. Devemos considerar ainda que, os conceitos, registrados na literatura sobre uma teoria do turismo continuam privilegiando aspectos componentes dessa base determinista, onde o trafego de pessoas e o movimento econômico reproduzido diante dos índices exponenciais de crescimento do fenômeno turístico mundial, impedem que se avance no sentido de derrubar as barreiras impostas pelas primeiras análises, datadas no início do século XX, que percebiam o turismo como um conceito compreendido especialmente por seus processos econômicos manifestados na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou Estado.

O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade de sua superação – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. A disciplinaridade é conseqüência do uso do paradigma analítico na construção dos saberes; até bem pouco tempo, esse paradigma era tido como único e incontestável. Construir

um novo campo teórico para o turismo requer um método que avance na concepção do que seria conhecimento, ciência e teoria.

> Esse método divide problemas, grandes e complexos, em partes acreditando, assim, diminuir sua complexidade ao diminuir a intensidade das transformações e das relações. O problema maior é dividido em questões menores, repartindo-o em partes interdependentes, acredita-se alcançar maior compreensão. Por que? Porque resolver problemas, nessa lógica, seria separar, solucionar os problemas de cada uma das partes ou setores e, assim, capacitar o aluno a enfrentar um problema maior. (MOESCH,2002, p. 26)

A abordagem analítica, chamada de cartesiana, por ter em Decartes um de seus principais teóricos, permitiu com base na ciência, grandes avanços ao pensamento humano. Hoje, no entanto, o cartesianismo, mostra-se limitado, quando se trata de maior aproximação dos problemas sociais contemporâneos.

> A racionalização originada na trindade técnica, ciência e razão – as quais já fornecerão a luz para esclarecer os caminhos do futuro – está equivocada, mutilada, por conter rupturas internas. Hoje, sabemos que a ciência produziu coisas boas e fecundas, mas também permitiu que, pela primeira vez, a humanidade vislumbrasse a possibilidade de destruição total do planeta, com a bomba atômica. Quer dizer, há problemas dentro da razão. (MORIN, 1998, apud MOESCH, 2002, p. 27)

Os currículos universitários, na sua maioria, tratam o conhecimento numa abordagem analítico cartesiana. Os alunos dos cursos de Turismo, por exemplo, têm componentes curriculares de língua estrangeira, de Geografia, de Sociologia, de Fundamentos do Turismo e, em média, trezentas horas de estágio "para ver como é a dinâmica do real", isto é, o chamado mercado de trabalho. Quando muito, há esforço de reunir esses conhecimentos, respeitando as fronteiras de cada disciplina, num Projeto Experimental, que buscaria relacionar teoria e prática.

De acordo com Moesch (2002), inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas dentro da academia. A tradição cartesiana, predominante no saber científico, fundamenta a análise na superação do todo, em categorias, pressupondo que um campo de saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes desse todo. A interdisciplinaridade, fundamental à analise do turismo como fenômeno social, cultural,

comunicacional, econômico e subjetivo, avança as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber.

> Cabe a academia propor novas abordagens, a partir de uma concepção interdisciplinar. A interdisciplinaridade aponta um método investigativo fecundo sob o ponto de vista epistemológico, desde que superados os nichos particularistas existentes nas universidades, nos quais os clássicos campos do saber são criteriosamente delimitados. (MOESCH, 2002, p. 14)

Pensar as implicações epistemológicas para a construção de uma teoria do turismo, sob uma concepção interdisciplinar, requer a superação de paradigmas fossilizados em milhões de discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. A mesma autora adverte para o fato de que, revisitar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais desse fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores nos mais de quatrocentos cursos da área no Brasil. Essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre os consultores e políticos do setor, no país e no exterior, cujos discursos eufemísticos apontam números grandiosos sem se ater ao papel dos ***sujeitos*** consumidores e ***produtores*** envolvidos. Para Moesch (2002, p. 135), "construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista interdisciplinar, em que cada momento é, simultaneamente, produtor e produzido, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo esta na parte".

Assim, parte dessas implicações epistemológicas, reflete-se na produção acadêmica realizada na área. Segundo estudos realizados por Rejowski (1996), no Brasil, a pequena produção acadêmica (em 17 anos, 55 dissertações e teses foram elaboradas tendo por objeto o turismo), não consegue constituir-se em uma linha de pesquisa substancial, na sustentação de uma teoria do turismo, ou seja, num desvelamento de sua epistemologia. Segundo a mesma autora, a diversidade de estudos efetuados na área espelha a interdisciplinaridade de seu objeto. Mas paradoxalmente nestes estudos já publicados, percebe-se o tratamento reducionista dado ao objeto turístico. Boa parte destas análises ora o enfoca sob a égide economicista como uma atividade apenas econômica, ora sob a ótica sistêmica, tratando-o como um sub-sistema. Tanto numa análise como na outra, o enfoque parte de uma premissa determinista, o que equivale a dizer que o turismo é analisado, na maioria dos trabalhos, sob os cânones da especialização de cada disciplina que o constitui – economia, antropologia,

geografia, planejamento, administração, marketing, sociologia, comunicação, entre outras. Conseqüentemente, os estudos são fragmentados, desarticulados, unilaterais e com insuficiência metodológica, apresentando, salvo exceções pontuais, ausência de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, que possibilite a construção de um campo teórico.

Tamanha é a interdisciplinaridade do turismo que em geral, não leva a uma compreensão que vá além de um rol de informações isoladas, formatadas nas diferentes disciplinas, e que permita intervir num fenômeno que capitaliza insumos da natureza, da cultura urbana e rural, transformando-as em bens sociais. O conhecimento turístico compartimentado acaba entregue a uma série de especialistas, técnicos treinados para enfrentar problemas dividindo-os por regiões, segmentos e atividades. Acrescenta-se que uma das características ainda pouco desenvolvidas nos estudos do turismo tem sido justamente o esforço no sentido de romper a barreira das disciplinas específicas de que partem tais análises, para atingir a complexidade do fenômeno turístico, de forma a esclarecer os nexos entre esta prática e a vida social em um sentido amplo. Estas são questões que perpassam os conteúdos trazidos no componente curricular Teoria Geral do Turismo.

Talvez aqui esteja o grande desafio do ensino e da pesquisa em Turismo, como avançar na sua compreensão relacionando as diferentes partes de sua constituição em um todo orgânico. A realidade desse fenômeno, sua prática social, exige uma nova práxis, um novo saber-fazer, com uma nova referência, conjugando objeto, teoria, método e prática. O problema em torno do turismo ganha novas complexidades e exige encaminhamentos teóricos diferenciados, na medida em que as práticas profissionais baseadas na realização de pesquisas quantitativas, não têm dado conta do objeto, por exemplo, no que se refere a sustentabilidade natural e cultural. Se, isso se dá na práxis, na teorização, o problema ganha novas dimensões.

Uma epistemologia do turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre a prática social que se dissemina de forma diferenciada, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em um mundo que se globaliza. O Turismo é um fenômeno que cresce e se espalha no tempo e no espaço de forma bastante incontrolável e imprescindível. A cada momento e

em cada lugar em que o fenômeno turístico se produz, ocorre uma série de relações que sempre são, em algum grau, diferentes e nunca totalmente previsíveis, nunca idênticas a outras, as situações de turismo não se reproduzem, mesmo no turismo de massa – que, no entanto, se caracteriza por sua fidelidade a modelos padronizados de comportamento.

Diante deste contexto de conceituações, é que supomos que as discussões trazidas na disciplina Teoria Geral do Turismo, podem oferecer condições de informação e de vivência grupal que, a um só tempo, aumentam o sentimento de segurança e permitem a ambiência necessária para a vivência da expectativa, da realização e da avaliação da viagem. Neste plano buscamos verificar em seguida, o sentido e o significado da Viagem Técnica como prática formativa relevante na formação dos alunos do curso de Turismo.

CAPÍTULO 3: "A GENTE NÃO FICA SÓ VIAJANDO"

O aspecto da viagem desenvolvido neste capítulo, esta associado a uma possível abordagem educativa desta experiência moderna. Neste sentido, buscamos construir considerações relativas a essa perspectiva, tentando refletí-la no contexto da formação dos alunos do Curso de Turismo da Uniso e do ponto de vista de sua relevância para o homem contemporâneo, na medida em que ser turista é uma da característica da experiência moderna.

A mobilidade turística tornou-se realidade num mundo onde a singularidade de costumes denotam a imanência de um padrão civilizatório mundializado. De acordo com Ortiz (2000, p. 39), somos penetrados pela modernidade-mundo; ela nos acompanha em "todos" os lugares, os diversos grupos sociais partilham até mesmo um imaginário coletivo comum, composto por signos comerciais, imagens de cinema, televisão, pôsteres de artistas, cantores de musica pop etc. Nesse contexto, a noção de viagem encontra-se comprometida. A distância deixa de ser um obstáculo físico para o deslocamento, sua interpretação torna-se possível a partir de sua funcionalidade como variável administrada racionalmente. Neste sentido, uma cartografia e estratégia dos deslocamentos minimizam a possibilidade do risco e coloca em cheque, este que deveria ser um dos traços constitutivos da viagem. Deslocar-se no espaço deixa de ser uma "aventura", na medida em que o desconhecido - que no passado era sinônimo de distante - torna-se habitual, tanto do ponto do ponto de vista dos que organizam os deslocamento turísticos, como para aqueles que o vivenciam. Hoje "Viajar para o exterior", parece não reter mais o mesmo significado, pois a sensação de estranhamento parece ter sido substituída pela de familiaridade; o termo turista parece se contrapor ao termo viajante, na medida em que ser turista supõe ter a disposição um conjunto de experiências codificadas e balizadas, onde os caminhos permitem ao visitante experimentar a viagem sem maiores constrangimentos. Fazendo-o sentir-se "em casa".

Neste plano o significado desta experiência estaria associado ao contraste a ruptura em relação à ordem das coisas. A aventura neste caso, seria essencialmente um acontecimento extraterritorial, um deslocamento no espaço. A viagem se realizando no

terreno da vida ordinária, configurando-se na experiência de um outro tipo de temporalidade, de um outro tipo de sensibilidade em relação ao outro, ao diferente. Neste sentido o que daria um valor a uma viagem seria o medo. Seria o fato de num certo momento, quando estamos muito longe do nosso próprio país, sermos defrontados com uma vaga sensação de medo, e um desejo instintivo, de voltar à proteção de nossos velhos hábitos. A viagem nos trazendo de volta a nós mesmos. Este nos parece, seria o benefício mais obvio do viajar. Na medida em que nesta experiência não estejam presentes qualidades como exterioridade, estranheza, alteridade a viagem deixa de ser um rito de passagem. Neste sentido, nos parece que há um problema de educação para viagem que se coloca para o turista moderno, pois a excitação das viagens turística, preparadas de antemão, quando existe, é muito mais fruto do contraste com o mundo do trabalho do que propriamente do trajeto em si. Neste contexto, como poderíamos tratar o tema da viagem do ponto de vista educativo no contexto da formação dos alunos do Curso de Turismo?

Tratemos esta mobilidade do homem contemporâneo a partir ponto de vista trazido por Moesch (2002, p. 134), que considera o turismo como um campo de práticas hitórico-sociais, que pressupõe o deslocamento do(s) sujeitos(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividade, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

Coloquemos o sujeito da viagem no centro da discussão, não deixemos que ele se desloque, sem que antes, amplie e problematize, seu próprio entendimento sobre o seu papel na construção desse significado social em que se transformou a viagem para a sociedade contemporânea. Este sujeito moderno, que parece buscar com olhares ambiciosos outros territórios, sem se dar conta de sua própria identidade, de sua própria unicidade territorial.

> Busquemos uma reação ao turismo como um ato de consumo mecânico. [...] com ingestão e deglutição inorgânicas de uma massa pré-mastigada, feita à base de banalidades locais acrescidas de condimentos de exotismo. Falamos de seus desdobramentos mais recentes, conectados a concepções inovadoras, sensíveis a possibilidades de deslocamentos físicos, enquanto estímulos geradores de procura de informações e de conhecimento, ou então na condição de elementos propulsores de uma nova sensibilidade em relação ao outro, ao diferente. (URRY, 1996, p. 11).

Coloquemos esse sujeito diante de si mesmo e do valor da diferença. Façamo-lo analisar sobre essa necessidade de "afastamento", que rompe temporariamente com as rotinas e práticas cotidianas, que permite que nossos sentidos se abram para um amontoado de estímulos contrários aos da nossa vida diária. O que tem lá fora, que é melhor do que aqui? Qual o significado do "aqui", do "meu lugar"? Qual o significado do "lá fora", do exterior a mim e ao meu lugar? Como aprendo sobre mim, sobre o outro e sobre o meio?

Um recorte mais profundo, mais amplo, mais engendrado na figura deste sujeito, poderá nos proporcionar uma viagem cheia de mistura e mestiçagem, através de um saber amigo da diferença, da abertura para o outro, que não se subordina a uma razão única, e sim coberto de um espírito mais sábio, que se enriquece com os ruídos, os desvios, as imperfeições da experiência, que legitimamente se integram ao processo de conhecimento. Pelas possibilidades de uma compreensão educativa mais multireferenciada. Enfrentemos o desafio de empreender novos olhares à viagem através do sujeito, que na descrição de (Serres,1991) , aparece como sendo, O centro. O sol. O tema. A substância. Deus. O nome próprio: Salomão, Arlequim.

> Tu te vestes com o roteiro de tuas viagens?
>
> Partir exige um dilaceramento que arranca uma parte do corpo à parte que permanece aderente à margem do nascimento, à vizinhança do parentesco, à casa e à aldeia dos usuários, à cultura da língua e a rigidez dos hábitos. Quem não se mexe nada aprende. Sim, parte, divide-te em partes. Teus semelhantes talvez te condenem como um irmão desgarrado. Eras único o referenciado. Tornar-te-ás vários, às vezes incoerente como o universo que, no início, explodiu, diz-se, com enorme estrondo. Parte, e tudo então começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte. Tudo começa por este nada.
> Nenhum aprendizado dispensa a viagem. Sob a orientação de um guia, a educação empurra para fora. Parte. Sai. Sai do ventre de tua mãe, do beco da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. Tuas idéias iniciais só repetem palavras antigas. Jovem: velho papagaio. Aprender lança a errância. (SERRES.1991, p. 14).

Investigar na perspectiva dos valores do sujeito da viagem poderá nos fazer "partir", em todas as acepções da palavra – ir-se embora, separar(-se) em partes, despedaçar-se, originar-se, atacar, morrer – Rumo ás condições de problematizar seu universo identitário em

relação a sua subjetividade com sua exterioridade. Neste primeiro momento tentando observá-lo como o "*um*", diante da seguinte pergunta: "Quem sou?".

> Ninguém, absolutamente falando. Nulo. Tão pálido e diáfano que perco a existência. Espectro lívido e desfeito, prestes a se dissolver no ar. Nada, a rigor. Saído do branco, do invisível, do cândido e do transparente. Zero. Sólido puro entregue inteiramente à luz, de onde ela venha, alta e baixa, brilhante, discreta, firme e irregular. Nenhuma só parte de ser, nada além do nada. (SERRES,1991, p. 177)

Sujeito esse então, capaz de aprender e de tudo inventar, corpo, alma, entendimento e sabedoria. A partir desse potencial criador, incorporaremos um novo enfoque. Acrescentaremos em nosso caminho a visão do sujeito "Le tiers-Instruit" [36], de Michel Serres. Iremos em busca de sua relação com a realidade, com a mestiçagem, com o aprendizado. Tendo como universo pedagógico, o universo da viagem.

Um sujeito que passa da mistura ao múltiplo e deste à unidade. Como num jogo de mosaico, que tenta mostrar o "um", segundo distingamos o "múltiplo", deixando evidente que ambos são singularidades desta mistura.

> Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado [...]
> [...] Parta, mergulhe. Depois de ter deixado a margem, você continuara, durante algum tempo mais perto dela do que da outra à sua frente, tempo bastante, pelo menos, para que seu corpo se aplique ao cálculo e silenciosamente reflita que ainda pode voltar. Até um certo limiar, você conserva esta segurança: o mesmo que dizer que ainda não partiu. Do outro lado da aventura, o pé confia na aproximação, desde que tenha ultrapassado um segundo limiar: você está tão próximo da margem que pode dizer que já chegou. Margem direita ou esquerda, não importa, nos dois casos: terra ou chão. Você não nada, espera para andar, como quem salta, decola, atinge o chão, mas não permanece em Vôo. (SERRES, 1991, p. 11)

Devemos questionar, como viajados esperam e o que obtém do turismo? Como vivem as experiências da viagem? Quais suas motivações, seus interesses e necessidades? O que lhes trás de fato o turismo? Souvenirs? Seriam estas as únicas lembranças que restam? Saímos enriquecidos da nova experiência? Será que esta vai modificar nossa atitude face à

[36] "Le tiers-Instruit" – É uma expressão rica em possibilidades de significação e que está presente no ensaio poético do filósofo francês Michel Serres (1991). Que em sua edição brasileira, a obra se chama *Filosofia Mestiça*. *Tiers* é traduzível por "mestiço", "misturado"; "outro", "estranho"; "terceiro", "terço". *Tiers-Instruit* pode significar "mestiço instruído", como indica a tradução para o Português, ou então, "terceiro instruído".

vida e nosso comportamento cotidiano? Pode esse universo se transforma num universo pedagógico privilegiado, significativo - O turismo redimensionando: a descoberta do mundo como chave para o aprimoramento pessoal-. O que se traz da viagem? Segundo (Kripendorf ,1989), duas teses se apresentam sobre o assunto:

É possível, diz a primeira, que o cotidiano anule rapidamente todos os efeitos da viagem, que ele nos agarre novamente e não tenhamos mais tempo para assimilar nossas impressões. Talvez não tenhamos vivido nada de muito específico durante as férias. Ademais parece-nos absolutamente normal que retomemos o trabalho. Tudo é como antes. As férias são um "mel" anual, três semanas de apoteose. Esta tese talvez se mostre verdadeira para a maioria dos homens-férias. Eles têm necessidade das férias e da evasão do cotidiano para, depois, se adaptar melhor ao cabresto. Eles se habituaram ao ritmo e às atitudes e comportamentos que os caracterizam; tanto, e tão bem que a maioria fica feliz ao voltar, porque assim deve ser e "afinal, fica-se bem em casa". No entanto, muitos são os que não levam uma vida assim tão boa em casa. Mas não caem a fundo nesta questão.

Contudo, também poderia ocorrer que, como afirma a segunda tese, as experiências vividas durante as viagens e as férias desencadeiam um processo de aprendizagem que, com a continuidade – isto é, no decorrer de nossas viagens modifiquem nossas atitudes e nossos comportamentos, chegando mesmo a algumas mudanças na sociedade. Não se trata de viver alguma coisa "fora" e de cantá-lo em casa, mas de aprender alguma coisa lá fora e agir de acordo dentro de casa.

De acordo com esta última tese, a viagem poderia nos levar a tomar consciência de nossa própria realidade, a relativizar as normas culturais que assimiláramos, a descobrir que existem outras formas de vida comunitária e a questionar nossas próprias condições de vida. Neste sentido, viajar autenticamente seria partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, de si mesmo para o exterior ao outro. Em outros, educar-se para a viagem na perspectiva trazida por Serres (1991), seria, de certa forma, vencer o medo do desconhecido e preparar-se para desfrutar da alteridade. Mas será que a viagem contemporânea abre, de fato, espaços para nos levar a isso?

Novamente nos perguntamos: Viajar, por quê?

Como já vimos anteriormente, em suas raízes mais remotas, para o homem, a viagem seria sinônimo de cansaço, de sofrimento, de medo. O sedentarismo trouxe consigo a construção dos signos de lugar: Trouxe mais, o hábito de olhar a vida a partir do ponto de vista do lugar, do estabelecido, ai incluindo a busca da estabilidade e de coisas acabadas (estabelecidas) e não mais de processos (ligados ao vagar, ao buscar). Por que então viajar? Porque dá e na viagem estaria a maturidade e a purificação. Exatamente como nos exemplos do mito de Gilgamesh, dos trabalhos de Hércules, as Aventuras de Frodo, as Cruzadas , as grandes peregrinações religiosas, as grandes viagens marítimas e terrestres, de conquista do Oriente – e os relatos de Marco Pólo – e das Américas. Todas viagens acompanhadas pelo desconforto, pela fome, pelo sofrimento, dos quais o viajante sobrevivente sairia fortalecido, acrescido de humanidade e temperança.

Nos tempos modernos, o turismo de massas parece ter tirado das viagens o seu caráter de rito de maturidade e purificação, transformando-o em sinônimo de liberdade, ganho de autonomia, de prazer, de busca intelectual e diferenciar um indivíduo do seu grupo. Ao mesmo tempo, transformou o viajante em passageiro e peregrino em mais um turista. O turismo parece ter se tornado uma grande viagem espetáculo ao interior de um universo de paisagens, monumentos, museus. O turista parece preferir mais o universo dos guias de viagem do que a própria vida real, cotidiana. Ele leva máquina fotográfica a tiracolo e, dentre em pouco, está mais preocupado em registrar que em ver.

> O turismo moderno apresenta analogias surpreendentes com o cinema. Ele é sucessão precipitada de imagens "voyeurismo" ininterrupto. Este parentesco se afirma nas viagens coletivas em ônibus panorâmico onde os espectadores em suas poltronas olham através do vidros - membrana da mesma natureza que o vídeo da televisão, a tela do cinema, a foto do jornal e a grande janela envidraçada do apartamento moderno - janela cada vez mais cinematoscópia sobre o mundo e ao mesmo tempo fronteira invisível. (MORIN, 1969, p. 77).

Vale perceber que o autor salvaguarda uma diferença essencial entre o cinema o turismo, que é o que nos interessa aqui. Não se evita a viagem. O turista não é apenas um espectador em movimento, ele não se beneficia apenas (sobretudo quando circula de automóvel) de uma volúpia particular que vem da consumação do espaço (devorar os

quilômetros). Ele se comunica pessoalmente com a região visitada. O turista pode dizer "eu", "eu vi", "eu comi", "eu estive lá", "eu fiz 5.000 quilômetros": e é essa evidência física indiscutível, esse sentimento de estar lá, em movimento, em jogo que valoriza o turismo em relação ao espetáculo. Segundo Morin (1969), há na visitação turística a introdução, simultaneamente, de um suplemento de ser e de um quantum de ter. A auto-ampliação física é ao mesmo tempo uma apropriação, certamente semimágica experimentada como uma exaltação, um enriquecimento de si. A viagem pode desta forma representar um universo de aprendizagem significante, desde que busquemos um alargamento, de nosso próprio entendimento sobre essa experiência. Neste sentido, corre-se o risco de permanecer na teoria enquanto a viagem continuar a ser aquilo que é nos dias de hoje – na maioria dos casos – um comércio destinado ao consumo agradável e irrefletido das diversões, a grande oportunidade que ele representa não será assimilada, a não ser por alguns de nossos contemporâneos de espírito mais esclarecido.

Diante do contexto desta discussão é que compreendemos a prática da viagem para os alunos do curso de Turismo, pode ser um momento relevante do ponto de vista da experiência pessoal, na medida em que pode estimular o gosto pela viagem, e do ponto de vista da experiência profissional, na medida em que seja capaz de provoca um olhar sensível para os diferentes aspectos da viagem.

3.1 A Importância da Viagem Técnica como Prática Formativa

A denominada Viagem Técnica como elemento pedagógico na formação do Bacharel em Turismo, traz em suas atividades, um repertório de situações ligadas à viagem que levam ao aluno, uma flexibilidade dos meios de aprendizagem, uma interdisciplinaridade, supondo, deste modo, não apenas o trabalhado articulado entre componentes curriculares de um mesmo período, como também de articulação entre o ensino, pesquisa e extensão. Como atividade programada, pode abrigar algumas discussões emergentes do campo de turismo além de aproximar os conteúdos acadêmicos das experiências do cotidiano.

A Viagem Técnica opera-se através de estudos aplicados em aulas práticas como parte dos recursos metodológicos vislumbrados pelos cursos de graduação em Turismo. Como prática formativa, esta atividade busca uma apreensão da realidade que possibilite a obtenção de dados empíricos, de tal forma que este processo auxilie numa melhor apreensão do objeto de estudo pretendido. Neste sentido a atividade se reveste de importância na medida em que passa a ser uma forma de rever os conceitos teórico-metodológicos que referenciam o componente curricular em que a viagem esta inserida e como sendo uma forma de expressão do diálogo produzido em sala de aula.

No que se refere ao conhecimento, análise dos fatos e fenômenos que envolvem a atividade, a observação empírica assume desta forma uma ampla dimensão, na medida em que o enfoque do conhecimento local, específico, deve ser o ponto de partida para a efetivação da compreensão em escalas mais amplas, extrapolando assim a pura e simples descrição, para incorporar a análise e interpretação dos fatos fenômenos observados.

Para abordagem das visitas técnicas específicas para a área de Turismo, não há um método elaborado: as ações efetuadas antes, durante e depois das visitas são formuladas de acordo com os conceitos e propostas atualizadas trazidos pelo componente curricular que as contem. Para isso, uma Viagem Técnica supõe que o professor do componente curricular disponha de estudos sobre as questões pertinentes ao tema, tanto em escala global, como regional, tomando-se os conceitos fundamentais para as possíveis questões e analises relacionada com a temática proposta.

Antes de apresentarmos a organização da Viagem Técnica, aqui pretendida, precisamos considerá-la na estrutura dos cursos de turismo. De acordo com a Comissão de Especialista de Ensino em Turismo, do Ministério da Educação, que reconhece nas Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria, aprovada em 2002, a necessidade das coordenações dos cursos de turismo privilegiarem um ensino humanista, pautado numa sólida formação pessoal, acadêmica e profissional de seus alunos:

> Somente dessa forma os cursos de turismo estarão contribuindo para formação de um profissional capaz de superar os obstáculos a fim de crescerem profissionalmente em um mercado de trabalho altamente competitivo. Nesse sentido, e visando completar a formação profissional de seus alunos, os coordenadores de cursos deverão apresentar em seus projetos curriculares propostas de atividades extra-escolares. (BRASIL, 2002).

Neste contexto das diretrizes, são estabelecidas e priorizadas atividades extra-escolares com o objetivo de provocar o desenvolvimento das habilidades e dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. São estas:

Estudos Independentes: O curso deverá criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes, presenciais e/ou à distância, desde que atendido o prazo mínimo e máximo estabelecido pela instituição, para a conclusão do curso. Estas atividades constarão do currículo do aluno como horas-atividades e poderão ser compostos de estudos complementares, cursos realizados em outras áreas afins e a integração com cursos seqüenciais correlatos à área.

Trabalhos de Conteúdos Específicos: estão diretamente ligados a uma disciplina e fazem parte do aprendizado prático dos alunos, sendo distribuídos nos conteúdos específico e científico do curso de turismo. Podem ser do tipo: trabalhos interdisciplinar; planos de desenvolvimento de municípios turísticos; projetos experimentais; trabalho de conclusão de curso; planejamento e organização de eventos (semana temáticas e eventos comemorativos).

Visitas Técnicas: necessárias nos conteúdos de conhecimento científico e específico/técnico, podendo ser aproveitadas para a realização de laboratórios de aprendizagem durante parte do tempo de visita ou de viagem técnica. A carga horária deverá ser incluída no currículo do aluno como hora-laboratório ou atividades extra-classe;

Atividades Emergentes de Atualização: são as atividades ligadas a assuntos da atualidade e do momento real de aprendizagem do aluno. Poderão ser vinculadas a um componente curricular ou fazer parte da orientação pedagógica de ensino humanista. São realizadas em dois momentos que incluem a participação ou visitação de algo e a discussão posterior sobre o fato. São realizadas através de atividades como: visitas a exposições;

participação em debates públicos; participação em congressos e seminários; participação em atividades socioculturais.

O Curso de Turismo da Uniso oferece todas essas atividades extra-escolares. No entanto, dentre elas, ressaltaremos o foco de nossa análise: a "Visita Técnica", a ser tratada aqui como Viagem Técnica. Estas são oferecidas ao longo dos quatro anos do curso como mostra o quadro abaixo:

Viagens realizadas pelo Curso de Turismo da Uniso em 2003:

Componente Curriculares	Período	Mês	Local	Nº de ônibus
Laboratório	todos	abr.	Feira de Turismo São Paulo	1
Planej. e Organização do Turismo	5º período	abr.	Região	1
História da Cultura e da Arte	3ª período	maio	São Paulo	1
Geografia do Turismo- Região	1º período	maio	Região	2
Recreação e Lazer	3º período	jun.	Acantonamento em São Roque	1
Transporte Turístico	3º período	jun.	Aeroporto de Guarulhos/SP	1
TGT/Sistema Turístico	2 º período	set.	São Paulo	2
Laboratório	todos	set.	Intertur	2
Laboratório	todos	set.	Feira de Turismo/SP	1
Sistema Turístico	2º período	out.	São Paulo	2
Meios de Hospedagem	6º período	out.	São Pedro/SP	1
Plano de Desenvolvimento Turístico	6º período	out.	Região	1
Geografia do Turismo – Brasil	2º período	nov.	Paraty	2
Turismo e Meio Ambiente	4 º período	nov.	Litoral	2
Recreação Turístico-Hoteleira	4º período	nov.	Parque Temático -Vinhedo/SP	1
Viagem cultural[37] com despesas custeadas pela Universidade	7º período	nov.	Roteiro definido por alunos e professores	2
Viagem intermodal[38] com despesas custeadas pela Universidade	8º período	nov.	3 tipos de transportes, navio, avião e trem	-

Fonte: Relatório de Viagem do Curso de Turismo da Uniso/2003.

[37] *A Viagem Cultura* é resultado de um roteiro elaborado pelos alunos. Esse roteiro deve ser nacional, respeitando as possibilidades de custo viável para sua realização (esse é um exercício prático valiosíssimo para os alunos, pois todas as medidas devem ser reais) e os custos parciais, são de responsabilidade da Universidade.

[38] *A Viagem intermodal,* envolve os 3 tipos de transporte: Ônibus, avião e trem, deve ser nacional e sua organização e feita em conjunto, pelos alunos da disciplina de Agenciamento e o setor administrativo da Universidade. Nesta atividade a Uniso assume o custo total da viagem (A partir de 2004, a atividade é retirada do rol de viagens técnicas oferecidas pelo curso, por ter se tornado impraticável em termos de custo).

Destacaríamos três pontos estabelecidos no Projeto Político Pedagógico do Curso de Turismo da Uniso, que norteiam o planejamento da atividade de Viagem Técnica: O primeiro diz respeito à observância dos *princípios para a realização das Viagens Técnicas:*

a) Inserção no Plano de Ensino da disciplina correspondente, devendo ser objeto de projeto específico, com definição de objetivos e dos resultados que se espera para o melhor aproveitamento do aluno na mesmo componente curricular;
b) Elaboração pelos alunos, sob supervisão do docente do componente curricular, de projeto específico para a viagem;
c) Elaboração de relatório final;
d) Obediência rígida aos cânones da viagem turística, com definição pelos próprios alunos, sob coordenação do docente, de roteiro prévio, pesquisa prévia de informações sobre os destinos a serem visitados, obediência a horários, escolha adequada do ônibus (padrão turístico) ou outro meio de transporte.

O Segundo diz respeito aos Princípios Pedagógicos estabelecidos para o curso:

a) *Integração dos cursos de turismo e hotelaria*: Entende-se aqui que ambos os cursos são voltados a campos profissionais ligados ao setor de desenvolvimento sócio-cultural e entretenimento e, em conseqüência, pretende-se não apenas promover o maior intercâmbio como também evidenciar a necessidade de implantação de outros cursos correlatos.
b) *Formação profissional e humanística*: Este princípio diz respeito não apenas à necessária recuperação de deficiências de formação dos alunos em temas e disciplinas do ensino médio como também à necessidade de uma base profissional e humanística da formação proporcionada pelos cursos. Como ocorre com cursos voltados para áreas profissionalmente definidas, é de se supor uma inquietação inicial dos alunos sobre a pertinência das disciplinas para o futuro de seu trabalho. Desde o início, assim, procurar-se-á conscientizar os alunos de que um curso de graduação visa a formação geral e não apenas a formação profissional do indivíduo.
c) *Enfoque ambiental:* O curso de Turismo adota, assim, a postura de defesa do chamado turismo de desenvolvimento sustentável, aquele que tenta eliminar ou minimizar as mazelas do turismo convencional - colonialismo cultural, banalização e destruição dos costumes

locais, sobretudo do folclore e do artesanato, desvalorização das populações receptoras em favor das emissoras, descaso com o mercado de trabalho local – e que aposta em planejamentos turísticos que levem em consideração prioritariamente a qualidade de vida das comunidades locais. Nesse sentido o Turismo deve ser entendido também como uma atividade que possibilite uma mudança de postura e divisão do mundo dos agentes envolvidos.

d) Um olhar global, um agir local: É claro que o turismo é hoje uma das principais instâncias da chamada globalização, junto com a mídia e o mercado financeiro. O que se passa no mundo, quais são as iniciativas mais eficientes para o setor, os modelos que estão mais se adaptando às diferentes aspirações dos públicos, todas estas questões deverão ocupar significativamente as preocupações docentes do curso, mas sempre tendo em vista o desenvolvimento turístico e hoteleiro locais.

e) Valorização do turismo regional: É sabido que o turismo sorocabano é um retrato sem retoques da realidade mais ampla observável no país, onde há mais exportação de turistas do que visitantes turísticos. Isto se traduz, ao menos no presente, num setor turístico-hoteleiro ainda acanhado e sem condições de acolher os futuros formandos. Em cima desse diagnóstico, é assim natural e lógico que o curso assuma o compromisso de lutar pela valorização, incremento e melhoria dos padrões de recepção locais, de forma a permitir que os futuros formandos encontrem aqui mesmo o necessário campo de exercício profissional.

f) Crítica aos modelos vigentes no turismo: Como corolário dos princípios anteriores, o curso propõe-se, ainda, a despertar nos alunos o espírito crítico necessário para absorver as lições contidas nos modelos conhecidos e a corrigirem suas inúmeras falhas. Mais do que incentivar o desenvolvimento turístico-hoteleiro locais, trata-se, pois, de incutir nos alunos o desejo e a necessidade de valorizarem modelos formatados segundo as características locais.

g) *Criação do gosto pela difusão do hábito da viagem e da hospitalidade:* Parte-se do princípio segundo o qual o ensino formal em qualquer área é insuficiente se não contar com a adesão afetiva dos alunos. Mais do que formar turismólogos, trata-se assim de valorizar a aquisição do gosto e da ligação afetiva com esses metiês.

O terceiro ponto diz respeito a visão de interdisciplinaridade considerado pelo curso, na formação de seus alunos: A aprendizagem, neste caso, é fundamentada na construção do conhecimento, sendo um processo simultâneo de reprodução e transmissão de um patrimônio

cultural, objetivando a construção de novos conhecimentos, envolvendo o ensino, extensão, e pesquisa, preocupado com a formação de um profissional apto para assumir a prática do dia a dia e, principalmente, bem integrado enquanto ser social.

Essa é uma visão de interdisciplinaridade que supõe, deste modo, não apenas o trabalhado articulado entre disciplinas de um mesmo período, como também de articulação entre o ensino, pesquisa e extensão".

Dentro do espírito da nova LDB, o Curso entende que o objetivo da instituição escolar é a aprendizagem do aluno, e que, para se atingir este objetivo, todos os instrumentos possíveis devem ser utilizados. A flexibilização passa a ser, assim, necessidade pedagógica fundamental de forma a dar conta da oferta de alternativas dentro e fora da sala de aula que melhor contemplem as características e possibilidades de aprendizagem diferentes em cada aluno".

Diante dessas considerações, como produzir a Viagem Técnica?

3.2 Produzindo a Viagem Técnica

Dentre as várias Visitas Técnicas, oferecidas pelo curso de Turismo da Uniso, enfatizaremos aqui, o planejamento da viagem organizada pelo componente curricular Teoria Geral do Turismo, objeto de estudo nesta pesquisa. O objetivo é refletir e avaliar sobre suas abordagens como pratica formativa, na medida em que há sete anos esta atividade vem sendo proposta aos alunos do primeiro ano do curso.

A Viagem Técnica a São Paulo, busca cria uma estrutura flexível de atividade que tem como objetivo geral levar o aluno a participar de uma atividade que o faça levar em conta o que acontece fora da escola, aprendendo a dialogar de maneira crítica com a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual, de forma específica, cria objetivos que busquem aproximar-se:

- Da necessidade de tornar a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas sim, solução de continuidade;
- Da identidade dos alunos e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da escola não é apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem;
- Do desenvolvimento de propostas que apresentem *problemas que despertem nova curiosidade* e criem uma demanda de informação e a necessidade de continuar aprendendo;
- De seleção de temas apropriados aos interesses e ao estudo de desenvolvimento dos alunos;
- Da criação de um percurso por um tema-problema que favoreça a análise, a interpretação e a crítica (como contraste de pontos de vista);
- Da necessita-se trabalhar estratégias de busca, ordenação e estudo de diferentes fontes de informação;
- Da implicação de atividades individuais, grupais e de classe, em relação com as diferentes habilidades e conceitos que são aprendidos;
- De aprendizados que vão além dos limites curriculares da disciplina;
- Nas implicações referentes à realização de atividades práticas.

Desta forma os alunos são estimulados a:

a) A participar e ser agentes articuladores do plano da atividade, desta forma participam no processo de planejamento da própria aprendizagem;

b) A partir rumo a realização de uma atividade com bases reais (estabelecimento de relações com outros problemas), capaz de gerar um maior amadurecimento em relação aos aspetos teóricos discutidos pelas disciplinas e pela ação prática, que nem sempre condiz com o que foi debatido em sala. Gerando assim, uma apropriação dessa relação, capaz de gerar mais consciência e interesse pelo debate em sala;

c) A criar um comprometimento e um entendimento sobre o papel individual e coletivo no resultado do trabalho do grupo (predominando a atitude de cooperação), na medida em que o resultado será sempre fruto da produção coletiva. Este é um momento propicio para o florescimento de descobertas fundamentais, na medida que a comunicação e as relações se intensificam no antes, no durante e no depois da atividade, ajudando o grupo a ser flexível, reconhecer o "outro" e compreender seu próprio entorno pessoal e cultural, num trabalho que

privilegia a busca de um processo de aprendizado baseado nos valores do grupo e para o grupo;

d) A participar de uma atividade que leva em conta uma margem de tempo, que possibilita uma relação mais intensa com o aprendizado e que permite aprender mesmo diante do erro. O Acerto fica por conta de poder ir e voltar, fazer ajustes, negociar. O que ficará legitimado e a ação consciente do grupo.

e) A realizar um percurso que procura estabelecer conexões e que questiona a idéia de uma versão única da realidade, que trabalha com diferentes tipos de informação, que crie uma aproximação atualizada aos problemas das disciplinas e dos saberes, que leve em conta que todos os alunos podem aprender, se encontrarem o lugar para isso e que não se esqueça que aprendizagem vinculada ao fazer, à atividade manual e à intuição também é uma forma de aprendizagem.

A avaliação do trabalho é dialogada como parte de um processo de construção e não pelo resultado final da atividade. Parte dessa avaliação é feita como instrumento de ajuste durante todo o processo da atividade e culmina um encontro após o término da atividade com todos os envolvidos, onde os alunos se pronunciam oralmente, relatando e debatendo as experiências de cada grupo, para depois abrimos para os pareceres individuais.

O professor fecha a avaliação final procurando pontuar o processo tanto individual como do grupo na execução da tarefa. Avaliação esta, facilitada pelo envolvimento e convivência, inclusive fora do horário de aula, entre todos os envolvidos.

Neste contexto, tomando com base as abordagens acima citadas, criamos um roteiro norteador do planejamento da viagem, onde se registra a condução de todos os passos da atividade. Algumas informações deste roteiro são pré-fixadas e outras vão se estabelecendo no diálogo com os alunos. Desta forma a Ficha Técnica, serve como referência para o relatório de avaliação.

Ficha Técnica

Atividade: Viagem Técnica do componente curricular Teoria Geral do Turismo.

Local: São Paulo Capital

_____ Por quê São Paulo? São Paulo está entre as maiores cidades do mundo, é um dos maiores pólos de turismo emissivo e receptivo do país, tem uma oferta de serviços turísticos a nível internacional, é uma cidade com uma geografia urbana riquíssima - inclusive em relação a problemas -, e imbrica em sua fisionomia conteúdos históricos, culturais, naturais, econômicos, sociais, arquitetônicos, capazes de provocar múltiplos olhares e vivencias tanto sobre aspectos particulares como globais, que acabam propiciando ao grupo, além, dos interesses estabelecidos. Ficando um universo aberto para discussões.

_____ Os pontos a serem visitados em São Paulo, são referencia cultural no mundo, servindo desta forma, após os estudos que serão feitos, referencia de análises, inclusive em relação à realidade de Sorocaba e região.

_____ São Paulo fica a 200 Km de distância de Sorocaba, (portanto à uma hora de viagem). Essa proximidade em relação à Sorocaba viabiliza os custos necessários para realização da atividade, o que implica no acesso a participação dos alunos.

Data: A ser definida no planejamento da atividade pelos alunos

_____ Considerando o número de alunos na classe, a quantidade de locais a serem visitados, a logística da atividade e o aproveitamento pedagógico da viagem, é pré-estabelecido pelo professor a meta de realização de duas saídas, sendo que uma durante a semana e outra especificamente no domingo.

Porque este critério? Na maioria dos lugares no mundo, os atrativos costumam estar aberto ao público de terça a domingo, deixando a segunda-feira para o descanso de funcionários e a manutenção dos espaços. Os alunos, portanto, recebem orientação para a realização da atividade com pelo menos, três meses de antecedência. Neste contexto, eles conseguem se organizar em seus locais de trabalho, por exemplo, para participar da atividade ao longo da semana. E a escolha do domingo fica por conta do fato dos alunos terem em sua maioria, este dia livre.

Horário: O horário da atividade é sugerido no planejamento da viagem pelo grupo responsável pelo transporte e votado em classe, a partir da exposição de motivos do grupo organizador da atividade. (esta exposição deve atender as preocupações de logística discutidas em classe).

Definição de Locais a serem visitados: A escolha é feita a critério dos alunos.

_____ os alunos devem cumprir como meta estabelecida pelo professor, a visitação em 10 espaços culturais de São Paulo. A serem divididos em duas visitações – 5 espaços para cada saída -, sendo que a ordem da divisão geral (cinco e cinco) e a ordem da divisão parcial (primeiro, segundo, terceiro...). Só poderá ser estabelecida após a montagem do roteiro da viagem, também pelo grupo de transporte. Roteiro este que deve, ser concebido, considerando fatores como: distância, tempo, agendamento e negociação dos espaços, exigências de recepção e atendimento de visitantes, perfil do grupo, segurança e a proposta de apresentação de cada um dos espaços, organizada, por cada um dos outros grupos;

_____O professor da disciplina faz com os alunos, inicialmente, o que chamamos na classe de "tempestade de idéias", onde são sugeridos pelo menos quinze espaços, para, a critério de negociação (ponderações a respeito dos espaços), sejam votados 10 locais finais;

_____No ano de 2003 os alunos visitaram os seguintes espaços: Museu do Ipiranga, Masp, Parque do Ibirapuera, Pinacoteca do Estado e Estação da Luz, Estação Julio Prestes/Sala São Paulo, Pátio do Colégio e Mosteiro de São Bento, Sesc Vila Mariana, Memorial da América Latina, Teatro Municipal e Catedral da Sé.

Metodologia:

_____ A idéia da viagem, num primeiro momento, é apresentada em linhas gerais para a classe, que vota, após a apresentação da proposta pelo professor, por uma adesão do grupo na realização da atividade;

_____ Se a votação for favorável para a realização da viagem, os alunos recebem um roteiro inicial de orientação da atividade, que é debatido passo a passo em sala de aula com alunos, pelo professor da disciplina. O roteiro funciona, apenas como uma "provocação" para discussões sobre a organização de uma viagem - que na sala, neste momento do curso, é discutida no plano teórico muito mais em função do fenômeno, do que da atividade turística - . Se for por uma decisão da classe, qualquer um dos passos pode sofre inclusão e/ou alteração, transformando aos poucos o projeto numa concepção do grupo. (o professor vai atuando apenas como um balizador das decisões);

_____Nesta orientação inicial determina-se alguns pontos fundamentais para o funcionamento da dinâmica adequada, de tal forma a envolver todos os alunos com tarefas divididas por 10 grupos[39] de estudo (que têm número de integrantes escolhidos a critério dos alunos, o professor apenas sensibiliza, para o número de pessoas mais adequado, ficando para o grupo sempre a responsabilidade pela decisão tomada). Cada um destes grupos tem dois perfis de funções: *a primeira é a pesquisa e a segunda a técnica;*

_____ Para chegarmos na *função de pesquisa*, realizamos um sorteio, onde se estabelece qual dos 10 lugares escolhidos para visitação, fica a cargo de cada grupo. Diante desta definição, os grupos têm a missão de realizar, cada um no seu tema, as seguintes tarefas:

- Fazer levantamento de referências bibliográficas;
- Obter informações mais amplas possíveis, sobre aspectos e contextos: geográficos, históricos, culturais, naturais, econômicos e técnicos a partir de um roteiro mínimo de informação trazido pelo professor;
- Estabelecer contato e negociação em cada um dos espaços propiciando o acesso a informações, possibilidade de liberação de ingressos para os alunos, agendamento do grupo, permissão para realizar visitação monitorada pelos alunos da classe no ato da estada e um tutor vinculado ao espaço, que também, assim como o professor, acompanha o grupo de pesquisa no processo de realização da atividade;

[39] A opção por trabalhar em 10 grupos, vem em função do grande número de alunos na classe. O que inviabiliza trabalhar em número reduzido de grupos e de número de componentes. Este número também vai influenciar no volume de lugares visitados.

- Administrar no grupo, o papel individual de cada integrante na obtenção de informações sobre o espaço pesquisado. Incluindo visitas anteriores a execução da viagem;
- Organizar as informações reunidas, num *trabalho escrito*, respeitando normas metodológicas de apresentação, buscadas a critério do grupo (mais uma vez o professor sensibiliza para a importância da execução correta desta da tarefa). Além dessa versão escrita, o trabalho deve possuir uma cópia gravada em disquete ou cd room[40], a serem entregues, em datas previamente definidas, para o *Grupo de Documentação*, responsável pela versão de um livro final do trabalho de pesquisa;

OBS 1: A versão digital vai para o Grupo de Documentação após a correção do professor, da versão escrita;
OBS 2: A pesquisa é o primeiro passo após as discussões do projeto geral.
OBS 3: A pesquisa a ser realizada por cada grupo, dará subsídio para as tomadas de decisões, do segundo perfil de tarefa: a tarefa técnica. Ou seja, se um dos grupos não caminhar com a pesquisa, trunca o processo de todos os outros grupos, pois as tarefas técnicas são interdependentes. Portanto, deve haver uma negociação na classe sobre o andamento geral da atividade, o que requer acompanhamento constante de um grupo em relação aos outros.

É chegado o momento da apresentação das Tarefas Técnicas. São estas: Transporte, Gerenciamento, Alimentação, Animação, Vídeo-Imagem, Fotografia, Tramites Legais, Documentação I e II e Material Promocional.

Estas, também serão sorteadas entre os 10 grupos de pesquisa. Ficando estabelecido desta forma que cada grupo tem uma função de pesquisa e uma função técnica e que, o conjunto de: concepção, planejamento, organização, execução e avaliação da atividade serão resultados das decisões e do trabalho do grupo (professor e alunos);

É importante ressaltarmos que a partir dessas duas funções: pesquisa e técnica, os alunos devem cumprir duas metas pré-estabelecidas pelo professor: Entregar o trabalho escrito e executar a viagem com toda a logística necessária (estabelecida através da função técnica), realizando a monitoria em cada um dos espaços, a cargo de cada grupo responsável por um tema, conforme a ordem do roteiro estabelecido.

[40] Seja versão disquete ou Cdroom. Estes devem ser entregues na data previamente determinada e adequadamente identificados com: tema da pesquisa escrita, função técnica e o número do Grupo de Documentação responsável por esta pesquisa.

Durante a execução da viagem teremos grupos que já realizaram previamente suas funções técnicas e outros que as realizam no durante e no final da viagem. Como teremos oportunidade de perceber:

O Grupo de Transporte deve:

a) Conceber sua versão de roteiro para a primeira e a segunda saída, estabelecendo a seqüência ou a ordem de visitação diária. No entanto isso só será possível, se os grupos se comunicarem entre si, fornecerem informações sobre horários de funcionamento, possibilidade de agendamento, localização e acessos ou quaisquer outras informações importantes para as tomadas de decisão. Ou seja, o Grupo de transporte tem que obedecer a critérios mínimos para a concepção da rota: tempo total e parcial da visita, distância, horário de funcionamento, localização e permissão para uso do espaço;

OBS 1: Esta tarefa é administrar o calculo da rota a partir das informações e considerações trazidas pelo grupo de pesquisa responsável de cada tema. (neste caso, não é permitido ao grupo de transporte buscar diretamente a informação no local, mas sim cobrar as informações dos grupos de pesquisa);
OBS 2: respeitando as informações trazidas e as recomendações feitas, o Grupo de Transporte apresenta a proposta de roteiro para a classe, fazendo as considerações necessárias para a defesa da proposta, que pode apresentar mais que uma opção de rota. A classe vota e aceita ou não a proposta;
OBS 3: neste momento decide-se a data de cada saída e sua rota respectiva, com a visitação de 5 locais em cada uma.

b) Negociar, após a determinação da rota, junto ao setor administrativo da Universidade (que já tem orientação para atender aos alunos nesta atividade), a locação dos ônibus, para o deslocamento dos alunos;

OBS 1: A Universidade cobre os custos dos ônibus. No entanto os alunos negociam as cotações com os fornecedores da universidade, buscando aprender ai, todos os tramites necessários para esta contratação. Tanto no que diz respeito a direitos e obrigações da Uniso, como da empresa contratada;
OBS 2: O Grupo de Transporte deve negociar com o fornecedor, um ônibus que atenda as necessidades do grupo, como por exemplo, tipo de carro (adequado para trafego em cidade); equipamentos - ar condicionado, TV e Vídeo, Microfone, equipamentos para serviço de bordo etc.; documentação necessária – registro Embratur, documentos do veículo e orientação do motorista (esta orientação e feita em linhas gerais para a empresa no momento da contratação, mas é feita passo a passo com o motorista, durante a viagem);

OBS 3: O grupo de transporte deve organizar com rádios e celulares a comunicação entre os dois ônibus que atendem a atividade, como uma medida de segurança do grupo;

b) informar sobre a definição da rota para cada saída, deixando os demais grupos livres para darem andamento em suas tarefas. Neste primeiro momento, todos tiveram que trabalhar juntos, para chegar neste resultado.

_____O Grupo de Alimentação deve:

a) Organizar baseado na ordem e conseqüentemente nos horários da rota, a negociação de tarifa especial em um restaurante, para atender o almoço dos alunos.

OBS 1: A negociação deve considerar a reserva de espaço para um grande número de pessoas (considerar aqui, a rigidez dos horários, no sentido de cumprir a visitação em todos os espaços propostos), o cardápio (considerar aqui, o perfil do grupo), o valor a ser pago pelos alunos (quanto melhor a negociação de custos, mais acessível a atividade se torna para os alunos), o controle da atividade durante o atendimento (demonstrar aqui,para os alunos da classe e para a administração restaurante respectivamente, o uso do dinheiro pago para a atividade e a organização do grupo em relação ao acordado).O resultado desta negociação fica registrado por escrito;
OBS 2: Durante o almoço, a classe e administrada pelo Grupo de Alimentação. Vale ressaltar que a concepção de organização é feita livremente pelos alunos do grupo, coerentemente com as orientações discutidas;
OBS 3: Como parte desta tarefa, os alunos devem conseguir junto a gerencia do restaurante, uma apresentação sobre o perfil do restaurante e sua estrutura aos alunos da classe, como parte das informações almejadas pelo trabalho;
OBS 4: os alunos do Grupo de Alimentação negociam com mais de um restaurante, cardápios e valores, e expõem para a classe que vota e define uma escolha. Esse valor aprovado para o almoço, passa a fazer parte dos custos gerais assumidos pelos alunos, que vão compor com outros, como ingressos e seguro-viagem.

_____O Grupo de Gerenciamento deve:

a) Ser um mediador ao longo do processo do trabalho. Provocando a comunicação permanente entre os grupos, seja através de reuniões, painéis informativos na classe, avisos etc. de tal forma a manter aquecido o processo de construção da atividade, servindo também como um interlocutor entre a classe e o professor responsável;

b) Gerenciar e divulgar para a classe a programação detalhada das viagens com atividades e

OBS 1: O grupo fará a organização da lista de passageiros, que obedecerá o critério de divisão da sala em dois grupos. Esta divisão é feita também a partir de um critério que é, dividir cada grupo ao meio. De tal forma que em cada ônibus tenham representantes de todos os temas de pesquisa e conseqüentemente de todas as funções técnicas. (Quem vai para cada ônibus é uma decisão interna dos grupos, o Grupo de Gerenciamento só faz a distribuição);

OBS 2: Como parte da organização de embarque e desembarque, o grupo é responsável por conferir passageiros, oferecer serviço de bordo, comunicar avisos importantes, gerenciar o cumprimento dos horários, estabelecer ponto de chegada e de saída, estacionamento do ônibus, vistoria do ônibus, achados e perdidos;

OBS 3: O grupo de Gerenciamento é responsável pelo calculo do custo final da viagem. Portanto deve comunicar a classe todos os valores parciais, de acordo com o negociado por todos os grupos e faz a arrecadação com os alunos da classe.

Como parte da proposta técnica da viagem, os alunos devem chegar ao menor custo possível como meta a partir das negociações feitas pelos grupos em relação a ingressos, alimentação e seguro-viagem etc. Quando maior for a habilidade e o empenho dos grupos, menor será o custo da viagem. Portanto, a falta de envolvimento poderá recair sobre o próprio grupo. (desta forma, entre eles, um grupo "empurra" o outro para os melhores resultados).

OBS 4: Diante da arrecadação final, o grupo realiza o pagamento de todos os fornecedores, centralizando neste caso, a administração do caixa, para efeitos de segurança;

OBS 5: Diante da responsabilidade de fechar o custo final mais adequado, o Grupo de Gerenciamento providencia para que todos os alunos adquiram carteira de estudante, garantido 50% de desconto na maioria das negociações. Para tanto, cria facilidades de informação e aceso ao processo.

O Grupo de Animação deve:

a) Fazer uma pesquisa sobre perfil e tipo de atividades recreativas para ônibus, para então organizar e executar um programa de recreação durante a viagem;

OBS 1: As atividades devem estimular a exploração do perfil de informações dos temas de pesquisa, como por exemplo, gincanas culturais, e visar a integração entre os alunos.

b) Organizar uma proposta de atividade, de preferência cultural, a ser oferecida aos alunos da classe ao final dos trabalhos do dia. Além de confraternização, a atividade cria um clima propício para o retorno grupo à Sorocaba. (esta proposta também é votada pela classe).

_____O Grupo de Material Promocional deve:

a) Criar peças promocionais de divulgação do projeto de Viagem Técnica, considerando, por exemplo, o perfil cultural da atividade, e que apresente as rotas e seus atrativos, os horários estabelecidos, as condições gerais e os créditos de organização.

OBS 1: Nesta tarefa deve-se pensar em lay out, texto, formato, produção, de qualquer peça promocional, escolhida a critério do grupo (exemplo: folder, revista, cdroom, jornal etc.);

OBS 2: A distribuição prioritária é para a classe;

OBS 3: Este grupo é responsável por criar um link de divulgação do projeto a ser disponibilizado na internet, de preferência no site da Universidade, além de manter a Assessoria de Comunicação da Uniso, abastecida de informações sobre a atividade de forma, a possibilitar a geração de matérias no jornal interno e ser for possível na imprensa local.

OBS 4: Como este grupo é responsável pela comunicação, deve também providenciar um espaço para comunicação entre os grupos, criando para tanto um endereço eletrônico coletivo para informes, agendamento de reuniões etc.

_____O Grupo de Fotografia deve:

a) Fazer o registro de todas as etapas da atividade, visando contribuir para a memória do Curso de Turismo e o registro da classe daquele ano em especial;

b) Lançar um olhar fotográfico para o grupo, para a cidade e para os espaços. Os alunos ficam livres para organizar um livro, ou um álbum final de fotos a partir da leitura feita por eles ao longo do trabalho;

OBS 1: As fotos devem ser tiradas visando em primeiro lugar um olhar sobre a dinâmica do trabalho dos grupos, em segundo lugar, um olhar sobre os lugares serem visitados e terceiro lugar um olhar sobre as pessoas (da classe, da cidade, visitantes dos locais). Esses registros podem incluir conotações de críticas e denuncias;

OBS 2: O resultado final do ensaio fotográfico deve ser apresentado em um álbum do trabalho. Assim como podem gerar uma exposição fotográfica. (os alunos podem inclusive usar recursos como a poesia para legendar as fotos);

OBS 3: A coordenação do curso de turismo libera para os alunos 3 filmes de 36 posses para a viagem a serem revelados no Laboratório de Fotografia da Uniso. Se os alunos quiserem usar um número maior de filmes, fica sob a responsabilidade do grupo de Fotografia.

_____O Grupo de Vídeo-Imagem deve:

a) Fazer o registro em vídeo das imagens das etapas da atividade, visando contribuir para a memória do Curso de Turismo e o registro da classe em especial;

OBS 1: Essas imagens, como na fotografia, devem ser registradas visando em primeiro lugar um olhar sobre a dinâmica do trabalho dos grupos, em segundo lugar, um olhar sobre os lugares serem visitados e terceiro lugar um olhar sobre as pessoas (da classe, da cidade, visitantes dos locais). Esses registros podem incluir conotações de críticas e denuncias;
OBS 2: o registro das imagens pode ser feito nos locais, antes e durante a presença da classe. O Grupo deve ir criando um banco de imagem a ser transformado em vídeo-documentário, após edição a critério da concepção do Grupo de Vídeo-Imagem.

b) Realizar reportagens com autoridades ligadas aos locais de pesquisa, de forma direta e indireta, com público freqüentador dos espaços, com alunos participantes da atividade, com a coordenação do curso, com professores etc.

OBS 1: somadas imagens e informações gravadas, o grupo estabelece a proposta de vídeo-documentário que quer apresentar com resultado desta etapa do trabalho;
OBS 2: A coordenação do estúdio de Radio e Tv da Uniso e alunos do Curso de Jornalismo, normalmente oferecem, orientação aos alunos na execução da tarefa;
OBS 3: O curso de turismo disponibiliza filmadora e 2 fitas por viagem para realização das gravações. A edição tem a possibilidade de ser feita no Estúdio de Rádio e Tv da Universidade.

_____O Grupo de Trâmites Legais deve

a) Confeccionar e fazer tramitar quaisquer documentos que se façam necessários para a organização e execução da atividade, como ofícios, declarações, cartas, e-mails. A serem solicitados de acordo com a necessidade dos grupos;

b) Viabilizar seguro viagem para o grupo de alunos da classe;

OBS 1: Existe um seguro disponível no mercado que faz a cobertura pelo tempo total estabelecido pela viagem. Vendido em forma de diária. Os alunos devem em primeiro lugar, conhecer o funcionamento deste instrumento de segurança e trazer a informação para a classe, e em segundo lugar devem negociar uma tarifa especial para assegurar cada um dos aluno da classe;
OBS 2: Se algum aluno não concordar com a adesão ao seguro, ele assume sua posição, assinando um termo de responsabilidade.

d) Organizar o sistema de primeiros socorros para o grupo.

OBS 1: Prioritariamente o grupo confecciona um modelo de ficha médica, a ser preenchido por toda a classe, como norma de segurança. (os alunos buscam a seu critério, as informações necessárias para este tipo de ficha de controle);
OBS 2: Deve se promovido pelo grupo um seminário sobre primeiros-socorros em viagem, com um especialista da área, trazido para se apresentar na classe, em data a ser definida pelo Grupo de Tramites Legais.

_____Os Grupo de Documentação I e II devem

a) Dos 10 grupos estipulados para a divisão das tarefas, dois, ficam com a função de organizar o livro final que documenta as pesquisas. Como são muitos grupos, o professor orienta para que sejam feitos 2 livros, uma para cada roteiro, com cinco lugares cada um. Sendo assim o Grupo de Documentação I, organiza as pesquisa da primeira saída e o Grupo de Documentação II, organiza as pesquisa da segunda saída;

OBS 1: Os disquetes ou cdrooms, solicitados na orientação geral, servirão para disponibilizar as informações para o livro. Ficando para o grupo de Documentação a responsabilidade sobre revisão e produção final;

OBS 2: A única exigência é que o livro seja produzido em capa dura, para facilitar consultas posteriores;

OBS 3: Se for um consenso dos dois grupos de documentação, eles podem juntos, organizarem um único livro;

OBS 4: Essa documentação final de todos os trabalhos deve compor, juntamente com o livro de fotos e o vídeo, o registro oficial, de pelo menos parte do resultado da atividade, pois parte dessa experiência oferece resultados, que não são possíveis no plano empírico, ficando a cargo de uma educação invisível.

3.3 Pesquisando a Viagem Técnica

Diante do que foi exposto, devemos em primeiro lugar, nesta pesquisa, reforçar sua perspectiva empírica. Essa assertiva é importante na medida em que, com já ressaltado mais acima, o discurso sobre a educação no turismo costuma se ater ao plano filosófico do debate abstrato e dedutivo, limitando-se plano das idéias. Por empírico entende-se aqui de acordo com Silva e Lehfeld (2000, p. 61), o processo de aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso.

Este objeto é constituído aqui pela observação da Viagem Técnica, escolhida como base para os depoimentos dos alunos do Curso de Turismo da Uniso. Os depoimentos escolhidos, buscam explorar as vivências relativas a viagens antes do ingresso ao curso para, posteriormente, examinar a experiência de viagem como expressão das práticas formativas propostas no referido curso.

No sentido de apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos no objeto de pesquisa optamos pela estruturação de um roteiro de entrevista semi-estruturado. Esta técnica permitiu que abordássemos diversos assuntos e temas pertinentes à pesquisa, com base em um roteiro mínimo, previamente estabelecido. No entanto, o roteiro elaborado serviu apenas como instrumento para orientar uma conversa com finalidade,no caso, a entrevista.

> O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-economicas e culturais específicas. (MINAYO,2000, p. 109-110)

Tendo em vista os objetivos de nossa pesquisa e, principalmente, os temas que pretendíamos abordar junto aos entrevistados, conforme estabelecido em nosso projeto, resolvemos compor com o roteiro de perguntas um conjunto de seis imagens fotográficas, relativas a viagem realizada pelo grupo em questão, entendendo que esta composição poderia operar como um recurso facilitador da comunicação com os alunos. Ficando o roteiro final disposto da seguinte forma:

Cinco perguntas iniciais:

1. Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
2. Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
3. Tecnicamente o que você aprendeu?
4. Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
5. Como você avalia hoje, a prática da viagem?

Três perguntas baseadas nas seguintes imagens:

1

2

3

4

5

6

7

1. Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
2. Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
3. Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?

Duas perguntas finais:

1. Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
2. O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?

Em relação ao roteiro de perguntas estabelecido, ressaltamos que em alguns momentos, nos liberamos das formulações pré-fixadas, para introduzir novas perguntas ou fazer intervenções na tentativa de abrir o campo de explanação do aluno entrevistado, buscando um aprofundamento de informação ou de opinião. Após esta fase de definição do roteiro das entrevistas, passamos a etapa seguinte de seleção dos alunos a serem entrevistados. No caso desta pesquisa, adotamos como orientação especifica observar o grupo de alunos do Curso de Turismo da Uniso, com experiência mais recente em relação à viagem técnica do componente curricular Teoria Geral do Turismo. Neste caso, trabalhamos com os egressos de 2003.

Tínhamos como meta inicial, selecionar na classe de 2003, a partir de um sorteio, doze alunos (de uma classe de quarenta e cinco), entendo que este seria um número significativo e representativo para obtenção de nossas análises. Tendo em vista este objetivo, após contato informal com os alunos, percebemos a impossibilidade de conduzir a seleção desta forma, devido a disponibilidade de tempo dos alunos em relação a urgência das entrevistas. Um outro ponto a ser considerado é que os alunos da turma em questão, em sua maioria, ao saberem das entrevistas, queriam ser ouvidos, o que criou um impasse, no sentido de quem seria selecionado. Decidimos então que os próprios alunos organizariam a lista dos possíveis entrevistados a partir da disponibilidade de tempo para uma agenda de entrevistas concentrada em horários ao longo do três dias consecutivos. A partir desta organização obtivemos dezessete entrevistas, sendo três extraviadas por falha na gravação. Tivemos, portanto, quatorze entrevistas registradas e analisadas neste trabalho.

A partir da definição do roteiro de perguntas e dos alunos a serem pesquisados,

iniciamos a fase de registro dos depoimentos. Neste momento, buscamos apresentar a cada um dos alunos, o contexto do trabalho, a importância e contribuição dos depoimentos individuais e por último fomos buscando um clima de conversa para deixar os alunos mais a vontade para se expressarem livremente. Consideramos importante ressaltar, o interesse dos alunos em participar das entrevistas, além da carga emocional dos depoimentos. A partir de então nossa observação centrou-se na análise de seus depoimentos.

Buscamos analisar as entrevistas com base na técnica Analise de Conteúdo. Segundo Minay (2000, p. 74), essa técnica de interpretação dos dados tem duas funções principais: uma se refere à verificação de hipóteses e/ ou questões. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por traz dos conteúdos manifestos indo além das aparências do que está sendo comunicado.

As transcrições das entrevistas foram analisadas com base em categorias ou desmembramento do texto em unidades, buscando afinação com os objetivos e problema da pesquisa. De acordo com Bardim (1977, p. 9), esse tipo de análise pretende considerar a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a freqüência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Elas têm a propriedade conseguir apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica.

Tendo em vista os temas que pretendíamos abordar junto aos entrevistados, o roteiro mínimo estabelecido, a dinâmica e o conteúdo das entrevistas, definimos as seguintes categorias para a análise de conteúdo das entrevistas:

- Lembrança
- Relevância
- Aprendizado
- Imagem (significado, particular, ensino)
- Inesperado
- Avaliação
- Formação – curso

3.3.1. Análise das Entrevistas

A partir dos depoimentos, observamos que a experiência da Viagem Técnica, no caso deste grupo, parece conter um conjunto de expressões significativas em algumas dimensões. Procuramos trazer inicialmente em nossa análise a identidade pessoal do aluno. Essa que vai somar-se a uma possível identidade com o curso e conseqüentemente com os conhecimentos pertinentes á área de turismo. Em nossas considerações, tentamos identificar o nosso aluno no contexto da vida universitária. Neste sentido percebemos, nos alunos ingressantes, do Curso de Turismo, uma motivação decorrente de uma escolha profissional, do que propriamente, uma opção com base nas possibilidades de encontrar na Universidade, um espaço de formação mais geral. Como se o espaço universitário fosse um espaço único de formação para o mercado de trabalho. Este aspecto revela a perspectiva trazida por Bianchetti (1999, p. 111), na qual a influência da lógica econômica supõe uma relação entre a oferta de serviço educativo e a demanda da sociedade, reduzindo a ação do Estado a uma garantia de educação básica geral, liberando os outros níveis do sistema a leis do mercado.

> *A gente está estudando para se tornar um bom profissional (Hélio).*

Neste contexto não podemos desconsiderar a faixa etária destes alunos (entre 17 e 23 anos), na sua maioria jovens egressos do ensino médio e sem uma noção amadurecida sobre uma preferência profissional e que neste momento devem aderir a um curso superior.

> *Eu fiz magistério, mas não era o que eu queria. Agora no turismo, eu tenho vontade de aprender. (Michele).*

Devemos considerar ainda, que estes jovens, na sua maioria, parecem despreparados para o enfrentamento das perspectivas acadêmicas na universidade, na medida em que a base cultural exigida, não corresponde a vivência destes alunos, que normalmente apresentam uma defasagem em relação, por exemplo, as exigências de leitura, produção científica, postura crítica, entre outros aspectos.

Em relação a escolha pelo Curso de Turismo, percebe-se, que um número significativo desses alunos ingressam no primeiro ano, sem conhecer a proposta do curso e as vezes até sem expectativa sobre o que o este tem à oferecer.

Eu me apaixonei pelo curso! No primeiro semestre eu estava na dúvida se tinha escolhido certo. Eu entrei na faculdade por pressão dos meus pais. Eu não sabia o porque de turismo e, no decorrer do curso eu fui descobrindo que eu me identifiquei, que era aquilo que eu queria. Eu estou adorando. (Dayane).

Neste sentido podemos compreender que as abordagens conceituais e técnicas relativas a viagem são fundamentais para que as primeiras compreensões do aluno não se tornem equivocadas em relação a educação e prática profissional nesta área, pois muitos chegam segundo Rejowski (1996, p. 59), - desde a criação do curso no Brasil -, influenciados e motivados pela mídia que interfere na decisão da carreira, lançando alguns cursos, como é o caso do turismo, como profissão do futuro e pregando grande otimismo em relação ao setor e com isso, atraindo os mais indecisos e eufóricos pela necessidade de escolha. O Curso de Turismo tem sido alvo desse modismo e supostamente tem um apelo de uma "área leve". Neste contexto, é importante ressaltar que na opinião do leigo ao se interessar ou motivar pelo curso, fica a imagem o curso trará de tudo o que envolve este universo do turismo, o que não é verdade.

Observamos que um outro ponto a se considerar especificamente em relação ao curso de turismo, é a falta de maturidade e percepção dos alunos ingressantes em relação à prática da viagem.

Viagem! Não sabia que tinha todo um processo, não sabia que era complicado, complexo.(Juliana).

Sempre gostei de conhecer coisas novas, mas nunca me disponibilizei tanto. A minha compreensão de viagem era passear, não estar em casa, era estar num lugar diferente, na natureza. Agora vejo as coisas com olhos críticos: segurança, infra-estrutura, o que for. É muito interessante.Acho que o curso contribui com isso me dando curiosidade. Você ter feito uma parte do planejamento, ter participado, você vê o que tem que ser investido naquele local. É um olhar crítico e de curiosidade para interagir ali (Graziela).

Sempre viajei bastante, praias, cachoeiras, locais que tenham esses atrativos. Mas eu acho que eu pensava diferente, pois eu não tinha informação. Eu ia para um lugar e só queria curtir, eu não tinha esse olhar diferente.(Helio).

Neste sentido, muitas das impressões sobre a viagem, anteriores ao ingresso no curso, estão associadas a falta de experiência, a desinformação, a falta de interesse ou expectativa ou até mesmo impossibilidade de acesso.

Eu não tinha muito costume de viajar não, viajava mais para lugares próximos daqui. Principalmente litoral. Viajava sempre com meu pai e minha mãe ou com amigos da escola. Não tinha muita iniciativa própria. Para mim, viajar era só lazer, um passatempo, um passeio qualquer, uma coisa sem muita importância. Com um ano de curso aqui, quanta coisa que passou, quanta coisa que a gente aprendeu. Sem dúvida nenhuma mudou muito minha opinião.(Francisco).

As minhas viagens eram em família, eu nunca tive oportunidade de viajar com amigos. Eu saia assim sem me preocupar com as conseqüências, e agora eu vejo que não é bem assim, que tem gente por trás mexendo com isso, que alguém está trabalhando. Eu não pensava nas conseqüências da minha viagem. Eu não viajava para aprender, eu pensava em curtir mesmo. Hoje eu vejo que não é só diversão, agora eu quero saber o que está acontecendo, quero saber da história, quero saber o que pode dar errado entendeu? Agora eu estou percebendo como funciona. Agora quando eu viajo e aprendo uma coisa tenho muita vontade de falar, então eu vejo coisas que não podia falar antes, mas agora tento me expressar pelo pouco que eu sei.(Filipe).

Os alunos por vezes, desconhecem aspectos relevantes da viagem, como é o caso da percepção e sensibilização em relação aos atrativos e espaços culturais. Tais aspectos podem ser tomados como lacunas no repertório cultural desses alunos, que muitas vezes apresenta-se apenas num plano superficial e midiático.

"Museu, aquele tédio! E não é, a gente aprendeu isso. Fiquei com a curiosidade aguçada"(Helen).

Quando visitamos a Sala São Paulo. Vê, olhar de fora não é a mesma coisa. Eu não esperava o que encontrei lá dentro. Só tinha visto na televisão. Eu não esperava por aquilo, foi um choque, parecia de outro país. Ainda por cima relacionado a música, algo que eu gosto muito[...] Eu aprendi sobre uma riqueza cultural e sobre coisas que eu nem fazia idéia que tinham em São Paulo. Chegando, vi tantas coisas novas, tantas coisas inesperadas (Diego).

Na minha avaliação, a Viagem Técnica deveria ser na maioria das vezes voltada para cultura, porque é uma base que nós não temos.(Dayane)

Entendemos que estas são questões que podem nos servir como referência para nos levar a refletir e a ter clareza, de que tal realidade faz parte do perfil da maioria de nossos alunos. Neste sentido, nos apoiamos na perspectiva do conceito de *"Tiers-Instruit"* de Serres (1991), cujo o significado do "terceiro instruído" ou do "mestiço instruído" pode nos ajudar a considerar esta realidade em relação ao processo de construção de conhecimento no contexto do desenvolvimento pessoal e conseqüentemente profissional do aluno. Esse terceiro instruído, esse mestiço, corresponde ao processo identitário. A construção/reconstrução da identidade corresponde sempre à integração do novo no já possuído (tal como em determinada aprendizagem), donde resulta não uma adição, mas antes, uma integração feita um pouco ao modo de cada um. Por isso autoconstruída. Por isso mesmo idiossincrática.

A dificuldade assim, de ser um choque, pela atividade que a gente não esperava. Você chega num lugar novo, tudo inesperado, estar com pessoas que você não conhece. Isso para mim foi o que marcou. A dificuldade de se relacionar com outros. Para mim foi uma fase de conhecimento (Dayane).

Eu nunca imaginava estar lá apresentando um lugar para um monte de gente, para uma professora. Nunca imaginei estar lá, eu explicando, nem ir em tantos lugares num dia só, nunca imaginava conseguir fazer um roteiro assim.(Juliana).

Nascendo ou partindo da margem esquerda de um rio, quando nos aproximamos da outra margem, ou quando nos dirigimos para jusante ou, pelo contrário, para montante, ou outras, já não se é só um habitante da margem esquerda. Não se é apenas "um", o filho da cultura de origem. Não se é apenas "dois", um adotado pelo segundo contexto. É ser um "terceiro" - um pouco dos dois (cada um a seu modo) - e mais ainda: a mestiçagem pessoal, resultado das províncias culturais atravessadas, onde em parte foram interiorizados alguns significados. O corpo que atravessa aprende certamente um segundo mundo, aquele para o qual se dirige, onde se fala outra língua. Mas ele se inicia sobretudo num terceiro, pelo qual transita. (SERRES,1991, p. 12)

A gente vai trabalhando e aprendendo junto, então é nesse clima que a gente vai reconhecendo que não tem ninguém que sabe mais que a gente, entendeu? Cada um é diferente do outro. Independente de quem é o aluno "CDF" ou o pior aluno da sala, a gente tem toda uma dificuldade para ir aprendendo junto. A gente vai conhecendo um ao outro e dessa forma, a gente vai avançar muito mais fácil, muito mais gostoso, a gente vai estar num clima agradável junto com nossos amigos e acho que isso é fundamental no aprendizado, num grupo, numa sala de aula (Francisco).

Individualmente eu aprendi a trabalhar melhor em grupo, por isso vinha sendo um problema para mim. Dessa vez, quando um discordava, agente ia aprendendo a resolver isso entre a gente e com os outros grupos. Em termos de convivência eu aprendi bastante. Aprendi a me controlar mais nas situações adversas, aprendi a andar em São Paulo. A gente viu o processo de amadurecimento das pessoas. Antes era um oba-oba, algumas pessoas não sabiam o que queriam. Então com a viagem, as pessoas vão tomando consciência das coisas futuramente. A gente vê as pessoas procurando, aprendendo com isso, a gente vê que as pessoas vão se interessando mais vão crescendo com o trabalho.(Jéssica).

A partir desta reflexão, passar da identidade pessoal a uma possível identidade acadêmica e conseqüentemente profissional do aluno exigirá que façamos deste processo de aprendizagem que se inicia, um processo de "instrução", onde é possível "incluí-lo". Entendemos que este é um processo lento de criar condições para que os alunos individualmente e em grupo, sejam capazes de se motivar e se identificar com o curso, tentando avançar no sentido de construir uma identidade que leve a posturas mais atentas e comprometidas em relação a essa construção inicial de conhecimento da área. No contexto

desta discussão, compreendemos também, que este é um desafio pedagógico a longo prazo, que não pode estar dissociado da realidade e das condições em que o curso está inserido. Devemos incluir neste processo o papel da universidade, as propostas de formação do curso, a realidade de nossos professores, o número de alunos em classe, horas/atividades, entre outros fatores.

A partir dessas primeiras percepções, buscamos compreender em que plano estão as impressões dos alunos em relação à Viagem Técnica realizada pelo Componente Curricular Teoria Geral do Turismo. Usamos como motivação pra os depoimentos as fotografias, acima identificadas. Neste contexto, os alunos expressam que tais imagens trazem à lembrança e retomam a emoção marcante, de uma experiência vivida em grupo. Esse sentimento pelo "grupo" aparece na maioria dos depoimentos como algo significativo e que está se concretizando com as experiências possíveis a partir do curso. Para os alunos as imagens estão repletas de significados, na medida em que reavivam um processo de construção do trabalho, com todos os seus percalços, mas que provocou individualmente ou em grupo, a atenção e a predisposição para perceber e aprende, sobre muitos aspectos e de diversas formas. Podemos perceber alunos entusiasmados e comprometidos com seu próprio processo de aprendizagem. Neste sentido, de acordo com os depoimentos, a dinâmica utilizada na organização da Viagem Técnica a São Paulo, contribui neste sentido.

> *Batendo o olho nas fotos, a primeira sensação que vem é: Mexe com as minhas lembranças! Realmente é meio emocional no sentido da questão de uma identidade de meu curso, uma parte de minha vida[...] Nem todas as fotos estão de acordo com que a gente viu. A gente viu muito mais do que fotografou. Então, a viagem marcou, pois nos chamou atenção para as questão cultuais - Tinha muita gente que nunca tinha ido num museu, por exemplo-, é uma outra realidade que a pessoa está descobrindo. (Silvia).*

> *As fotos significam muito para mim. Eu tenho uma visão diferente agora. O que mais me marcou no conjunto foi a foto seis, porque, como uma cidade tão rica culturalmente, financeiramente, como pode ter alguém dormindo na rua, no frio, sem comer? Além das pichações na cidade... Eu tenho ao mesmo tempo medo e vontade de perguntar porque?: Acho que o turismo não liga para o fato. Aliás, o turismo não mostra isso, só mostra o bonito, o belo. Nunca que se vai mostrar essa realidade da miséria. Eu acho que o dinheiro do turismo poderia contribuir, poderia investir nesta área, entendeu? Melhorar a cidade... (Helen).*

> *As fotos significam que nós conseguimos realizar um bom trabalho! Conseguimos atingir o objetivo de aprender sobre os lugares, de conhecer novos lugares! No começo era mais por nota, mas depois não, você vai gostando mais. Dai é um objetivo para você mesmo. Você querendo alcançar um objetivo seu, de conhecer, de aprender. Por você, não por nota.(Michele).*

> *O fato da classe depois da viagem ter ficado mais unida. A nossa vivencia (Ana).*

As fotos representam muita diferença, porque a gente só via São Paulo pelo lado ruim. O trabalho valorizou muito São Paulo. Os lugares tão culturais, tão importantes. Toda cultura e informação que passa e São Paulo só é mostrado pelo lado ruim. (Graziela)

Entre as imagens mais significativas para os alunos estão:

3

A foto <u>três,</u> por que as meninas do grupo do mercado Municipal, eram o grupo das "quietinhas" da sala, não apareciam, e no trabalho elas se mostraram, elas estavam lá aparecendo, e tinham o domínio do trabalho. Quando aquele segurança apareceu falando que a gente não podia estar lá. Ele não sabia que elas tinham autorização. Elas resolveram sozinhas a situação e se sobressaíram. A apresentação delas foi muito boa! O jeito que elas fizeram a apresentação, a organizações, a escolha dos locais da apresentação. Para mim chamou muita atenção, por como elas foram minuciosas. Todo mundo parou e prestou atenção, por que elas chamaram atenção do grupo.(Francisco).

Ressaltamos no plano desta foto, a complexidade que envolve a operacionalização de uma viagem. A quantidade de informações, regras e negociações a serem feitas, antes, durante e após a viagem, exige uma atenção redobrada tanto no plano da orientação técnico-pedagógica como em relação a segurança do grupo. Afinal estamos saindo da sala de aula, estamos nos comprometendo com os espaços, equipamentos e serviços. Neste sentido, muitos grupos, com tarefas específicas se sobressaem pelo planejamento e organização de suas funções. Percebe-se ainda que o destaque de alguns não é um problema, pois independentemente dos resultados parciais, ressalta-se os resultados em grupo. Vale destacar ainda que, ter clareza, principalmente a partir do empírico, dessa complexidade da organização de uma viagem, pode ajudar o aluno a ter uma postura mais atenta na sala de aula. Neste sentido as discussões teóricas podem vir a ser mais estimulantes, além de fortalecerem uma postura prática mais responsável.

4

A foto <u>quatro.</u> Todo mundo na Sala São Paulo com a impressão de que a gente conseguiu atingir nosso objetivo. Tá refletido no rosto de cada um a alegria, o que cada um

aprendeu... A turma unida, o pessoal todo, deu aquela união, aquela força para a sala... Valeu a pena todo o sacrifício.(Helen)

O grupo. Que nem, na foto quatro, que está todo mundo reunido. Se você pegar uma foto do inicio do curso e por essa foto, você vai ver a diferença. As pessoas todas abraçadas, com vontade mesmo, um grupo em si. (Dayane)

A foto quatro, que tem a "galera" inteira, porque mostra a classe toda, o espírito do último dia, o pessoal cansado, coisas assim... Muito legal..Tem um sentimento que não sei explicar. Tem um sentimento de vitória. O pessoal estava com medo, mas não era tão difícil como a gente esperava. Nós fluímos, estávamos mais aliviados.(Filipe)

Há na lembrança dos alunos, uma relevância no fato de se constituírem como grupo e passarem a ter uma identidade escolar e conseqüentemente profissional. O amadurecimento em relação a essas posturas individuais e no grupo, é mencionado como um fator criador e incentivador de um espaço propiciam para o aprendizado.

6

Eu me identifico bastante com a foto seis, que é a diferença com que é apresentado pela cidade, pela população da cidade, pelo que se baseia.(Silva)

Você vê isso ai e não tem muito o que falar, tem que melhorar...A gente quando fez a pesquisa quis fotografar isso, para trazer para discutir. Acho que isso tem que ser levado em consideração. Tinha que ter um olhar mais crítico para a situação.(Helio)

É aquele negócio, o contraste, agente foi a lugares bonitos, lugares históricos de uma cultura, de uma história bastante interessante e, em contraste com isso, um mendigo deitado numa calçada... Em muitos lugares do centro de São Paulo nós vimos coisas assim. Afinal estamos numas das maiores cidades do mundo. "A gente viu realmente isso". Em São Paulo a gente vê tudo, desde lugar muito "chic" até uma miséria junto da gente.(Francisco)

Solicitamos ainda, que os alunos escolhessem uma imagem que expressasse de forma mais significativa a importância da Viagem Técnica realizada pelo grupo e o porque desta escolha. A foto número quatro (a foto do grupo todo reunido, ao final da última viagem), continuou sendo apontada como uma das mais significativas. Neste caso, reafirma-se, através dos depoimentos, a importância de se criar condições, nas viagens, de um espaço para vivencias em grupo, permitindo diálogos pessoais e de informação que ajudem a construir uma ambiência para a vivência da expectativa da realização e da avaliação da viagem.

6

A foto quatro, pelo motivo que eu já falei, do grupo. Acho que mostraria a importância de você ser um grupo, a importância de você aprender a trabalhar junto. Acho que tudo se encontra na foto quatro....(Dayane)

A foto quatro, pelo fato da união. Todo mundo junto, casado, mas contente; porque fizemos com prazer... Foi uma atividade realizada para nós mesmos. (Michele)

Vale destacar outras fotos citadas:

7

A foto sete. Eu acho que é o diferente, totalmente diferente do que nós vimos. Em Sorocaba a gente não vê tantos museus e a questão de arte. Não sabemos que existe, digamos assim...Ela se caracteriza bastante pela curiosidade de conhecer o lugar, porque existe? De onde veio? (Graziela)

6

A sete, que aqui ela mostra os quadros e a seis, porque todo mundo conhece essas duas realidade. Uma mostra a cultura e a outra a realidade de muita gente nesse país. Podemos ter acesso as duas coisas. Daria uma boa discussão.Por isso seria o que eu escolheria.(Talita)

Em relação ao significado, interesse e importância do curso de turismo para estes alunos, pode-se assim perceber, que mesmo com pouca maturidade, eles já esboçam algumas posições e argumentações em relação a alguns fatos do turismo, demonstrando, de uma maneira geral, a apreensão de algum conhecimento básico e sensibilidade para com os problemas da área no contexto do curso. No entanto está aderência inicial ainda não significa maturidade acadêmica e profissional.

Eu nunca pensava que tinha alguém por trás daquilo, não me preocupava se o turismo ia afetar o meio ambiente o as pessoas do local. Hoje eu já penso no que está afetando, nas pessoas que estão lá,

numa série de fatores que vão interferindo. Você pensa mais, você procura conhecer mais os lugares (Talita)

Acho que como alunos do curso de turismo, a gente acaba adquirindo uma visão mais crítica, a gente presta atenção mais nos detalhes, ao que podia estar melhor, o que não precisava, o que foi exagero, o que está em falta, por exemplo, por ser alunos eu já percebi essa mudança em mim (Helio).

Eu acho que eu tenho facilidade para área de pesquisa. Eu gosto de procurar o por que. Enfim, para levantar questões de melhoria, o que dá para fazer, porque que determinado local foi um determinado atrativo turístico e hoje não é mais, ou mesmo não só um local, mas a questão cultural. Hoje profissionalmente eu me dirigiria para esse campo de pesquisa.(Silvia)

Eu viajava como turista e não organizando. Eu não pensava que tinha tanta coisa por de trás da viagem. É complicado, mas dá vontade de aprender. Você fica a vontade para aprender. Você passa a se preocupar com coisas mínimas.(Filipe)

Neste contexto, compreendemos que as mediações com a realidade trazidas pela Viagem Técnica acabam atendendo, neste primeiro momento, algumas das carências dos alunos em relação as práticas culturais e a vivência da viagem. Na avaliação dos alunos, a aceitação da viagem como um recurso de aprendizagem é unânime.

A gente aprende a superar as dificuldades. Só faz a gente crescer, porque quando a gente sai da faculdade as coisas são diferentes. Na prática você vê as dificuldades. Agora, a teoria dá base pra gente também. Na aula a gente vai comparar.Como por exemplo, no caso desta viagem que foi na sua matéria, mas engloba todas as outras. Entendeu? Porque sempre vai ter coisa que outro professor falou que você lembra. Você vai comparando com todas as matérias e tipo, vai prestar mais atenção na matéria ainda. Você vai prestar atenção porque é uma coisa que você já sabe entendeu? A gente não fica só "viajando"... Dá para discutir mais.(Michele)

Aprendi sobre transporte, que isso é importante e como organizar, como se deve monitorar as pessoas dentro dos espaços culturais, como conversar, como dar uma informação. Aprendi que em uma viagem existem muitas coisas envolvidas. Aprendi sobre a alimentação, o seguro viagem. Coisas que o turista nem imagina...Nós aprendemos que tem que olhar tudo, tanto olhar a beleza da cultura como olhar para violência, porque tudo é importante. (Dayane)

Acho que qualquer viagem é excelente para isso. Eu fiquei fascinada particularmente por um dos pontos que nunca tinha visto, que foi a Sala São Paulo, que achei maravilhoso... Cada hora você descobria alguma coisa e fica fascinado. Tem essa sensação de conhecer coisa nova e ver que tem muita coisa para você conhecer ainda. É muito legal. E acho que é isso que estimula você a cada vez mais querer viajar.(Silvia)

Neste plano percebe-se que há uma predisposição para a observação e a busca de conhecimento, o que leva a um estado mais perceptível e sensível em relação as abordagens especificas da área.

Primeiro lugar, você tem que ter atitude, tem que ir atrás. Você tem que fazer a pesquisa, procurar base nos seus professores, ter noção da fonte onde você vai buscar e procurar informação. Você tem que saber o que você vai falar, como apresentar. A viagem técnica vale muito para isso também.Para você ver mesmo como funciona, porque só no teórico é fácil, mas na hora você trava, não consegue ter uma comunicação boa com quem vai te recepcionar no local. Você tem impasses, inseguranças. A busca pelas coisas e muito boa! (Bianca).

Cada palavra de um professor, cada texto que você lê se refere a viagem que você fez, o que você viu, você já sabe como é. A gente vai discutir com o professor também. Entendeu? Não vai ser só ele falando. (Helen).

Ser um visitante melhor. Porque te deixa mais aberto para conhecer a cultura do espaço que ele tá visitando, ele aproveita melhor a viagem. Porque se você é um turista comum, você chega e vê a "Festa do Boi-Bumbá". Você só viu aquilo. Agora se você é um visitante consciente, você vai saber que aquilo faz parte de uma cultura e que é uma tradição de gerações, que tem toda uma riqueza cultural. A sua cultura muda, você se torna um visitante melhor.(Dayane)

Mas os alunos avaliam ainda que uma Viagem Técnica deve ter objetivos e estratégias de ação bem definidas, para que haja um envolvimento dos alunos individualmente e em grupo e conseqüentemente uma postura em relação à busca de informações e aproveitamento das interpretações possíveis a partir do trabalho de campo.

Na Visita de São Paulo a gente teve tempo para pesquisar e quando a viagem foi realizando a gente viu o resultado daquilo que a gente fez e aprendeu, ao mesmo tempo com tudo aquilo que os outros alunos estavam fazendo, pois cada um tinha um papel específico. Em termos culturais e de aprendizagem para gente foi mesmo marcante.(Jéssica)

A gente passou por guia, por pesquisador, por organizador, por controlador. Tivemos que fazer roteiro, passamos por turista e assistimos os outros grupos. Assistindo os outros grupos, percebemos os erros, as falhas e onde a gente podia consertar, por que ali a gente podia errar, entendeu? A gente cresceu muito nessa viagem de São Paulo do que comparado as outras.
A responsabilidade é basicamente isso. Quando você leva uma e entende a importância do seu papel. Cada um tem um papel fundamental ali e, as vezes a gente não percebe o quanto aquilo é importante, o quanto a minha falha pode afetar os outros, então isso vai muito mais na cabeça da gente e fica muito mais claro esse crescimento, agente reconhece que não estamos ali para brincar.(Helio).

Um outro ponto que fica demonstrado nos depoimentos, é o entusiasmo em relação às possibilidades de aprendizagem prática.

Com as atividades técnicas, na prática, é que a gente vai aprender, é que a gente vai saber, porque a gente vai estar lá. Vamos ter que negociar, vamos ter que fazer tudo... se não a gente fica só na teoria e não vai saber fazer na hora (Jéssica).

Este aspecto revela-se muitas vezes nos depoimentos, em oposição e não como complementaridade em relação ao aprendizado teórico. As dificuldades e muitas das vezes o

desinteresse, em relação a esses referenciais, estão associados na visão do aluno as características do ambiente acadêmico universitário, que neste sentido é entendido como um lugar de aprendizagem passiva, contrapondo-se as possibilidades da dinâmica de aprendizagem prática, que por exemplo na opinião da Ana teve na experiência da Viagem Técnica, a seguinte característica:

> *Tive a sensação de liberdade, a sensação de competência, de saber que você pode fazer, que você é capaz, algum imprevisto que acontece e você tem que resolver.Acho que foi isso. Tudo valeu a pena na viagem.(Ana).*

Praticamente todos os alunos, mencionaram algum aspecto que demonstra a importância estratégica deles terem que buscar sozinhos, principalmente no que se refere a adquirirem responsabilidade e habilidade na solução de problemas. Segundo eles a melhor forma de aprende. Desta forma, descoberta, atitude, decisão são expressões usadas pelos depoentes para significar de forma pragmática o estímulo em relação conhecimento instrumental da Viagem. Como se fosse possível manter uma independência, uma distância, entre o conhecimento conceitual e o prático.

> *Se a gente ficar na faculdade, nunca a gente vai aprender o que a gente aprendeu, no semestre passado. Eu ia ficar só naquele mundinho: aula, aula... A prática é fundamental. Você está aprendendo, colocando as mãos e aprendendo (Helen).*

Ressalta-se no entanto, de acordo com (Barreto, 2000), que a incumbência e os valores éticos do turismólogo exigem que sua formação seja dialética como o fenômeno, permeando entre a prática e pautado na teoria, no conhecimento científico que se adquire na universidade. O turismólogo não deve ficar restrito ao saber emitir uma passagem ou executar um roteiro. O exercício da profissão requer noções técnicas, mas a finalidade é simplesmente dar suporte às decisões e proposições, que aparecem num plano mais elevado.

Gostaríamos ainda de incorporar no aproveitamento desta análise, a relevância da aprendizagem acidental assimilada na vivencia do alunos, nestes processo de construção, realização e avaliação da Viagem Técnica. Se considerarmos que no contexto escolar tende a imperar a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem das disciplinas acadêmicas, não se deve esquecer que este processo, por um lado, é afetado por aprendizagens tanto formais como informais anteriores e por outro lado, paralelamente à aprendizagem planejada, pode

estar ocorrendo aprendizagens não previstas. De acordo com Witter (1984, p. 01), entende-se por aprendizagem acidental ou incidental aquela que ocorre sem que objetivos e planejamentos específicos tenham sido estabelecidos para que ela tivesse lugar. Os comportamentos aprendidos acidentalmente são relevantes não apenas por si mesmos, mas também porque influem em outros comportamentos adquiridos da mesma forma ou através de uma aprendizagem formal, planejada com objetivos específicos, como é o caso da atividade em discussão. Na declaração dos entrevistados, pôde-se identificar que parte significativa do aprendizado realizado na atividade de Viagem Técnica advém desses fatores:

> *Acho importante também fazer no final o "feed back" - Essa discussão que eu achei muito interessante porque teve coisas que o pessoal falou que eu não esperava, que ninguém tinha se tocado – mas na hora da discussão depois da viagem nos continuamos aprendendo(Francisco).*
>
> *A gente aprendeu e cresceu bastante, não só como grupo, mas como pessoa mesmo.*
> *Eu aprendi a me dedicar mais ao que quero fazer, com mais empenho, porque no começo a gente levava mais na brincadeira, mas depois que você começa a pesquisar, você conhece um pouco mais, você melhora, você vai crescendo. (Thalita)*
>
> *Tem os conflitos de opinião, porque tem uns que se empenham mais e outros menos, tem os que empurram, por isso que a gente as vezes se desentende. (Diego)*
>
> *Aprendi com o pessoal do transporte, foi um destaque assim, também o pessoal do gerenciamento que cuidava de todo mundo. Esses grupos demonstraram mais interesse, mais firmeza de tá aprendendo. Eles foram exemplos. (Filipe).*
>
> *O fato do grupo ter que andar junto, participar, questionar, isso faz aprender(Dayane).*
>
> *Aprendi que nós conseguimos realizar um bom trabalho! Conseguimos atingir o objetivo assim, de aprender sobre os lugares, de conhecer novos lugares. No começo era mais por nota, mas depois não. Você vai gostando mais, daí é um objetivo para você mesmo, que quer alcançar um objetivo seu, de conhecer, de aprender. Por você, não por nota (Michele).*

Desta forma, entendemos que este trabalho de visita técnica não é uma sucessão de atos desconexos, e sim uma atividade coerentemente ordenada, na qual um passo prepara a necessidade do seguinte, e na qual cada um deles se acrescenta ao que já se fez e o transcende de um modo cumulativo. O que se pretende é que os alunos participem de uma atividade, onde eles são agentes da construção, onde tudo que um grupo aprende e passado para os demais, onde a experiência os leve a amenizar a diferença entre a vida exterior e a vida escolar, onde eles tenham uma oportunidade de participação oposta à idéia de recepção passiva, onde os conflitos e barreiras são pontos fundamentais de amadurecimento, onde eles podem se expressar com criatividade, usando diversas linguagens, onde haja uma atividade que o

considere no seu contexto cultural e o faça avançar baseado no seu próprio estímulo pelo aprendizado.

Nas considerações feitas a partir das categorias criadas para análise das entrevistas, ressalta-se que:

- Na *lembrança* dos alunos ingressantes no primeiro ano do curso de Turismo da Uniso, a Viagem Técnica é um momento de convivência e de experiência expressiva. Existe um sentimento coletivo que se estabelece em termos da identidade do grupo e de todo o aprendizado possível na construção do processo de trabalho;

- Para os alunos, a *relevância* da experiência prática da viagem no curso, está em saber fazer. Neste sentido há uma expectativa de que eles sejam agentes ativos do planejamento e da busca pelos resultados da tarefa estabelecida no componente curricular.

- O *aprendizado* possível nesta atividade extrapola os conteúdos curriculares, perpassando as relações pessoais. As informações conceituais e operacionais geradas pelo trabalho, são reforçadas pelas aplicações práticas. O grupo aprende sobre a necessidade de dialogar com os estímulos, as dificuldades, as diferenças, os limites, as lideranças, as posturas e as responsabilidades individuais e em grupo. Neste contexto se estabelece uma predisposição e um compromisso com a construção do trabalho, o que leva a um estado de atenção em relação aos conhecimentos relativos ao universo da viagem, incorporando-se desta forma uma atitude positiva diante deste processo;

- Fica como *Imagem* significativa para os alunos, o registro do que eles foram capazes de produzir e incorporar no processo de construção do trabalho. A percepção e o entendimento do papel de cada um, nos resultados de uma atividade, cujo projeto se torna deles;

- O *Inesperado* para o aluno é se descobrir e descobrir o outro. É descobrir um espaço para avaliar de forma dialogada e mais amadurecida sobre as experiências vivenciadas;

- Na *Avaliação* dos alunos, a Viagem Técnica como recurso pedagógico tem uma aceitação unânime. No entanto, não é considerada uma tarefa fácil e sem percalços. O enfrentamento da complexidade das operações necessárias para a execução da viagem, funciona como um jogo de estímulo, criando um ambiente propício para se aprender com erros e acertos. Os alunos avaliam ainda, que esta é uma atividade que não pode ser negligenciada em seus aspectos de planejamento e deve promover uma vivência que gere o maior envolvimento possível do grupo. Neste plano há uma expectativa de aplicar ou avaliar os

conhecimentos propostos pelo curso. Os alunos se sentem mais aptos para argumentar na sala de aula após as experiências da viagem;

- A Viagem Técnica como *prática formativa* aparece como um instrumento de educação para a viagem. Na medida em que cria possibilidades de enriquecimento pessoal e interação com diversos aspectos que envolvem universo da viagem. Estabelecendo um olhar sensível para além dos aspectos profissionalizantes do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões feitas neste trabalho, consideramos que o grande desafio do ensino e da pesquisa em turismo, talvez esteja em como avançar na sua compreensão relacionada às diferentes partes de sua constituição em um todo orgânico. A realidade desse fenômeno, sua prática social, exige uma nova práxis, um novo saber-fazer, com uma nova referência, conjugando objeto, teoria, método e prática. Uma epistemologia do turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre uma prática social que se dissemina de forma diferenciada, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivencias múltiplas dos ***sujeitos*** que as praticam, em um mundo que se globaliza. O Turismo é um fenômeno que cresce e se espalha no tempo e no espaço de forma bastante incontrolável e imprescindível. A cada momento e em cada lugar em que o fenômeno turístico se produz, ocorre uma série de relações que sempre são, em algum grau, diferentes e nunca totalmente previsíveis, nunca idênticas a outras, as situações de turismo não se reproduzem, mesmo no turismo de massa – que, no entanto, se caracteriza por sua fidelidade a modelos padronizados de comportamento.

Diante do percurso realizado, consideramos que desde os primeiros momentos do curso, toma-se de fundamental importância para o aluno discutir a problemática do desenvolvimento crescente da atividade turística. Essa discussão é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores intermediários, consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que seu próprio benefício e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas concepções implícitas destes conceitos. Essa postura, emergente de uma cultura de mercado capitalista, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existente nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação com a realidade, por meio da relação entre visitantes e visitados.

Apenas ressaltando este contexto, é importante consideramos novamente, o fato de que viajar tornou-se um bem cultural e que hoje, existe uma abundância fantástica de apelos publicitários, para que o maior número de pessoas viagem, "partir em férias" passou a ser um acontecimento dotado de particular significado para cada sujeito. Neste final de milênio,

fazer turismo, tanto para quem produz como por quem o consome, é uma forma de apropriação de poder. Consumir o outro, o diferente, o exótico, o distante, supostamente gera experiências prazerosas. Experiências possibilitadoras de quebra de rotina, relativizando a massividade imposta ao consumo cotidiano. Faz-se necessário, entretanto, recusar todos os modos de manipulação e telecomando, para permitir novos modos de sensibilidade humana, de relação com o outro que coincidam aos desejos, ao gosto de viver, à vontade de conhecer o mundo, com a instauração de dispositivos capazes de desterritorializar, criando novas relações, sentidos e representações na busca da transversalidade entre os grupos humanos.

Diante do universo pesquisado, consideramos que a Viagem Técnica, no curso de Turismo, pode ser melhor percebida como um instrumento de educação para a viagem, na medida em que sejam um meio reflexão e aprendizagem sobre a Viagem Turística, de forma, a que ela preserve as virtualidades da viagem, ancestralmente concebidas. Tornando-se assim, uma atividade com potencial para ser centro pedagógico de aprendizado do curso, apresentando características importantes como: ludicidade, trabalho em equipe e os aspectos de hesitação e medo. Que neste caso, tornam-se componentes fundamentais em uma tarefa acadêmica mais assumida pelos alunos e que é o oposto da sala de aula, onde o professor passa para o segundo plano e os alunos passam para o primeiro plano.

Esta atividade se percebida em seu potencial educativo, pode ser uma forma de minimizar circunstâncias de medo e maximizar as possibilidades de exercício da curiosidade. Vindo a ser um componente arregimentador do interesse e da sensibilidade dos alunos. Sendo um núcleo desencadeador da curiosidade para todos os aspectos do turismo que ele vai estudar ao longo do curso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente. **Turismo:** fundamentos e dimensões. São Paulo: Atica, 1992.

ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis. Teoria geral do turismo. In: ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis (Org.). **Turismo:** como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, Célia;

BATISTA NETO, Jonatas. Aspectos das viagens medievais: obstáculos e perigos. **Revista de História**, São Paulo, n.119,1988.

BRUHNS, Heloisa Turisni; LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Orgs.). **Olhares contemporâneos do turismo.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus 1997.

_____. Produção científica na área de turismo. In: MOESCH, Marutschka M. GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo.** 2.ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BERMÚDEZ, José Maria Orte. **Conocimientos sobre el mundo del turismo.** Lleida: Milênio, 1997.

BIANCHETTI, Roberto G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1999.

BRAMANTE, Luiz Carlos. **Perfil de pesquisa do corpo docente do curso de turismo da Universidade de Sorocaba** . Sorocaba, 2004. (Apostila).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Turismo e Hotelaria.** Brasília: Ministério da Educação, 2002.

CALVO, Fabrina Marques. **A Graduação em Turismo na Universidade de Sorocaba: da proposta do curso ao imaginário do aluno**. 2004. TCC (Graduação em Turismo) – Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2004.

CAMARGO, Haroldo, L. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy (Org.). **Turismo como aprender e como ensinar 1**. São Paulo, SENAC, 2001a.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis (Org).**Turismo:** como aprender, como ensinar 2. São Paulo: SENAC, 2001b.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CORBIN, Alain. **As figuras iniciais da admiração.** In:_____. **O território do vazio**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo**: fenômeno social. México: Fundo de Cultura economica, 1992.

DENCKER, Ada Maneti de Freitas. Metodologia científica. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy (Org.). **Turismo como aprender e como ensinar 1**. São Paulo: SENAC, 2001.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 1999.

_____. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1994.

GASTAL, Susana. **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Turismo e cultura. Por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, Susana (Org.). **Turismo**: 9 propostas para um saber-fazer. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Da prática à teoria: pensando o turismo. In: MOESCH, Marutschka M.; GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional. Disponível em: http://www.inep.gov.br. Acesso em: 12 fev. 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo.** Para uma nova compreensão do lazer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. Rio: 10 anos depois: cartão vermelho para o turismo. In: MOESCH, Marustschka Martini; GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça.** São Paulo: Hucitec,1999.

LEMOS, Ângela Denise da Cunha. A sociedade, as teorias educacionais o ensino do turismo e o papel do bacharel em turismo. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura (Orgs.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo.** Campinas-SP: Papirus, 2002.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra:** memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1984. 2v.

LOBATE, Beatriz Caiuby. A experiência do "viajante-turista" na contemporaneidade. In: GASTAL, Susana, SERRANO, Célia, LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Orgs.). **Olhares contemporâneos do turismo.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

MCINTOSH, Robert W. **Turismo:** princípios, práticas e filosofias. 8.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOESCH, Marustschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. O saber-fazer turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL. Susana (Org.). **Turismo**: 9 propostas para um saber-fazer. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: GASTAL, Susana (Org.). Turismo investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002.

_____.**Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOESCH, Norma Martini. Turismo: virtudes e pecados. In: Gastal Susana (Org.). **Turismo:** 9 propostas para um saber-fazer. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MOESCH, Marustschka Martini; GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004.

MOLINA, Sérgio. Pós-Turismo: novas tecnologias e novos comportamentos sociais. In:

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** o espírito do tempo. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

ORTIZ, Renato. **Um outro território:** ensaios sobre a mundialização. 2.ed. São Paulo: Olho D'Agua, 2000.

PANOSSO NETO, Alexandre. O problema epistemológico no turismo: uma discussão teórica. In:TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. **Reflexões sobre um novo turismo.** 2.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**. Campinas-SP: Papirus, 1996.

_____. **Turismo no percurso do tempo**. (Org.). São Paulo: Aleph, 2002.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e espaço:** rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____.**Turismo modernidade globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHLUTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

SERRANO, Célia. Políticas e poéticas das viagens. In: GASTAL, Susana; SERRANO, Célia, LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Orgs.). **Olhares contemporâneos do turismo.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça** - le tiers instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura Maciael (Orgs.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo**. Campinas,SP: Papirus, 2002.

SIGAUX, G. **History of tourism.** Londres: Leisure Arts, 1965.

SILVA, Aidil Jesus da Silva; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**: uma guia para iniciação científica. São Paulo: Makron Books, 2000.

SWARBROOKE, Jonh; HONER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói Trigo. Problemas e possibilidades do turismo brasileiro. In: MOESCH, Marutschka M.; GASTAL, Susana (Orgs.) **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A sociedade pós-industrial e o profissional de turismo**. 2.ed. Campinas,SP, Papirus, 1998.

_____. A importância da educação para o turismo.In: LAGE, Beatriz Helena; MILONE, Paulo César (Orgs.). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

UNIVERSIDADE DE SOROCABA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Turismo.** Sorocaba, 2004. Aprovado no Colegiado do Curso em 24 set. 2002, atualizado em 2004 /Aprovado no Concen-Cecom em 10/10/02).

_____. **Regimento Geral da Universidade de Sorocaba.** Sorocaba, 2005.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Sesc / Studio Nobel, 1996.

WITTER, Geraldina Porto. **Aprendizagem acidental na escola.** São Paulo:EPU, 1984.

YASOSHIMA, José Roberto; OLIVEIRA, Nadja da Silva. História do Turismo In:

REJOWSKY, Mirian. **Turismo:** percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

APÊNDICE

Entrevistas

Aluna: SILVIA HELENA PELAGI
Ingressou em 2004 e está no 3º Período do Curso de Turismo (22 anos)

Das Viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Ficaram vários aspectos. Desde a unidade que a gente acaba tendo com o grupo que você está inserido, em função das atividades que você tem que desenvolver juntos. Além do próprio conhecimento que você acaba adquirindo, que acaba sendo um conhecimento marcante assim... algo difícil, que você é obrigado... Mas a própria viagem em si ela faz com que você aprenda o contexto e daí você vai pesquisar, saber de onde vem as determinadas informações para que você chegue no lugar e talvez já esteja conhecendo e talvez até apto a informar as pessoas.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A gente teve duas bem diferentes. Abordaram aspectos diferentes e também tiveram visão para realização que foram diferentes. Então assim, eu acho que foi mais produtivo para mim a de São Paulo. Parati era outro foco assim e a gente não tava, digamos assim, preparado para a viagem, em termos de conhecimento mesmo. Agora a de São Paulo já ficou mais, foi muito mais marcante para a gente. Primeiro que nós que tivemos que ir atrás, colher informações, enfim, a viagem não ia acontecer se a gente não se mexesse. Por esse motivo ela é a mais relevante e a gente conseguiu aprender mesmo, de verdade.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Eu fiz o curso de guia e, eu acho que a gente, apesar de ser uma graduação, que a gente não foca a técnica, eu acho que a gente se saiu muito bem assim e uma das partes mais importantes, primeiro é o conhecimento do local que todos os grupos tem que ter porque vai ter que apresentar... se você for amanhã monitorar mesmo uma viagem vai ter que tá passando as informações corretas para as pessoas; Segundo a parte dos transportes que eu acho que foi muito bem desempenhada, principalmente porque é o mais difícil, por causa da quantidade de pessoas, os horários, a rota. Acho esses dois mais relevantes.
A viagem técnica faz com que você consiga entender a complexidade que tem na organização de uma viagem. Mas não foi difícil entender, porque o mais complexo e pensar uma pessoa sozinha fazendo tudo né? Tem que ter realmente muita responsabilidade para você conseguir juntar todos os pontos que nós estávamos dividindo em dez grupos. Então uma pessoa faria a função de dez. E é muita coisa, fora a responsabilidade que você tem com as pessoas, se acontecer alguma coisa. Enfim, mas a viagem técnica ela é excelente, primeiro do ponto de vista que você vai levar conhecimento para pessoas. Então acho a parte mais importante e que você sabe o que está falando.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Eu viajava bastante. Eu fiz viagem de dois tipos: viagem de massa que a gente ia sempre e e caba fazendo um ou outro passeio. E eu viajava bastante sozinha com uma amiga minha, de mochila, ia para casa de outro amigo acampar... essas coisas... Agora a visão que a gente acaba tendo, depois que começa estudar e o que me chama atenção é a questão da preservação do local. Porque é muito fácil ir lá conhecer, ver o que é bom e que talvez daqui a alguns anos não exista mais. Muitos não acham que isso seja importante, mas eu acho que preservação é de estrema importância. Se você tem um produto é utiliza ele mal, talvez não tenha mais ele.
Uma outra coisa que eu acho importante é modo de vida das pessoas, nas cidades, nos locais, que é aquilo que você que viaja com turismo de massa não consegue ver, por que voe só vê através da janela de um ônibus. O contato com as pessoas não se dá de forma intensa. E o legal de você viajar independente, que é diferente, é isso, você tem esse contato, saber viver o lugar, entender melhores as coisas do lugar. Na viagem de Parati a gente teve um pouco disso.

E depois de um ano de curso?
R: Eu acho que esse um ano abriu bastante a minha visão, nesse aspecto mesmo, de você comprar um "pacotinho fechado" e ficar no hotel com estrelas e você não ter contato com as pessoas. Eu acho que isso é

fundamental para o turista. Todos querem um pouco de conforto, mas o turismo acaba sendo de degradação. O legal é você conseguir fazer com que as pessoas adquiram uma consciência de que viajar é legal. Você se sente super bem, você vai conhecer lugares lindos só que tem que cuidar para ter sempre, para amanhã seus filhos poderem ir também. Foi a visão que marcou mais.

Como você avalia hoje, a prática da viagem?
R: Eu acho que eu tenho facilidade para área de pesquisa. Eu gosto de procurar o porque e... enfim, para levantar questões de melhoria, o que dá para fazer, porque que determinado local foi um determinado atrativo turístico e hoje não é mais, ou mesmo não só um local, mas a questão cultural. Hoje profissionalmente eu me dirigiria para esse campo de pesquisa.

Você acha que viajar no curso de turismo é uma coisa importante para o aluno?
R: Acho que sim, porque primeiro você adquire muito conhecimento através de livros, enfim de pesquisa. Só que se você não tiver a prática é muito fácil falar de preservação lendo, só que na hora de fazer, o fazer acaba se sobressaindo ao que você vê na faculdade... Mas viajar é importante sim. Primeiro porque abre a cabeça, você conhece outras pessoas, você acaba respeitando outros costumes.

Como é voltar para a sala de aula depois da viagem técnica?
R: Por um lado a gente acaba achando meio chato, porque ficar sentando só ouvindo... mas acontece que acaba sendo mais importante do que a própria viagem em si, porque se você vai fazer uma viagem técnica, por exemplo e não tem uma base, você chega a não entender nada. Não entende o porque das coisas. E o importante que acho é a questão dos professores né... A gente vai dando um ponto de vista de acordo com as informações que são passadas e o que ele começa fazer para abrir nossos olhos e daí que começa a surgir dúvidas, ai daí vai a discussão. A discussão é muito importante também, porque você acaba entendendo que talvez, não só o seu ponto de vista seja certo.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Batendo o olho, a primeira sensação que vem é... Mexe com as minhas lembranças. Realmente é meio emocional no sentido da questão de uma identidade. Identidade do meu curso, uma parte da minha vida.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A número *seis*. Acho que ela diz tudo, porque na verdade a gente não vê que a miséria no país. Todas as questões que são complicadas hoje socialmente... e o turismo que é uma fonte de renda muito grande hoje e que também, por exemplo, apesar da desgraça desse cidadão, hoje também é um nicho de mercado... Na verdade eu nunca fui, mas o que eu leio hoje que existe até programa de viagem, onde você passa uns dias - isso é lá no exterior -, com você passando um dia como mendigo mesmo, que seria comprar o pacote, daí você é colocado na rua, e você tem que lutar pela sobrevivência. Ai talvez as pessoas, geralmente as que tem mais dinheiro, talvez seja a que mais procurariam esse tipo de pacote, porque você acaba não tendo dinheiro e você tem que se virar para dormir... Essas coisas.

O que você acha disso. Você teria coragem de lançar um produto desse?
R: De criar acho que não, porque a... Em termos financeiros eu não sei o quando se arrecada. Mas eu acho que em termos humanos assim, você acaba mexendo com a questão social da pessoa, no sentido de um laboratório sabe? Fazer dela um laboratório e sendo que ela não está ai brincando. É a vida dela. Então, se ela pudesse ela não estaria ali com certeza.

Como é essa coisa da exposição que o turismo faz?
R: eu acho assim. O turismo acaba sendo por si só meio de elite. Mas ele transforma realmente as pessoas numa certa vitrine, justamente pela questão das diferenças culturais mesmo. Você ir num lugar e muita vezes você não respeitar ele ou as pessoas por elas serem diferentes, mas achar ou que elas estão erradas ou são feias. Realmente transforma numa vitrine.

A realidade da foto seis é uma realidade para o turismo?
R: Ela cria um conflito com os valores do turismo, porque primeiro você vai passeando e vê um mendigo deitado na rua e você se sente mal. Acho que todo mundo teria uma sensação ruim, e a outra até pela questão

das próprias cidades que acabam não embelezando. Às vezes pela questão da violência, acaba afastando o turista. Isso é muito forte.

Como é lidar com esses fatos reais fora da sala de aula?
R: Daí é que a gente sabe mesmo, se a gente sabe administrar bem o que acaba aprendendo e até as coisas que já estão embutidas na gente desde que a gente nasce. Mas o contato com a realidade sempre marca. Seja para um lugar mais lindo, que você nunca viu, seja por uma questão social melhor que a sua, então, ela vai marcar. E se for uma questão social pior, ela vai marcar também, mas você talvez até queira esquecer.

A nossa viagem provocou um olhar para essas coisas?
R: Eu acho que sim, porque a gente teve contato, principalmente o grupo de fotografia, eu acho que... Nem todas as fotos estão de acordo com que a gente viu. Então, a gente viu muito mais do que fotografou. Então, ac marcaram também, pois nos chamou atenção para as questão cultuais - Tinha muita gente que nunca tinha ido num museu, por exemplo-, é uma outra realidade que a pessoa está descobrindo. (Silvia)

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A *cinco*, porque eu me lembro desse dia que eles estavam explicando. E ninguém esperava nada da Michele. E a importância da viagem técnica, fora toda a percepção que a gente tem que ter mesmo do espaço. A gente tem que ter a responsabilidade de passar as informações no geral e eles fizeram isso.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Eu acho que tem que ser assim. Primeiro tem que ter segurança, porque é um grupo de jovens e jovem faz muita besteira. E por parte assim dos professores, é realmente impor uma certa autoridade, justamente por este motivo, até que vai gerar a segurança do grupo. Agora o que tem que ter na viagem técnica, acho que... As nossas foram muito bem feitas, principalmente a de São Paulo.

Que te faz achar que a viagem de São Paulo foi boa?
R: Eu achei que todo mundo estava comprometido com o trabalho. Pelo menos no decorrer das pesquisas. Enfim, para poder ir para a atividade realmente, todo mundo acabou pesquisando, foi atrás.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: A questão do atraso, por exemplo, que a gente teve no segundo dia. Ninguém esperava e a própria reação que a gente acaba tendo, por ser um amigo, mas por outro lado, a questão de que se fosse você que tivesse organizando a viagem. Eu por exemplo, teria a mesma postura. Isso nunca tinha acontecido comigo numa viagem: "Vai deu o horário. Temos que ir, se não a gente perde as atrações". Isso com certeza, na realidade, na hora que a gente tiver trabalhando vai acontecer, e é bom por que foi uma das posturas que eu nunca tinha vivenciado e eu vi que tinha que ser daquele jeito, porque se não você compromete todo mundo e uma viagem inteira por causa de uma pessoa.
Aprendi a conviver mais com as pessoas e a ser mais aberta as outras opiniões também. E acho que qualquer viagem é excelente para isso. Eu fiquei fascinada particularmente por um dos pontos que nunca tinha visto, que foi a Sala São Paulo, que achei maravilhoso... Cad hora você descobria... Fica fascinado. Tem essa sensação de conhecer coisa nova e ver que tem muita coisa para você conhecer ainda. É muito legal. E acho que é isso que estimula você a cada vez mais querer viajar.
Acho que todo mundo também estava preocupado em fazer um bom trabalho e a questão de expor a pessoa lá na frente e falar enfim... É bom, porque além de criar um...você ficar desinibido, ele acaba possibilitando a você descobrir que cada pessoa pode ser muito boa em vários aspectos. É só ela querer e exercitar. E as vezes não é nem querer e falta de oportunidade mesmo.

Aluna: DAYANE CRISTINE ANTUNES DE ALMEIDA
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (19 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: A dificuldade assim, de ser um choque, pela atividade que a gente não esperava. Você chega num lugar novo, tudo inesperado, estar com pessoas que você não conhece. Isso para mim foi o que marcou... A dificuldade de se relacionar com outros... Para mim foi uma fase de conhecimento.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A de São Paulo, porque foi a que eu tive que correr atrás entendeu? A outra visita foi tudo "mastigadinho". Essa não: foi "se vira", foi o que mais me fez crescer, a que eu aprendi mais.
Eu acho que você tem que corre atrás de tudo, você tem que perguntar. Porque ninguém chega para a gente e diz o que é para fazer. O professor passa toda a lista de tarefas, por onde você deve começar e qual o objetivo... No fim saiu como o professor falou. Foi difícil, mas foi gostoso, porque você está se superando. Eu encarei como se tivesse superando meus limites. Eu nunca tinha ido para São Paulo sozinha e de repente eu tinha que ir, tinha que pegar o metrô, ler mapa...

Como você se saiu?
R: Muito bem!

Qual a sensação depois que passa?
R: Ótima! Você olha para trás e nossa: não acredito que eu fiz tudo isso! Porque antes você pensa se vai conseguir. Ai quando acaba você diz: "Ufa terminei", eu fiz, eu fui capaz!

Que tipo de coisa você acha que aprendeu com esse trabalho?
R: que ninguém consegue nada sozinho. Você não pode dizer que faz sozinho. Eu aprendi que não é assim. Eu fazia muito, as coisas assim: "eu vou fazer nem que eu me mate", mas não, a ajuda dos outros e super importante, você valoriza a pessoa que está contigo... Foi o que mais aprendi.

Qual era a sua visão de São Paulo?
R: Eu achava que a hora que eu descesse do metrô... eu descia segurando minha mochila... Nossa, vão levar meu tênis! E eu vi que não era bem assim sabe, que as pessoas falam de São Paulo só a parte ruim, não falam a parte boa, a parte cultural. Acho que ninguém chega e diz que São Paulo é legal. Então aprendi que São Paulo tem muita coisa, tem gente diferente. Nossa muita coisa boa e legal!
Hoje em dia eu vejo São Paulo como destino turístico, como cidade bonita, como uma cidade cultural, até mais que cidade violenta. Acho que eu aprendi São Paulo de um jeito que eu ao imaginava.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Aprendi sobre transporte, que isso é importante e como organizar, como se deve monitorar as pessoas dentro dos espaços culturais, como conversar, como dar uma informação. Aprendi que em uma viagem existem muitas coisas envolvidas. Aprendi sobre a alimentação, o seguro viagem. Coisas que o turista nem imagina...
Nos aprendemos que tem que olhar tudo, tanto olhar a beleza da cultura como olhar para violência, porque tudo é importante. Você não vai mandar o seu turista para um destino que é lindo mas e super perigoso. Então eu acho que tem que olhar tudo

Você acha que essas são preocupações de quem está estudando turismo?
R: Eu acho, porque eu aprendi muito a minha forma de olhar. Antigamente eu olhava se era violento ou bonito. Não tinha o lance de fazer um balanço do bom e do ruim.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Eu viajava, mas não era uma viagem consciente. Eu me sentia um turista pagante. A única coisa que eu sempre pensei era em respeitar o lugar, mas assim, eu era igualzinha a outros turistas: "Eu to pagando, eu posso". Agia as vezes com desrespeito com a comunidade local, que nem uma vez, numa viagem, a gente

estava curtindo um barzinho de rock e, de repente começa a chegar um monte de gente a cavalo, ai eu falei: "que tão fazendo aqui?" Eles não se tocam? Ai minha mãe me disse: eles estão no espaço deles, você deve respeitar. Então assim, depois comecei o curso e o meu conceito mudou, comecei a ver o quanto é importante você respeitar...

Se a gente imaginar que a maioria dos turistas não tem essa consciência, qual seria o papel do turismo, no sentido de educar para a viagem?
R: Educação pra o lazer. A pessoa deveria aprender lazer na escola. Como é, e o que significa o lazer. Eu acho que seria muito importante, porque eu só me conscientizei depois. Só ai eu fui me educar. Eu entrei para a faculdade e fui educada... você precisa agir de uma forma melhor. Se todo mundo entrasse na escola e já recebesse orientação... eu acho que todos tem essa chance de ser um turista melhor sabe... Ser um visitante melhor. Porque te deixa mais aberto para conhecer a cultura do espaço que ele tá visitando, ele aproveita melhor a viagem... Porque se você é um turista comum, você chega e vê a "Festa do Boi-Bumbá". Você só viu aquilo. Agora se você é um visitante consciente, você vai saber que aquilo faz parte de uma cultura e que é uma tradição de gerações, que tem toda uma riqueza cultural. A sua cultura muda, você se torna um visitante melhor.

Hoje quando eu viajo é muito diferente. Eu olho tudo com um olhar diferente... Quando eu viajo com meus pais eu fico: Olha pai, isso! Fico explicando... é uma coisa meio diferente, eu não sei como explicar a minha visão hoje, mas assim... É muito bom. Eu sinto que todo lugar que eu vou, eu saio de lá com um pouquinho mais de cultura.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: sabendo que eu passei por todas essas situações... Aprendizado! Você olhando para cada uma dessas fotos, você enxerga uma situação diferente e você vê que você passou por todas elas. Foi bom bom ter passado por esse mendigo, porque você percebe como é rico e pobre ao mesmo tempo. Você sai de um lugar onde você está rodeado de cultura, por pessoas que estudam e de repente sai e do outro lado da esquina tem alguém passando fome... É estranho.
Eu acho que o turismo não valoriza essas coisas. Eu acho que quando uma pessoa organiza uma viagem, ela quer levar o visitante para o que tem de melhor, ela quer impressionar, porque ela está interessada em vender e ela está interessada que aquela pessoa volte. Então, eu acho que as vezes exclui um pouco uma parte, por que é uma imagem que não vai agradar as pessoas.

Como você vê isso?
R: Eu acho que é uma realidade, não tem como excluir, eu não poderia excluir, porque não posso fazer nada sozinha, então não teria como. Sabe, se eu for levar meu grupo para conhecer um museu, mas do lado tem uma favela, eu vou ter que levar, porque aquela favela é a realidade do meu país e, acho que o visitante já sabe a realidade de nosso país, e ele deve saber disso, porque, se você esconder, é uma forma de lesar o cliente... você está escondendo aquilo... Na realidade eu acho isso importante.

Essas imagens representam mais alguma coisa para você?
R: O grupo né. Que nem, na foto *quatro*, que está todo mundo reunido. Se você pegar uma foto do inicio do curso e por essa foto, você vai ver a diferença. As pessoas todas abraçadas, com vontade mesmo, um grupo em si.

Como você acha que vocês se transformaram num grupo assim?
Nos trabalhamos juntos, as atividades relacionavam todos. Porque uma viagem técnica você não pode trabalhar sozinho, porque você não faz, então, todos têm que trabalhar junto. Se um falhar a viagem falha. Então acho que isso nos aproximou.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *três*, porque ela mostra um segurança do mercado Municipal barrando as meninas de fazerem o trabalho. Então eu acho que é importante porque, se elas não tivessem bem organizadas, acho que a gente teria que ir embora sem fazer o trabalho. Acho que se tratando de trabalho, é a número três.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto *quatro*, pelo motivo que eu já falei, do grupo. Acho que mostraria a importância de você ser um grupo, a importância de você aprender a trabalhar junto. Acho que tudo se encontra na foto quatro... Assim todo mundo junto, todos felizes por ter conseguido terminar o trabalho.

O que significa terminar o trabalho?
R: Porque é um teste para você mesmo. Você pensa: "Será que eu vou conseguir?" Porque você não sabe por onde começar, você pensa se vai dar certo, se vai se sair bem... Quando termina você fala: "Nossa, eu fiz!"

Porque é importante se sair bem?
R: Porque tem o nome da Universidade a zelar, além do meu próprio nome. Hoje eu sinto que sou alguém dentro do curso. Eu não sou aquela pessoa que entrou, que tava nomeio da multidão. Eu sinto que eu me destaquei de alguma forma. E além de ter me destacado eu acho que eu fiz com que o curso se destacasse um pouco mais, porque quando você tá ali... Me perguntam: que curso você faz, de que universidade você é? Eu respondo sou do turismo na Uniso. To representando minha escola, eu to representando meu trabalho, por isso que é importante você se sair bem.
Eu me apaixonei pelo curso sabe! No primeiro semestre eu estava na dúvida se tinha escolhido certo. Eu entrei na faculdade por pressão dos meus pais. Eu não sabia o porque de turismo e, no decorer do curso eu fui descobrindo que eu me identifiquei, que era aquilo que eu queria... Eu estou adorando.

Como é a volta para a sala de aula?
R: Fica a sensação de você chegar e poder discutir. Olha eu aprendi isso! A viagem me fez crescer nisso... E daí você fala de situações que nunca havia passado na vida. Várias coisas... Você tem muito que falar. Você aprendeu, você sabe o tá falando.
Discutir teoricamente é importante, porque você lê depois aprende na prática. Sem uma base teórica você não consegue a prática.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Deveria ser a maioria das vezes voltada para cultura, porque é uma base que nós não temos. Todo mundo quer aprender tudo, mas ninguém pensa em aprender a entender o que você tá vendo, a observar um quadro. Então, acho que é disso que nós precisamos.
Acho que da forma como nossa visita foi conduzida é legal, porque fez com que a gente ficasse empolgado em fazer aquilo. Você vai corre atrás! E a escolha é da pessoa para fazer as atividades. Eu acho que foi dado o cargo certo para pessoa certa. Então, eu acho que dá forma como foi conduzido.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Não... Não teve. Porque eu acho que a viagem foi bem planejada, tanto quando fomos sozinhos para pesquisar, foi tudo bem planejado assim... Acho que nós imaginamos que fosse ser mais difícil... Acho que o mais inesperado foi conseguir a entrevista com o Curador do Masp, porque até hoje ninguém conseguiu. Então foi uma coisa assim... Mas foi boa.

Aluna: JULIANA MAYURI
Ingressou em 2004 e está no 3º Período do Curso de Turismo (22 anos)

Das viagens técnicas o que ficou na sua lembrança?
R: São Paulo, correria, desespero, agonia, aflição... Nossa! No grupo, assim... Ainda bem que estávamos super unidos, se não, não ia sair. No começo assim, que nem... o trabalho de destinações que já foi um trabalho difícil. Depois já começamos a fazer a Viagem Técnica.
Por ser o primeiro ano, pra gente foi difícil né! Ainda, não conhecia ninguém, até se entrosar... Mas ai a gente escolheu melhor a segunda viagem

Você quis dizer, escolheu melhor o grupo?
R: Sim, o grupo... Daí foi melhor. No meu caso, fiquei super desesperada porque eu era muito "mó" tímida. Ainda sou... Nossa, dava branco, ai na hora eu ia falar, mas não saia, mas ai agora eu acho que eu aprendi muito! Desde São Paulo, de "Destinações", tudo...

E que outras lembranças você tem da viagem técnica?
R: Nossa... Muita coisa!

O que, por exemplo?
R: A união da classe, depois do trabalho parece que a classe ficou mais unida, ajudou a gente a crescer mais, todo mundo junto.

E o que você acha que fez vocês amadurecerem?
R:O fato da gente sair daqui né, ir para outra cidade, uma cidade bem maior, mais movimentada, cheia de carro passando e o pessoal tendo que acompanhar tudo junto.

Ir a São Paulo supunha fazer que tipo de coisa?
R:Apresentar...Mostrar não só para a professora, não só para classe, mas para gente mesmo, para aprender o que é São Paulo...

Das viagens realizadas qual foi a mais significante para você?
R: Para mim foi São Paulo, porque em Parati a gente... A professora orientou mesmo, não pegou tanto no pé assim, que nem né, em São Paulo. Em São Paulo a gente teve assim, mais orientação. O professor pegou mais no pé, foi mais assim... Puxado.

E a viagem de São Paulo, tem que tipo de complexidade na tua opinião? Que tipo de coisa que a viagem de São Paulo teve que você gostou mais?
R: Ah, o fato de a gente ter um roteiro né, já pronto, porque, lá em Parati a gente foi, mas um foi para cá outro para lá, pesquisar as suas coisas. Em São Paulo não, todo mundo se uniu para formar uma coisa só. Acho que por isso que marcou mais.

E das Viagens para São Paulo, você prefere qual das saídas?
R: Eu preferi a segunda, porque na primeira foi assim mais... Nossa a primeira! Na segunda todo mundo se soltou mais, já fica mais né, menos nervoso.

Tecnicamente, o que você acha que aprendeu com a viagem?
R: Eu aprendi muita coisa! Tipo, restaurante, foi muito difícil achar... Ônibus, também...O Chico nossa! Dava para ver assim e aprender bastante também. Bem na hora, acho que da primeira saída, que deu meio errado, na segunda, assim o desespero deles, nossa! A gente nossa! Imagina se acontece com a gente? A gente vai aprendendo a manter a calma.

A técnica da viagem é importante para o aluno do curso de turismo?
R: Ah! É essencial né. Se você não aprende isso, como você vai... Ta ligado em tudo né! Se você não aprende isso, como você manda alguém viajar, muito importante.

Você viajava antes de fazer o Curso de turismo? Qual era a sua compreensão da viagem antes de cursar turismo?
R:Antes eu viajava bastante. Eu ia nos lugares e ficava nervosa por causa do atendimento, assim. Nossa, dá para atender mais rápido? Ficava nervosa assim... ai depois, eu entendi né! Eu como turismóloga tenho que ter mais paciência, mais calma. Hoje eu me coloco no lugar da pessoa. Imagina se eu tivesse no lugar dessa pessoa. Se eu trabalho com isso num hotel, alguma coisa assim! Ficava reclamando, agora eu entendo, vejo que não é bem assim.

O que você pensava sobre a viagem?
Vamos viajar? Vamos! Só que viagem... Viagem... Não sabia que tinha todo um processo. Não sabia que era complicado, complexo. Pensava que era: vamos pegar o carro e vamos embora!Mas não, tem todo um... Né.

Minha visão mudou totalmente, ainda mais depois da viagem que a gente fez. Ai eu vi que não era assim... Meu Pai disse: Você mudou né?

Em que você acha que mudou?
R: Eu acho que antes eu nem falava com ninguém... Quando eu tinha que saber alguma coisa, eu ficava quietinha... Agora eu já vou perguntando, pedindo informação.

E hoje, qual é a tua compreensão sobre a viagem, depois de uma no de curso?
R:Eu não sei explicar, mas acho que o profissional tem que ter muita responsabilidade. Tem que saber lidar com as pessoas, tem que saber... Tem que ser responsável com o lugar.

O que esse conjunto de imagens representam para você?
R: A experiência vivida, tudo o que a gente passou... Roteiro, passagem da nossa vida... Nossa vai ficar marcado! Foi muito legal esses dias, assim...Nossa, eu tenho um monte de foto em casa.

Porque ficou marcado? O que é marcante?
R: Eu nunca imaginava estar lá apresentando um lugar para um monte de gente, para uma professora. Nunca imaginei ta lá. Eu explicando... Nem ir em tantos lugares num dia só, nunca imaginava conseguir fazer um roteiro assim.

E os lugares te impressionaram?
R: Impressionaram, porque são lugares assim, que você passa e não observa direito, você não estuda, depois que você ta lá ouve explicações que, nossa! Você diz ai que bonito né! Mas você não sabe a história, o que aconteceu, porquê... Depois que você entende, você gosta mais assim... E é um roteiro que não é qualquer um que faz assim... É muito difícil fazer.

Qual dessas fotos você escolheria como mais significativa da viagem que você fez e porquê?
R:Eu gostei mais da foto *quatro*, porque está mostrando a classe inteira, a união da gente. E nossa! Eu lembro direitinho desse momento... Eu lembro de todos assim... Mas este marcou mais.

O que mais você pode extrair desta foto?
R: Fora a união da gente. Muita coisa assim... Ah, porque eu lembro direitinho, assim né. Uns aqui, uns ali. O pessoal tudo espalhado: "Vamos juntar, vamos juntar!" Ai, até juntar todo mundo, o trabalho que deu! Nossa eu lembro direitinho!

E porque o grupo é significativo?
R: Ah, porque quatro anos juntos, vão significar muita coisa. São colegas assim, que futuramente podem ser... Parceiros ou até mesmo profissionais, ou não... Hoje estamos juntos, amanhã pode ser que não.
No começo era meio desunido e tal. Depois desse trabalho acho que uniu mais, porque obrigatoriamente a gente tem que conversar entre a gente e tal...

Você acha que o grupo conseguiu o que?
R: Nós conseguimos assim... Nossa no final, comemoração assim... Foi marcante! A gente aprendeu muito, acho que...

O que vocês conseguiram aprender?
R: Ah! A montar viagem. Nós crescemos também, aprendemos muita coisa assim... Nunca ia imaginar que eu ia montar um roteiro né! Nunca imaginei... Muito menos apresentar um lugar para pessoas assim.

Se você tivesse que escolher uma dessas imagens para ensinar a alguém sobre a importância da Viagem Técnica, qual delas você escolheria e porque?
R: A foto *cinco*. Porque aqui ta mostrando assim... A Michele falando e esses dois: O Fabinho e o André estavam no grupo, mas eles estavam meio "dispersados" assim...O que não pode acontecer. Tipo, eles não estavam dentro do trabalho, parece que tava só a Michele e eles dispersados, coisa que não pode acontecer.

E o que significa o contrário disso?
R: Ah! Significa que tem que todo mundo está participando. Ficou claro que só ela participou.

E como foi a participação dela, no seu ponto de vista?
R: Ela foi super bem assim... Eu me surpreendi né! Por ela ser assim, meio desligada. Faltava aula. Ai, chega lá na hora, começa a falar, falar tudo! E deixar os dois assim, né...

E que você acha que os outros dois alunos aprenderam?
R: Ah! O desespero deles assim... Nossa, será que a Jak vai "xingar" a gente? "Meu Deus", Nossa! Acho que o André nem tanto, ficou mais assim, quieto fingindo que nem tava lá e o Fabinho, ainda tentou. Ficou querendo falar, mas não saia, porque ele nem sabia o que falar.

Você acha que era só uma questão de ter uma imagem diante da professora, ou você sentiu que tinham outras coisas que importavam, naquele momento para eles?
R: Eles ficaram com vergonha dos colegas. Porque todo mundo foi super bem. E o grupo deles foi meio assim... E a Michele falando, falando e eles dois lá, com cara de sei lá...

Como na sua avaliação deveria ser uma viagem Técnica?
R: Pesquisar os lugares, montar um roteiro, fazer negociações com o ônibus, restaurante. Por isso que tem que estar tudo "organizadinho". Que nem, a gente teve trânsito, o nosso restaurante deu errado, porque o preço tinha mudado de um dia para o outro. Tem que tá tudo meio certinho, organizado. Porque se não, não sai. O nosso saiu, porque teve toda organização. O ônibus também. Se atrasasse, dava tudo errado no roteiro. Ai seria responsabilidade de quem está organizando, quem tá fornecendo para gente.

É só uma questão de responsabilidade. Tem como controlar esse processo? Existe alguma forma de controle?
R: É difícil controlar, porque acontecem coisas que você nem imagina que podem acontecer. Vai que um passageiro chega atrasado, vai que o restaurante ta cheio... Sei lá, algum imprevisto. Tem que estar sempre preparado. Isso é o mais difícil.

O que você aprendeu que te pareceu inesperado? Existiram situações inesperadas que contribuíram com o seu processo de aprendizagem, durante a viagem técnica?
R: Aprendi a compreender mais as pessoas, assim, que antes eu era mais... Nossa! Num tinha paciência e agora eu to tendo mais paciência, assim, pelo fato de ter visto pessoas nervosas, desesperadas, chorando... Imaginei se eu tivesse que viver isso. Comecei a compreender mais as pessoas e... Nossa, eu vi pessoas, tipo a Michele... Nunca imaginei que ela fosse falar tanto. Se ela consegue, eu também consigo! Ai eu fico vendo, vou tentar me esforçar mais ainda. Que nem, antes do "Destinações" eu tava muito né... ai em São Paulo eu tentei me soltar mais, ai se tivesse mais uma, vou tentar mais ainda.

E que outras coisas você conseguiu aprender? Você se surpreendeu com alguma coisa e isso te fez aprender?
R: Com certeza. Agora as pessoas vêem e falam comigo. Fiquei mais comunicativa.

O que você acha que o grupo aprendeu?
R: Ser mais maduro, a não levar tudo na brincadeira, levar as coisas mais a sério.

Aluna: JESSÍCA PEDROSA
Ingressou em 2004 e está no 3º Período do Curso de Turismo (19 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: O antes foi o principal na minha opinião, foi primeiro a surpresa de ter a viagem técnica. Quando a professora disse vai ser assim... a gente logo se espertou, por que vimos que íamos ter que ralar mais que no "Destinações", a gente ia ter que se superar. Então quando os grupos foram divididos, ai, a princípio todo mundo se pela de medo, mas depois vai indo... Quando tá chegando no final ai vem a correria. Isso marca muito! Todo mundo se saiu bem, conseguiu cumprir e daí depois tem os espaços, cada um apresentando o seu, a pesquisa, o durante a viagem. Para mim o que ficou marcado foi a superação das pessoas, umas coisas inesperadas que aconteceram e como as pessoas conseguiram resolver.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A de São Paulo. Assim comparando com outra, a gente vê a diferença de organização, do nível que a gente tinha, então marcou mais. Mais detalhes... Na visita de São Paulo a gente teve tempo para pesquisar e quando a viagem foi realizando a gente viu o resultado daquilo que a gente fez e aprendeu, ao mesmo tempo com tudo aquilo que os outros alunos estavam fazendo, pois cada um tinha um papel específico. Em termos culturais e de aprendizagem para gente foi mesmo marcante.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Em primeiro lugar, foi como se comportar em público, com um grupo de pessoas, depois como sair de situações complicadas, inesperadas. Se você não raciocinar rápido você não resolve. Por exemplo a minha função era trâmites oficiais, eu aprendi bastante... A gente organizava tudo que fosse necessário para os grupos em relação a documentação oficial, em relação aos espaços, ao ônibus, as pessoas, eram ofícios, declarações... Se não soubermos oficializar os espaços, se não aprendermos a burocracia, não conseguimos ir. Existem muitos tipos de organização, você vai aprendendo na prática. A princípio não é fácil, depois a gente aprende no desenrolar.
Aprendi com o pessoal de fotografia, filmagem, transporte, gerenciamento, alimentação... O que mais aprendi foi sobre transporte, porque eles foram demais! A negociação deles com a empresa, com a Universidade e os problemas que eles tiveram com o ônibus na segunda visita, como eles resolveram, como eles organizaram tudo. Em segundo lugar as meninas que fizeram a fotografia que também foi muito legal, quando elas começaram a organizar o trabalho, quando foram a São Paulo, fizeram a documentação durante a visita e depois prepararam uma exposição, a técnica que elas usaram...

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Viajava sim. A minha compreensão era de curiosidade, mas era simples, era a concepção de um viajante assim, simples. Eu ainda não tinha aquela visão da viagem em si, era sempre à passeio, sempre visitando parentes que moravam fora.
Hoje eu avalio com uma visão mais crítica. Além da curiosidade, ir conhecer culturalmente, tá adquirindo coisas novas. Eu sempre procuro ver o que está acontecendo por trás assim, do que eu estou visitando. Como está sendo desenvolvido o turismo, porque as coisas são daquele jeito, eu procuro ir nas Secretarias de Turismo das cidades que eu vou. Quero obter detalhes, fico querendo saber se o lugar está se desenvolvendo de forma correta.
Agora eu procuro sair mais. O meu perfil de viagem também mudou bastante. Antes eu só queria lazer. Hoje eu procuro conhecer mais. Gosto da parte cultural e ambiental. Cachoeira, trilha...
O Curso acaba influenciando na mudança da gente, porque quando você entra aqui, você passa a ter uma visão mais ampla das coisas e mostra que podemos obter dos lugares, coisas diferentes. Isso desperta a curiosidade para fazer coisas diferentes. Nisso contribui bastante...

Você já havia freqüentado os lugares da Viagem Técnica a São Paulo?
R: Alguns eu já tinha ido, já tinha feito outras visitas técnicas também, mas não era meu hábito freqüentar museus. Essa coisa foi muito interessante, hoje eu tenho vontade, mas nem sempre eu posso.
Quando a gente visitou estes lugares, em termos de conhecimento, aprendemos muito e isso contribuiu para que a gente queira conhecer a fundo os locais.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Olha, muito esforço do grupo, pela realização do nosso trabalho.
Foi uma realização própria de cada um. Todos se esforçaram e se empenharam e a gente viu o resultado realizado do que a gente pensou... E agora nosso dever foi cumprido!

Qual o significado de dever cumprido?
R: Primeiramente em relação a cada um. Porque cada um tinha uma meta, então cada um conseguiu atingir a sua, em segundo plano, a gente tinha que cumprir a atividade curricular, avaliação etc. Todo mundo fez um bom trabalho, então por isso o dever cumprido.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *três*, por que as meninas do grupo do Mercado Municipal, elas eram o grupo das "quietinhas" da sala, não apareciam, e no trabalho elas se mostraram e elas estavam lá aparecendo, e elas tinham o domínio do trabalho. Quando aquele segurança apareceu falando que a gente não podia estar lá. Ele não sabia que elas tinham autorização, elas resolveram sozinhas a situação, elas se sobressaíram. A apresentação delas foi muito boa... O jeito que elas fizeram a apresentação, a organização delas, a escolha dos locais da apresentação. Para mim chamou muita atenção, por como elas foram minuciosas.
Todo mundo parou e prestou atenção nelas, por que elas chamaram atenção do grupo.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto *dois*, pelo modo que o Francisco trabalhou a viagem técnica. Foi surpreendente para gente, ele vestiu um colete, se colocou a frente para desenvolver o melhor... Eles eram responsáveis pela segurança da gente... Foi legal.

Porque o perfil do grupo do Francisco é importante na viagem técnica?
R: Eu entendo que seja pela organização deles e o modo como fizeram tudo, eles tomaram a frente... Eu não vi brechas no grupo deles. Eles se colocaram da melhor forma possível para favorecer a gente... É por isso.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: A organização é fundamental, as coisas têm que ser pensadas de forma metódica. As informações técnicas são fundamentais, tudo que vai necessitar, todas as informações possíveis dos espaços, o que se vai fazer e como.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Individualmente eu aprendi a trabalhar melhor em grupo, por isso vinha sendo um problema para mim. Dessa vez, quando um discordava, a gente ia aprendendo a resolver isso entre a gente e com os outros grupos. Em termos de convivência eu aprendi bastante. Aprendi a me controlar mais nas situações adversas, aprendi a andar em São Paulo. Isso me enaltece.
A gente viu o processo de amadurecimento das pessoas. Antes era um oba-oba, algumas pessoas não sabiam o que queriam. Então com a viagem, as pessoas vão tomando consciência das coisas futuramente. A gente vê as pessoas procurando, aprendendo com isso, a gente vê que as pessoas vão se interessando mais vão crescendo com o trabalho.

Na sua opinião de quem é o mérito da realização desse trabalho?
R: Primeiramente é nosso. Acho que primeiro fazemos para nós mesmos e depois fazemos pelos outros. Mas acho que todo mundo queria mostrar um trabalho, queriam mostrar que estão no curso e não é brincadeira, que a gente viu que podia melhorar. Ai tem que fazer a coisa direito...

A viagem técnica contribuiu com esse processo?
R: Contribuiu porque com as atividades técnicas, na prática, é que a gente vai aprender, que a gente vai saber, porque a gente vai estar lá. Vamos ter que negociar, vamos ter que fazer tudo... Se não a gente fica só na teoria e não vai saber fazer na hora.
A gente vê na teoria é uma coisa e na prática é outra. A teoria dá uma boa base, mas é na prática que a gente vai aprender a lhe dar com as situações reais.
Depois que a gente volta para a sala de aula é diferente, porque se outro professor fala alguma coisa a gente pode estar debatendo mais, porque a gente já tem uma vivencia maior.

Aluno: FRANCISCO
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (22 anos)

Das Viagens Técnicas o que ficou na sua lembrança?
R: Cada viagem que a gente fez foi única, porque em um ano, o pessoal do primeiro ano sempre tem aquela "panelinha", aquela desunião. As vezes não conhece o outro, não faz questão de conhecer e fica aquele clima frio. Cada viagem que a gente faz é uma integração com a sala. Usando exemplos, a viagem de Parati e principalmente as viagens para São Paulo, que os grupos foram quase se obrigando a interagir para pode ocorrer a saída.

O que você chama de obrigatório?
R: É que na viagem de São Paulo, a função de cada grupo dependia do outro para o trabalho progredir. Então uma responsabilidade com os próprios alunos que a gente tinha. Então essa responsabilidade gerava mais comunicação. Você tinha que conversar com a pessoa senão, se não você não ia progredir. Então gerava essa relação entre o pessoal da sala e com isso a união ia aumentando e no final cada viagem essa relação melhora.

Por que o grupo é importante?
R: Porque a gente vai trabalhando junto, a gente vai ta aprendendo junto, então é nesse clima que a gente vai reconhecendo que não tem ninguém que sabe mais que a gente, entendeu? Cada um é diferente do outro. Independente de quem é o aluno "CDF" ou o pior aluno da sala, a gente tem toda uma dificuldade para ir aprendendo junto. A gente vai conhecendo um ao outro. Então a gente aprendendo junto, isto é, a gente vai avançar muito mais fácil, muito mais gostoso, a gente vai estar num clima agradável junto com nossos amigos e acho que isso é fundamental no aprendizado, num grupo, numa sala de aula.

Que outras coisas você lembra da viagem técnica?
R: Aprendizado né, a técnica, coisas que a gente achava que era tipo simples, tão prático e a gente percebe que cada detalhe é fundamental, que se a gente não prestar atenção em coisas tão simples, tão práticas, como falar com o motorista do ônibus, como ir negociando o roteiro com ele, como pode fazer a diferença.
Tem também o interesse em pesquisar, e isso já falando da parte do espaço, da apresentação do espaço. Como a gente tinha um grupo de quatro meninas que a classe toda sabia que elas eram "CDF" e iam fazer uma apresentação muito boa, muito legal. Todo mundo esperava muito delas, então, eu com meu grupo pensamos assim, vamos mostrar que todo mundo pode fazer um trabalho bom, é só querer! Então a gente começou com o nosso grupo, a reunir várias vezes e dizíamos: vamos fazer, vamos fazer. Então a gente melhorou, usando nossa criatividade, querendo fazer melhor. Formou um tipo de uma competição, uma coisa gostosa entendeu, nada de uma rivalidade, era uma coisa agradável e independente do grupo delas ou de qualquer outro grupo, e então, como é que a gente fez? A gente foi pesquisar, foi aprender o que tinha para aprender para fazer entrevistas, que tipo de entrevista. Fomos procurar gente para ajudar, a gente foi procurar livros., foi procurar outros professores que podiam ajudar. Então essa técnica, esse interesse da gente, entendeu? Então são vários fatores que a gente vai aprendendo nesse trabalho.

Das viagens realizadas, para você qual foi a mais relevante?
R: Sem dúvida, a viagem para São Paulo. Especialmente a segunda, porque basicamente o seguinte, eu pude perceber diferença com... Hoje eu posso fazer uma comparação com a viagem para Parati, na organização. O perfil da organização. A de Parati não teve uma apresentação muito detalhada para nossa sala. O que a gente ia fazer lá, quais eram os horários, tudo... Eram só anotações assim meio por cima entendeu? Já comparando com essa de São Paulo, os detalhes foram muito bem mais claros. Não deixou muitos "buracos". Então isso facilitou muito e aí quando chegou na hora de fazer, de por a mão no desenvolvimento e na apresentação facilitou muita coisa entendeu? E não tinha como falar que não sabia.
Então é justamente isso, não tinha como falar que não sabia. Foi avisado, entendeu? E isso é fundamental, que eu senti muita falta disso em Parati. A GENTE FICOU MUITO MAIS LIVRE EM Parati, por causa disso, e então, a viagem de São Paulo para mim foi mais importante. Porque a gente foi com um intuito de trabalhar, não de se divertir propriamente, a gente fez um papel e...

O mais significativo foi a parte Técnica?
R: Não. É que é assim, a gente precisa fazer um trabalho bem feito, não por nota, não pelo professor. É pelos alunos, pelos nossos amigos, pelos nossos companheiros. Então a gente sente assim responsabilidade com eles. Então a gente quer fazer um trabalho bem feito. Mas como é que a gente vai fazer uma coisa na prática, se a gente não sabe, entendeu? Então a gente tem que estudar antes, pesquisar, interesse, comprometimento né. E você ta ali no meio, é você ter iniciativa própria, é você querer aprender a poder fazer. Às vezes a gente nem se toca disso, nessa formalidade, nessa regrinha: aprender! O que aconteceu nesse trabalho é que a gente teve que ensinar como ser um Guia de Turismo, então a gente teve que procurar saber como é que a gente vai falar em público e várias outras coisas.
No nosso grupo tinha um indivíduo, que ele tinha dificuldade para falar em público, e então alguns dias antes a gente saia da sala de aula assim, e a gente ficava ensaiando, agente colocava ele lá na frente, a gente ficava olhando para ele assim e ajudando, claro, e ensaiando e então, ele ficou muito mais desinibido, o medo dele, a aflição dele... A gente foi se alimentando junto.

Tecnicamente, o que você aprendeu com a viagem técnica?
R: Com as dificuldades que a gente passou, no desenvolvimento, a gente teve que aprender meio... Não teve professor lá na frente, vocês vão fazer assim e assim! A gente teve que procurar em livros ou em outros professores, com a própria professora. É como a gente teve que fazer para descobrir pequenos detalhes, determinadas informações.
Não teve aquela pressão de nota, não teve alguém falando, a gente teve que fazer por conta própria. A gente tinha que aprender detalhes técnicos, como comunicação, a gente teve que marcar horário para fazer entrevistas com o Assessor de Imprensa do Centro Cultural Banco do Brasil, as formalidades, como é que a gente vai mandar um ofício para lá, como a gente vai tratar de toda essa papelada!

Qual era a sua função técnica?
No caso do transporte, que é a que todo mundo fala que é a mais difícil. Por que tem que fazer o que? São muitos detalhes, e todo detalhe tem que sair perfeito. Uma rua que você entre errado, você comete um erro grave, pois outros dependem de você.
Tínhamos que montar todo um roteiro, todo um itinerário e tem, claro, que ir várias vezes, ver melhor acesso, tem que combinar com os horários de funcionamento dos espaços.
Então, é uma integração geral. Então a gente fica: vai afetar o trabalho deles... e o que eles fizerem, vão ter que ta passando para a gente, uma negociação, para ver o que dá para fazer, então essa questão de rota é muito complicado.
Tinha que decidir quais lugares ficavam para a primeira viagem e quais ficavam para a segunda. Como ninguém entendia do assunto, fomos perguntando. A gente foi procurar um motorista de Van, que conhece bastante São Paulo, então ele ajudou a fazer isso, perguntamos para outras pessoas, sempre com um mapa na mão, com internet, com computador, sempre né?
Eu também nunca tinha visto a função de animação, no caso o grupo de recreação que animou o ônibus para a viagem não ficar monótona. Foi super interessante e fundamental, muito legal mesmo. Isso faz passar o tempo, isso deixa o pessoal mais aberto, mais unido, sei lá...
A fotografia também, afinal são momentos né, que a gente não vai nunca mais... cada momento é um momento, agente nunca mais vai voltar a fazer a mesma coisa do mesmo jeito, com as mesmas pessoas, então em qualquer viagem fotografia é legal.
Parece que essas funções de fotografia, transporte, animação não têm nada haver, ligado um com o outro, mas cada grupo tinha ligação. Como por exemplo, o Gerenciamento que cuidava de todo mundo e da orientação geral, dependia da comunicação entre os grupos para dar informações gerais.

O gerenciamento da viagem estimulou aspectos éticos para a viagem?
R: Compromisso... o compromisso que a gente teve com a gente e com os lugares, com o que a gente tava fazendo, porque ali a gente podia errar até um certo ponto. A gente tinha um compromisso de fazer bem feito, para os nossos amigos, ou para quem fosse, é uma coisa que a gente tem que fazer lá fora também.
A gente tinha aquela responsabilidade de falar, apresentar os espaços. Vários grupos ali tiveram... Eles estavam apresentando com um guia do próprio espaço ao lado deles. Então se eles falassem alguma coisa errada, eles iam ter essa pressão. Então é uma coisa que você tem que botar na cabeça e não inventar nada. Tem que ter certeza do que ta falando.

A gente aprendeu também que em alguns lugares não pode bater fotos, muita gente não sabia disso. Entendemos que algumas regras são fundamentais para existência do espaço, para manutenção das obras, então, por exemplo, estou falando de ética neste sentido.

Você viajava antes de fazer o Curso de Turismo? Que tipo de compreensão você tinha da viagem antes de cursar turismo?
R: Eu não tinha muito costume de viajar não, viajava mais para lugares próximos daqui. Principalmente litoral. Viajava sempre com meu pai e minha mãe ou com amigos da escola. Não tinha muita iniciativa própria. Para mim, viajar era só lazer, um passatempo, um passeio qualquer, uma coisa sem muita importância. Com um ano de curso aqui, quanta coisa que passou, quanta coisa que a gente aprendeu. Sem dúvida nenhuma mudou muito minha opinião.(Francisco).

Em que muda sua opinião, como você percebe a prática da viagem hoje?
R: Conhecimento, antes, durante e depois. Antes você tem que saber para onde está indo, para você não dar passos falsos, você tem que saber onde é que você ta indo, para você ir nos lugares, saber o que pode e o que não pode fazer, e o que levar e o que usar, o valor cultural que você leva de lá. Eu acho que isso é muito importante.
Contato com outra cultura. Acho que o simples fato de a gente ir daqui para Parati, por exemplo, pessoas diferentes, um jeito de falar diferente, um espaço diferente, costumes diferentes. Um deslocamento não tão distante, já mudou muito, a gente percebe quando conversa, agente sente uma diferença, é o que a gente aprende lá, uma comunicação com outras pessoas.

Você viaja diferente hoje?
R: Eu estou arriscando mais. Gosto de uma coisa assim, meio aventura. Mudou minha idéia, eu pretendo conhecer mais lugares, não para me divertir só, para passear, eu vou para conhecer.
O que me chama atenção agora são coisas novas, gente nova, expansão, independência, para mim acho que é mais independência.

Que outras coisas o curso provoca?
R: Respeito! Turistas, lixo na rua, lugar que nem é dele. Uma tremenda falta de respeito. Até o jeito dele se vestir, será que respeitou os costumes? Só porque a gente ta visitando, não quer dizer que a gente seja "Rei". Se a gente é um turista, então a gente está aprendendo com eles, a gente também pode ensinar. Eu sinto essa ética.

O que esse conjunto de imagens significam para você?
R: Essa é a história de uma aventura, uma coisa louca, como é que a gente que nunca teve fundamentos, nunca teve experiência para fazer uma coisa dessa, agente se mete por exemplo, eu mesmo, a segurar um trânsito para turma passar? É uma coisa que eu nunca fiz na vida. Nem sei se era necessário assim... Mas sei lá, me deixou muito mais a vontade.
Acho que cada foto dessa, inclusive a *número seis*... Eu passei por cada um desses lugares, eu tava no dia que essas fotos foram tiradas, e sei lá, dá uma emoção super legal, agente se sente no dia em que a foto foi tirada...

E o que essa foto seis significa para você?
R: É aquele negócio, o contraste, agente foi a lugares bonitos, lugares históricos de uma cultura, de uma história bastante interessante e, em contraste com isso, um mendigo deitado numa calçada... Em muitos lugares do centro de São Paulo nós vimos coisas assim. Afinal estamos numas das maiores cidades do mundo. "A gente viu realmente isso". Em São Paulo a gente vê tudo, desde lugar muito "chic" até uma miséria junto da gente.

Que relação essa foto tem com o turismo?
R: É a questão da sensibilização, a gente não deve olhar só o que é bonito e agradável, agente tem que reconhecer da onde a gente tá vindo, quem que a gente é, como é nosso país. A gente não pode pensar em mudar o mundo, sem antes pensar em mudar nosso país, eu penso assim!
Se a gente conseguir mudar nossa visão, se a gente começar pela nossa sensibilização, eu acho que já é um grande passo, acho que quem ta próximo da gente vai sentir isso.

A gente tem que ver os lugares do jeito que são, não do jeito que a gente quer ver, temos que aceitar um lugar como ele é, ver um espaço, não ser superficial. A gente tem que tentar compreender, vê de onde veio, qual é a história, tentar viver um pouco daquilo, sentir, e não abrir os olhos somente para o que a gente quer ver.

Como você acha que o turismo mostra os lugares para o visitante?
R: Não como deveria, principalmente o turismo de massa, parece que a gente ta dentro de um "aquário", ta protegido de tudo- ar-condicionado –Calor na África, ar-condicionado, água gelada, com tudo que é de mais confortável, mais chic. Tem gente que gosta disso, eu não gosto disso, e acho que o turismo faz isso.

Então você acha que fazendo uma viagem dessas, não se vive o lugar?
R: Você só viu, acho que você não viveu! Você não teve tão próximo, como você poderia estar, acho que ia conhecer muito mais, você ia estar adquirindo muito mais experiência e conhecimento.

Se você tivesse que escolher uma foto com a mais significativa da viagem que você fez, qual você escolheria?
R: A foto número *cinco*, por que a foto mostra bem, um momento polêmico da viagem, que um grupo que o pessoal da sala não esperava muita coisa deles, porque o grupo em si não trabalhou muito bem. Só que a pessoa que a gente menos esperava que fosse dar conta, ela se matou de tanto estudar de tanto ler sobre o espaço dela, que chegou no dia dela, ela apresentou para a classe inteira, ela estava a vontade para falar e como mostra a foto, nem todos estavam. Acho que a foto demonstra bem, que quando se quer fazer, não se depende do que as pessoas pensam. Surpreendeu bastante a apresentação dela.

E o contraponto deste grupo afeta a proposta do trabalho?
R: Na possibilidade da aprendizagem que a visita tava se propondo, até o ponto em que estávamos pensando em chegar, o comportamento do grupo afeta as possibilidades de aprendizagem não só do grupo, mas da classe toda. Isso é um jeito da gente compreender também o nosso processo de aprendizagem.
É aquele negócio da responsabilidade. Eles estavam vendo como que os outros grupos estavam apresentando seus espaços, então eles, ao verem que não tinham nada em mãos, não tinham fundamentos, dá para imaginar como é que lês ficaram né? E é, claro a sala ficou esperando mais deles né, mas pelo grupo não ter trabalhado em conjunto, deixar a desejar...

E o que dá para aprender diante dessa situação?
R: Eles não são julgados por isso, eles estão numa sala de aula, eles estão aprendendo, eles estão apresentando para a classe deles. Então, eles não fazendo isso, não é um drama tão grande assim. Eles podem errar, só que, a gente sentiu do jeito que eles sentiram, que uma coisa assim pode afetar para quem está assistindo.

Se você tivesse que escolher uma dessas imagens para ensinar alguém sobre a importância da viagem técnica, qual você escolheria?
R: São duas. Depende se for para uma sala de aula que está estudando o assunto, turismo, por exemplo, eu escolheria a *foto seis*, que mostra bem o contraste, uma coisa que o turismo não mostra muito né? É uma coisa que eu acho que a gente tinha que procurar entender né! Como Turismólogos nós deveríamos atentar a todos os aspectos da onde a gente está visitando. Isso para uma sala de aula.
A *foto quatro*, que foi batida no final da viagem do último dia, o pessoal tava cansado, mas bem unido, as panelinhas tinham sido quebradas, muita gente mudou sua opinião sobre outras pessoas e a foto mostra bem como a gente pode ficar mais unido, depois de uma viagem.
Apesar de todos os problemas, os conflitos e problemas a gente teve sorriso. Conseguimos, vencemos, todos juntos conseguimos ir até o fim, sem graves problemas.

Na sua avaliação, como deveria ser uma viagem técnica?
R: Acho que a parte mais importante são os primeiros detalhes, o ponto inicial, quem ta explicando como deve ser o trabalho, no caso o profissional tem que dar todos os detalhes possíveis, tem que ser muito bem organizado, isso para não deixar espaço em branco. Para não dar motivo que o aluno não sabe o que tem que fazer. Parati não teve isso, muito detalhamento, só algumas informações por cima, chegando lá, e a viagem não foi tão proveitosa na questão da pesquisa em si.
O pessoal se divertiu bastante, só que a pesquisa não foi bem estruturada, os alunos não foram com o intuito de pesquisar, de trabalhar lá, foram mais se divertir. Na de São Paulo a gente sentiu a diferença, porque

durante todo o processo de desenvolvimento, além da parte inicial da explicação, durante todo o processo, teve alguns comentários, algumas coisas, teve um processo de explicação, tava tudo bem claro o que era que a gente tinha que fazer, tudo que a professora esperava que a gente fizesse.
Acho que tem que primeiro pesquisar um pouco das viagens que já aconteceram. A gente começou por isso mesmo, procurando saber com os outros alunos o que já aconteceu com eles, daí partir para uma coisa bem mais teórica, conhecer...Referências bibliográficas do espaço que a gente for apresentar e em paralelo com isso a gente deve atentar para nossa função técnica, pois é uma coisa prática.
Acho importante também fazer no final o "feed back" - Essa discussão que eu achei muito interessante porque teve coisas que o pessoal falou que eu não esperava, que ninguém tinha se tocado – mas na hora da discussão depois da viagem nos continuamos aprendendo.
No nosso caso, foi uma corrida contra o tempo, porque a gente tem que se virar, a gente tem aquele apoio, só que a gente sabe que ninguém vai dar para gente prontinho, então a gente tem pouco tempo para fazer uma organização. Então é uma pressão. Agente vai procurando saber o que a gente precisa.

Você viveu situações inesperadas que contribuíram para o seu processo de aprendizagem, durante a viagem técnica?
R: Principalmente pela minha função de transporte agente teve que viver algumas situações assim. Pontos positivos e negativos. Também minha relação com as pessoas...Como é que vou chegar com motorista e negociar para sugerir a minha rota? Começa daí... A organização com os grupos, eu melhorei muito a minha relação com as pessoas, nem tanto em falar em público, mas como lhe dar com cada um.
Os conflitos, a gente estranha às vezes... Na hora de alguns problemas, como o da alimentação, a gente fica branco com "eles" por causa do problema. O pessoal da sala não ligou, pois estamos aprendendo.
Vestir aquele colete de trânsito, foi de última hora, por causa da minha função...Quando chegou lá e vi que dava para usar... Virou quase uma fantasia, mas era utilidade. Por várias vezes tive que parar o trânsito, ajudar a manobrar o ônibus – foi necessário – eu não esperava que eu fosse fazer isso.
Quanto a todos os grupos, eu adorei. Fiquei até mais feliz com a sala.

E depois da viagem, como fica a relação com as outras disciplinas? Como é voltar para a sala de aula e estudar, discutir a viagem?
R: Nós fizemos várias coisas práticas, mas isso exige um conhecimento teórico muito grande. Apesar da gente ter menos de um ano de curso, mas a gente tinha que aplicar o que a gente conhecia e buscar mais, porque não é simples como parece.
Indiretamente a questão da sociologia, tem coisa que a gente discute e não para pra pensar no dia-a-dia, só que sem essa matéria agente ia se sentir muita diferença.

Aluno: DIEGO NOLA
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (18 anos)

Das Viagens Técnicas o que ficou na sua lembrança?
R: A união do grupo, a amizade, o que a gente aprendeu, o que a gente concretizou assim... A gente se uniu um pouco mais. Tem os conflitos assim... de opinião né, porque tem uns que se empenham mais e outros menos, tem os que empurram, por isso assim... que a gente as vezes se desentende.

Das Viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: Domingo, quando visitamos a Sala São Paulo. Vê, olhar de fora não é a mesma coisa. Eu não esperava o que tinha dentro. Só tinha visto na "Hebe". Eu não esperava por aquilo, foi um choque. Parecia de outro país. Ainda por cima relacionado a música, algo que eu gosto muito. Fiquei impressionado! Ainda tinha aquela mulher tocando flauta... Nossa foi o que eu mais gostei.

O que lhe impressionou nos outros lugares da visita?
R: A ligação entre o velho e o novo. Um exemplo assim foi do Sesc Vila Mariana, um negócio moderno, e o Teatro Municipal, um lugar antigo -foi impressionante, aquela sala, aquela classe, aquele palco para apresentações – "O pessoal ficou besta"! Esse contraste assim, foi muito legal.

Eu aprendi sobre riqueza cultural, sobre coisas que eu nem fazia idéia que tinha em São Paulo. Chegava lá tipo...via tantas coisas novas, tantas coisas inesperadas...

Tecnicamente o que foi que você aprendeu?
R: Das coisas de trâmites legais, que eu não sabia que existia. Do ônibus, do roteiro, dos acessos. A gente teve até aula de primeiros socorros com o Bombeiro, que era o tipo de coisa que a gente não achava relevante... você tem que ta pensando todas essas coisas... Precaver, entendeu?
A gente aprende que tudo que a gente vê na teoria pode aplicar na prática. Também aprende com os outros grupos, que nem, o grupo que ficou responsável pela animação no ônibus – que todo mundo pensa que é fácil fazer isso, mas é uma coisa meio complicada -, mas tipo... a gente tá aprendendo, a gente tá lidando com situações complicadas. Qualquer coisa que a gente faça de errado pode "bater de frente com o grupo". Você cresce.

Como é para você organizar uma viagem?
R: Não é simples, tem sua complicação. Tipo o negócio do trâmite, que eu falei. Tipo... tem que ter idéia do que é para fazer. Tem que ta se aprofundando.
Que nem, quando a gente saiu. Por mais que seja um trabalho nosso, mas é como de verdade mesmo. Você ta na organização. Então tipo, qualquer erro... então é como se fosse...
Por exemplo, atrasar no nosso caso, ia ser uma "bola de neve", porque tinha gente com horário marcado. O meu grupo teve que apresentar em menos tempo para não prejudicar outra apresentação. Tivemos que mudar a ordem uma vez, adiantando uma apresentação, se não, não ia dar tempo, então, ia dar maior complicação.

Você viajava antes do curso de Turismo? Qual era a sua compreensão da viagem antes de cursar turismo?
R: Eu viajava, mas bem pouco. Era mais assim com meus pais mesmo, e era tipo viagem para a praia. Era mais para passar o tempo, por lazer...
Hoje é diferente... a gente começa a observar tudo diferente, desde quando você ta comprando o bilhete do ônibus, você vê como é que funciona até o ônibus... Você fica andando e pensando como é que ta funcionando, entende? É muito diferente da impressão de antes.

Você tem viajando mais? Suas viagens agora são diferentes?
R: A última vez, eu fui com uns amigos da faculdade. Foi para Cananéia. A gente pegou o ônibus aqui em Sorocaba, daí descemos para Registro e de lá para Cananéia. A gente tava com um plano para ir até Parati, a pé. A gente foi conseguindo se manter gastando R$20,00 por dia. A gente atravessou Cananéia, Ilha Comprida, Iguape. Daí fomos para Itanhaem – ai dormimos na rodoviária, dormimos na praia -, daí fomos administrando bem o dinheiro até chegar em Mongaguá. Daí em "Monga," ficamos no apartamento de um amigo, conhecemos uma "galera" e não continuamos mais...

Como surgiu a idéia de viajar a pé?
R: Eu tenho um amigo veterano aqui da faculdade que tinha viajado de "bike" nas férias - nós trabalhamos com recreação no hotel – ai a gente sempre fica conversando da viagem dele, daí falamos de um dia fazer a pé... Vamos ai eu vou com você! Ai trocamos uns mapas, tipo... Ficamos vendo um roteiro, mas era mais para ter uma idéia, por que a gente não queria nada fixo, era mais por segurança, era assim... para pesquisar o caminho que a gente ia fazer, mas não um planejamento bem aprofundado.

Planejar a viagem como aluno do curso de turismo é diferente?
R: Sim, porque, se a gente fosse viajar, estando fora do curso, o que a gente ia fazer? Montar a mala de um jeito que a gente nem ia ter idéia. Tipo, o "Destinações" deu uma ajuda para ta montando, planejando. A gente aprendeu no curso a ta enfrentando entendeu? Que era uma coisa que antes eu não tinha... Tinha medo. Agora eu... Por causa do curso, tipo, deu encorajamento para enfrentar o desconhecido entendeu? Você estar indo para um lugar que você não conhece, não sabe o que vai passar... Meu! Toma ai! Vai conhecer, vamos aproveitar. Isso ai... Ta batendo de frente!

Que tipo de aproveitamento a viagem técnica lhe trouxe?
R: Dar valor para muito mais coisas. Tipo, a gente indo lá em "Monga", a gente encontrou um "andante", ai ele tava na nossa frente, ai nos vimos ele entrar no mar, depois pegou uma garrafa de vinho, encheu de água da chuva e bebeu. Foi uma coisa pra nós... e a gente reclamando de sede! A gente só ia beber água a

quinhentos metros dali e ele bebeu aquela água. A gente dá mais valor entende? Quando a gente dorme no chão, lembra que tem cama para dormir. A gente passa a dar valor para pequenas coisas assim...
A gente também tem que ta conhecendo bem o lugar, tem que ir de verdade para o lugar. Não só ver. Tem que aprender, tem que ta conhecendo a cultura do lugar. Quando a gente viaja já ta se aprofundando mais...
Que nem, na Pinacoteca. Eu nem tinha idéia daqueles quadros todos. Um lugar assim tem que ter alguém para ensinar o que significa tudo aquilo...

O que esse conjunto de imagens significam para você?
R: A viagem! A primeira coisa que vem na cabeça é isso... Tá pondo em prática o que a gente ta recebendo na teoria. Tipo, você tá chegando assim na prática ai você pode "bater de frente" com o erro, ai já é uma coisa que você ta aprendendo muito mais.
A teoria na prática é muito diferente, porque muitas coisas acontecem. Mas você ta com mais argumento pra ta conseguindo resolver a situação.
A viagem técnica é importante, porque é mais conhecimento e para estar aplicando na prática, ta aprendendo assim...

Qual dessas imagens você escolhe como a mais significativa da viagem que você fez?
A foto quatro, que tem a "galera" inteira, porque mostra a classe toda, o espírito do último dia, o pessoal cansado, coisas assim... Muito legal...Tem um sentimento que não sei explicar. Tem um sentimento de vitória. O pessoal estava com medo, mas não era tão difícil como a gente esperava. Nós fluímos, estávamos mais *aliviados*. Fica a lembrança da gente ter conseguido cumprir... pelo menos uma parte do nosso dever assim... do trabalho mesmo.

O que você quer dizer com dever?
R: Era um dever tanto para a gente como para o professor, entendeu? Mais até para o nosso ensinamento. A gente tinha a imagem de "pô", fazer bonito para o professor.

O professor pesou mais na balança?
R: Com certeza pesa né... é lógico que é um negócio que para você pesa... Tem que tá na sua cabeça, que você tem que ta aprendendo... Pra você mesmo pesa.

E o grupo? Tem que dar conta para o grupo?
R: Lógico! Do conhecimento que você tipo, tem que ta passando, as pessoas vão aprender com você. É um aprendizado entendeu?

E como foi para você o processo de construção do trabalho?
R: Assim, foi meio complicado por causa de ser assim tanta responsabilidade. Que nem, o meu grupo de animação, o pessoal conhecia a gente... A gente não podia não fazer nada. Que nem, no nosso primeiro dia que foi meio complicado, pra gente foi difícil... Por mais que a gente já tivesse experiência né? Foi uma sensação de não ter cumprido com o seu dever. Você ficou responsável por isso e não cumpriu...

Como o seu grupo reagiu a está situação?
R: Conversamos. Aí a gente decidiu fazer a "coisa virar" Foi quando a gente teve a idéia do "Silvio Santos" e fizemos aquele esquete que todo mundo gostou. A gente tipo, começou a ver que dava certo.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto número *três*. Eu me lembrei dessa cena. De repente chega alguém dizendo: "Não, vocês não podem entrar assim!" E o grupo responsável tinha um documento comprovando que o grupo podia visitar o Mercado Municipal. O grupo das meninas cresceu muito com o trabalho... Elas resolveram sozinhas o problema, a situação... Tinha que ta embasado né!

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Ah! Desse jeito que foi, com todo mundo aprendendo junto. O grupo todo grupo tinha que buscar aprofundamento. Todo mundo sabendo tudo que ta acontecendo. Que nem, o meu grupo ficou meio perdido do resto, mas por culpa nossa, por que isso ia do interesse mesmo. Mas o que aconteceu? A gente tava meio

perdido... Era um grupo só de homem, então tipo, fica meio perdido. Mas depois a gente viu todo mundo correndo atrás... E a gente nada! Pô, ninguém que ficar assim...
Acho que pra pessoas meio assim, tem que ter cobrança do professor entendeu? O aluno tem que ta ciente de tudo que ta acontecendo.
O que foi bom da organização de todos os grupos assim, foi ta mostrando isso. Do pessoal tipo, ta cumprindo a sua responsabilidade a sua organização.
Teria também que tá pensando a parte da teoria para saber o que seria a viagem, como seria divisão dos grupos para daí a gente correr atrás, começar a pesquisar, montar cada um o seu projeto né? O seu espaço, o que foi dado a você e começar a procurar a história, começar a montar uma apresentação e o trabalho escrito.
No nosso trabalho, depois de tudo isso a gente teve aula de avaliação, onde todo mundo teve que falar e conversar sobre tudo.

Qual foi a fase mais importante para você neste trabalho de Viagem Técnica?
R: A parte prática. A gente viu o trabalho de todo mundo e deu para aprender, ter uma idéia de cada grupo. Na viagem a gente vai vendo tudo se encaixando assim...

A viagem faz refletir sobre a postura na sala de aula?
R: A gente muda muito. Tipo, por você ter passado vários apuros, você começa a prestar atenção, você fica mais centrado, porque você tava correndo atrás disso...Tem também o grupo, o pessoal passa a respeitar mais... Antes tinha aquela brincadeira na classe, agora o negócio é diferente. A gente ficou com vontade de aprender, por que agora a gente tá na coisa certa...

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: O fato da gente ter que se virar para fazer as coisas. Ter que fazer coisas que chamem atenção do pessol...A gente tá se matando para fazer alguma coisa e como tem na foto, alguém chegar e interferir e a gente ter que saber lidar com isso.
Deixar alguns alunos, para não atrasar o ônibus na saída, coisa que a turma não gostou, mas era o tinha que ser feito. A gente tava batendo de frente com tudo, a gente tava crescendo mais...

E você mudou depois da Viagem?
R: Mudei bastante. A responsabilidade bate mais, coisa que antes não tinha. Era só o colégio. Agora a gente tá na faculdade convivendo com pessoas que são até mais velhas que a gente, então você começa a conversar outras coisas... Tem um amadurecimento sim.

Aluna: HELEN DAYANE DA SILVA
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (18 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Foi o conflito de unir todo o pessoal né, a união que dá força para a viagem. Essa união é importante para segurar a viagem senão não sai né! Para seguir direitinho as ordens, o cumprimento de horários, os parâmetros que a gente estabelece, os horários, a gente tem que seguir direitinho para dar tudo certo para ir se encaixando...

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: Os dois dias que a gente viajou para São Paulo eu aprendi muito. A entrada nos museus, como a gente viu com outros olhos, como a gente conheceu São Paulo...

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: A princípio como fazer um roteiro, quais os prós e os contras do roteiro. Porque, claro que nunca vai dar tudo certo, sempre vai ter uma coisa que escapa... Eu aprendi muito por causa das regras estabelecidas dos locais. O gerenciamento também é uma coisa fundamental; na parte da Recreação, que sem isso a viagem fica monótona; o pessoal do transporte que tinha que seguir as ordem da rota, de horários e tal... Se não vai tudo por água a baixo...

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Era raro eu viajar. Foram poucas. Teve uma vez que eu fui para o Rio de Janeiro. Eu tive uma impressão péssima do lugar, eu odiava aquele calor. Mas agora se eu for para lá novamente eu já vou pensar em ver outras coisas. Mesmo São Paulo, quando eu ia na casa do meu tio, só pensava no trânsito, agora não. Agora eu sei de outras coisas que São Paulo tem, como museus, monumentos históricos, toda uma história por trás assim...Muda!

Como você avalia hoje, a prática da viagem?
R: Agora eu utilizo a viagem para aprender novas culturas, novas pessoas, costumes, crenças, qual o sentido daquelas coisas... Acho que esse trabalho me fez mudar. Assim... De eu tá enfiando a cara para fazer, conseguir as coisas e fora a curiosidade que eu já tinha, que agora é maior. Eu fui com gosto para aprender o que tinha por trás, o que aconteceu, qual a história, qual o fundamento. Então todo lugar que eu vou visitar agora eu noto isso.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Significam muito para mim. Eu tenho uma visão diferente agora. O que mais me marcou no conjunto foi a foto seis, porque, como uma cidade tão rica culturalmente, financeiramente, como pode ter alguém dormindo na rua, no frio, sem comer? Além das pichações na cidade... Eu tenho ao mesmo tempo medo e vontade de perguntar porque?

Como você vê a relação do turismo com essa realidade?
R: Acho que o turismo não liga para o fato. Aliás, o turismo não mostra isso, só mostra o bonito, o belo. Nunca que se vai mostrar essa realidade da miséria. Eu acho que o dinheiro do turismo poderia contribuir, poderia investir nesta área, entendeu? Melhorar a cidade...

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *quatro*. Todo mundo na Sala São Paulo com a impressão de que a gente conseguiu atingir nosso objetivo. Tá refletido no rosto de cada um a alegria, o que cada um aprendeu... A turma unida, o pessoal todo, deu aquela união, aquela força para a sala... valeu a pena todo o sacrifício.

O que significa para você, dever cumprido?
R: Significa eu aprendi, eu fiz, eu consegui, o professor gostou, eu to bem comigo e com meus colegas... eu sei lá! Aquele alívio de aprender mais do que o esperado, enxergar o trabalho com outros olhos, não só com os olhos do que o professor passou, mas com meus olhos mesmo.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R:A foto *sete* por ser um museu. Tem muitas pessoas que não têm chance de conhecer... Eu mesma falava: museu, aquele tédio! E não é, a gente aprendeu isso... Fiquei com a curiosidade aguçada. Então foi fundamental assim na viagem. Freqüentando esses lugares você aprende muito, fora com os quadros, as pinturas. Na parte profissional, o que você pode ensinar alguém, como pessoas que visitam esse tipo de lugar podem aprender muito.

Como você vê o fato de muitos alunos do curso de turismo não freqüentarem ou não gostarem de museus?
R: É estranho, porque turismo está ligado a cultura. Como não gostar de uma coisa que a gente estuda e que a gente pode ensinar? É fundamental, não dá para não valorizar. Acho que o curso contribui com isso, com uma mudança. Se a gente ficar na faculdade, nunca a gente vai aprender o que a gente aprendeu, no semestre passado. Eu ia ficar só naquele mundinho: aula, aula... A prática é fundamental. Você está aprendendo, colocando as mãos e aprendendo.

Como é voltar para a sala de aula depois da Viagem Técnica?
R: Cada palavra de um professor, cada texto que você lê se refere a viagem que você fez, o que você viu, você já sabe como é. A gente vai discutir com o professor também, entendeu? Não vai ser só ele falando.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Fundamental para mim é o gerenciamento. A partir daí, tem que ser gerenciado bem, tem também que estar de acordo com o pessoal que vai visitar. Transporte é fundamental, a parte da fotografia, que vai ver as coisas com outros olhos.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Quando eu fui apresentar as salas e que tinham tirado as obras do lugar. Na hora eu tomei a decisão de mudar de andar e explicar diferente do que eu tinha planejado. Se isso fosse antes, eu sentava e chorava... O inesperado me fez mudar assim, ter atitude.
O fato do grupo ter que andar junto, participar, questionar, isso faz aprender.

Aluno: FILIPE GUILHERME GONÇALVES MARTINS
Ingressou em 2004 e está no 3º Período do Curso de Turismo (19 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Ficou muito marcado assim... Você aprende muito em sala a parte mais teórica e na viagem você tá vendo que não é só brincadeira. Que aquilo que você aprende não é exatamente na prática. Você tem que enfrentar a realidade.. Acho que para todo mundo ficou algo especial assim...Cada um teve um crescimento.
Antes de viajar, antes mesmo de começar o curso de turismo eu viajava de um jeito, na "zoeira" e tal. Ai quando eu entrei no curso eu comecei a perceber que cada coisa tem uma importância, que cada coisa leva uma responsabilidade. Você tá no meio, você tá aprendendo aquilo entendeu? Então eu acho que eu estou aprendendo com isso, pois é você que tem várias responsabilidades envolvidas naquilo.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A de São Paulo, porque apesar da de Parati ter tido uma importância legal de você está pesquisando sobre as coisas de uma cidade em relação ao turismo assim... a de São Paulo você "bateu de frente", você via qual que era o negócio mesmo entendeu? Você tava vendo assim o que, que acontece, qual o funcionamento de cada coisa. Por mais que cada grupo tivesse sua importância, você tava aprendendo ali com eles também e como cada coisa funcionava.
Você tá vendo que você aprende mesmo na prática. No prático você vê que não é tão fácil assim. No começo foi um desafio, porque era tudo totalmente novo pra gente. Nunca tinha passado por isso. Eu viajava como turista e não organizando. Eu não pensava que tinha tanta coisa por de trás da viagem.
É complicado, mas dá vontade de aprender... Você fica a vontade para aprender. Você passa a se preocupar com coisas mínimas.

O que te motiva a aprender?
R: Eu via o meu grupo assim, que a gente começou um pouco depois do pessoal o nosso trabalho. A gente viu o pessoal aprendendo e comentando na classe assim... Ai bateu na consciência, porque que eu não to? E você corre atrás.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Aprendi com o pessoal do transporte, foi um destaque assim, também o pessoal do gerenciamento que cuidava de todo mundo. Esses grupos demonstraram mais interesse, mais firmeza de tá aprendendo. Eles foram exemplos.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: As minhas viagens eram em família, eu nunca tive oportunidade de viajar com amigos. Eu saia assim sem me preocupar com as conseqüências, e agora eu vejo que não é bem assim, que tem gente por trás mexendo com isso, que alguém tá trabalhando... Eu não pensava nas conseqüências da minha viagem.
Eu não viajava para aprender, eu pensava em curtir mesmo. Nunca tinha pensado em aprender, em conhecer. Hoje eu vejo que não é só diversão, agora eu quero saber o que está acontecendo... Quero saber da história, quero saber o que pode dar errado entendeu? Agora eu to percebendo como funciona.

Agora quando eu viajo e aprendo uma coisa assim... Tenho muita vontade de falar, então eu vejo coisas que não podia falar antes, mas agora tento me expressar pelo pouco que eu sei.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Acho que cada uma tem uma característica especial assim... Eu acho que mostra a garra do grupo, a galera se esforçando, aprendendo, ensinando lugares bonitos e importantes... Cada uma tem alguma coisa especial.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A número *três*, ela está mostrando assim, o quanto a galera penou para pode tá fazendo esse trabalho. A *quatro* também é legal, que tá mostrando a galera com a cara cansada mais feliz por ter feito "virar o negócio". Tá todo mundo feliz: Eu consegui! Cumpri com meu dever! Acho que essa fotografia reflete um sentimento em conjunto, um dever cumprido.

Qual é o sentido de dever cumprido?
R: Além de ter um dever com a faculdade, a gente tinha o dever de tá aprendendo assim...A gente querendo aprender. De você tá querendo cada vez mais, descobrindo coisas novas, que você nunca viu.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A número *cinco*, que a galera está se esforçando, tá aprendendo mesmo, indo lá fazendo o tour entendeu? E a foto número dois. Nós fizemos até parar o trânsito, fizemos de tudo para que o trabalho acontecesse. A gente tava integrado com o trabalho.
A foto cinco me chama atenção, porque a galera tá ali, explicando, tá ensinando os outros, tá aprendendo. Esse grupo não foi um dos mais felizes, mas no fim foi um grupo bom. Aprendi muito com todos eles.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: O professor deve dar todas as dicas, ensinar os caminhos para a gente. Não deve dar tudo de mão beijada, a gente tem que se virar. Mas acho também que tem que haver mais integração entre os grupos, não que nesse trabalho tenha faltado, mas quem nem, o meu grupo, não fez direito isso.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Vi que pode acontecer de tudo entendeu? Você se liga que tem muito detalhe para resolver, que tem muita coisa por de trás de uma viagem – os problemas, os horários, as pessoas -, são muitas coisas e você tá ali aprendendo.

Aluna: MICHELE TEIXEIRA
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (19 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Fica a união de todos. Porque antes a sala tinha as "panelinhas". Depois da viagem foi juntando mais o pessoal, foi tendo mais amizade. Também lembro da Sala São Paulo, que me chamou muita atenção... O que eu aprendi, o que eu consegui entender do lugar assim...
Ficar unido foi importante assim, porque a gente conhece as pessoas. Porque antes você vê a pessoa de um jeito sem conhecer, depois você vê que não é nada daquilo.
Se relacionar no trabalho era muito importante, se não, não tem como montar a viagem, por que cada um tinha a sua parte relacionada com a do outro, tinha os horários certos, Tinha que ter comunicação entre os grupos. Acho que foi isso que ajudou também a unir a classe entendeu? Fomos nós que praticamente montamos a viagem né. Você deu as dicas e a gente foi montando. E daí era tipo montar um quebra-cabeça; você precisa de uma outra parte, daí você pergunta para outro grupo como é que vamos fazer? E o trabalho vai saindo.. a gente acaba tendo que visitar os lugares antes de ir na viagem e isso é muito legal.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: Foi o dia em que eu fui apresentar, porque daí foi uma coisa muito louca, porque eu tive que apresentar praticamente sozinha. E todo mundo tinha alguém para se apoiar, e no meu caso, não tinha isso. Então, eu tive que falar sozinha e eu nunca fiz isso. Nunca aconteceu entendeu?... Acho que foi isso.

Foi bom ter feito, mesmo sozinha?
R: Foi bom! Até o um dia antes, eu conversava com o Ricardo... Se ele tivesse ido, ele tinha me ajudado, porque ele sabia muito. Eu queria apresentar mesmo sozinha. Só que chegou na hora me deu um bloqueio. Eu falei: nossa, vou apresentar sozinha, eu não vou conseguir! Todo mundo teve alguém... Ai chegou na hora, encurtou o tempo e eu me vi numa saia justa. Daí fui tentando, me dava branco... Chegou na hora lá fui apresentar... Fiquei muda, não lembrava...

O que você acha que aconteceu?
R: Ah! Eu fiquei nervosa. Fiquei com medo de falar uma coisa decorada. Eu tinha medo de passar isso, das pessoas falarem isso de mim... Tipo, se você decorar uma coisa, você só vai saber falar aquilo. Agora se você falar pelo que aprendeu e o pessoal te perguntar alguma coisa, você vai saber responder, senão vai ficar numa situação complicada.
Acho que a falta de apoio do meu grupo, por um lado foi ruim assim, porque a gente precisa de apoio para a gente dividir e não ficar sobrecarregado o trabalho. Mas, de outro lado foi bom, porque me ajudou a estudar. Coisa que eu nunca fiz na minha vida... Nunca fiz um trabalho na minha vida... Como é que eu vou fazer? Isso me ajudou.

E o que significou estudar desta vez?
R: Aprender mais e mais. Para eu me dar bem na área entendeu. Porque eu fiz magistério, mas não era o que eu queria. Agora no turismo, eu tenho vontade de aprender. As viagens que eu faço, eu procuro ver os lugares assim...Para ver se me ajudam a conhecer mais...

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Aprendi que é importante ter seguro viagem, organização em relação a documentação, os horários, os ingressos. Evitar problemas, se organizar antes.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Era só curtição mesmo. Saia com amigos para os lugares, mas não era pelos lugares e sim pelos amigos. Curtir entendeu? Só ia para praia.

Como você avalia hoje, a prática da viagem?
R: Muda. Hoje eu penso na infra-estrutura do lugar, como é feita essa organização por trás da viagem. Como as pessoas e a cidade recebem você. O curso me ajudou nisso. Que nem, quando eu viajo com as minhas amigas que não fazem o curso de turismo e a gente conversa, você vê que o que elas acham do lugar e totalmente diferente do que você tá vendo. A visão é totalmente diferente, que é a mesma visão que eu tinha antes de entrar no curso.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Significa que nós conseguimos realizar um bom trabalho! Conseguimos atingir o objetivo de aprender sobre os lugares, de conhecer novos lugares! No começo era mais por nota, mas depois não, você vai gostando mais. Dai é um objetivo para você mesmo. Você querendo alcançar um objetivo seu, de conhecer, de aprender. Por você, não por nota.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *cinco*, porque tá mostrando eu conseguindo desempenhar o meu trabalho, que eu estava fazendo ali, naquele momento... Dá para ver que só eu estou falando. O André o Fabinho estavam perdidos...Isso foi chato, não ter tipo esse trabalho em grupo. Mas tipo, eu aprendi! Eles não. Entendeu? Eles estão perdendo o tempo deles, eles poderiam ter aproveitado mais, ou ter ficado em casa, fazendo outra coisa. Não sei... Ter mudado a visão deles do mesmo jeito que mudou a minha.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R:A foto quatro, pelo fato da união. Todo mundo junto, cansado, mas contente; porque fizemos com prazer... Foi uma atividade realizada para nós mesmos.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Do jeito que foi essa, você dividindo cada grupo, uma parte para organização da viagem, outra para a pesquisa. Deixar assim... Tudo pra gente. Acho que tem que ser assim, a gente organizando.

Qual a importância de vocês terem organizado?
R: A gente aprende a superar as dificuldades. Só faz a gente crescer, porque quando a gente sai da faculdade as coisas são diferentes. Na prática você vê as dificuldades. Agora, a teoria dá base pra gente também. Na aula a gente vai comparar. Como por exemplo, no caso desta viagem que foi na sua matéria, mas engloba todas as outras. Entendeu? Porque sempre vai ter coisa que outro professor falou que você lembra. Você vai comparando com todas as matérias e tipo, vai prestar mais atenção na matéria ainda. Você vai prestar atenção porque é uma coisa que você já sabe entendeu? A gente não fica só "viajando"... Dá para discutir mais.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: O tempo que você acha que é muito para sua apresentação, ai na hora, você vê que é pouco. Porque ainda tinha coisa para falar.
Também a viagem mudou a visão da classe em relação a minha pessoa. Eles viram que eu não sou só "zoeira"... Não que me incomodasse, mas é importante para eu ver que eu consigo...

Aluna: ANA PAULA SILVEIRA MELO
Ingressou em 2004 e está no 3º Período do Curso de Turismo (19 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Acho que a de Parati que a gente foi com o papel de pesquisador e a de São Paulo que a gente fez o papel de pesquisador, apresentador e também fez a parte técnica. A gente também fez o papel de turista. Tudo ao mesmo tempo.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A de São Paulo, porque desempenhei mais funções técnicas assim, do turismo. Mesmo eu conheci vários lugares, pesquisei muito, conheci o lugar que eu ia apresentar.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: O mais significativo foi sobre alimentação, que era o meu grupo. Além disso, sobre transporte que ficou bem evidente assim, acho que pelo empenho do pessoal, que teve total capacidade de desenhar o mapa da rota, com rotas alternativas. Tinha também o pessoal da recreação, do seguro viagem, do gerenciamento.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Eu sempre viajei muito com minha família, conheci muitos lugares... Sempre fui muito criticada. Sempre gostei de cultura, de arquitetura, então minhas viagens sempre foram meio que voltadas para isso. Meus pais gostam muito... A gente sempre vai a lugares assim, por isso eu era criticada.

Como você avalia hoje, a prática da viagem?
R: Agora mudou mais ainda, porque eu passei a entender como as coisas funcionam realmente. Agora eu tenho uma visão mais crítica, mais técnica.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: O fato da classe depois da viagem ter ficado mais unida. A nossa vivência.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto três que teve o lance do segurança e as meninas estavam prontas para resolver. A gente soube se virar...

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto *cinco*, porque você pensa neles: Eles não fazem nada, não tão nem ai! Ai chega lá, a menina que todo mundo achou que não ia falar nada, apresentou o lugar super bem e todo mundo ficou impressionado com ela. Acho que essa seria uma foto que eu mostraria para meus alunos.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Acho que esse modelo foi interessante. Foi assim, diferente das outras atividades que a gente fez, porque ele é mais complexo, a gente consegue entender vários ramos da atividade turística dentro da viagem. É um modelo bem estruturado, que pode ser aplicado em outras viagens.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Muitas, como andar em São Paulo sozinha assim, perguntando. Ter que ficar atento. É mais interessante assim. O atraso da saída numa das viagens, por conta do atraso de alguns alunos. Tinha que decidir entre ir e deixar os alunos. Isso foi difícil.
Eu cresci muito assim... liberdade, a sensação de competência, de saber que você pode fazer, que você é capaz, algum imprevisto que acontece e você tem que resolver... Acho que foi isso. Tudo valeu a pena na viagem assim...

Aluna: GRAZIELA APARECIDA SIMÃO
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (21 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Fica muita experiência, fica muita novidade, eu querendo sempre conhecer mais. A experiência que se cria é muito grande, por tá no lugar, viver o lugar. Acho que é fundamental.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: Foi São Paulo, sem dúvida. Pela experiência de ter estudado antes. Fomos para Parati também, mas não teve uma performance legal. Não teve um estudo legal sobre Parati pra você chegar... em São Paulo, fizemos um trabalho bem mais avançado. Então a gente chegou lá e viu uma outra cidade, mais maravilhosa. A gente passou por guia, por pesquisador, por organizador, por controlador. Tivemos que fazer roteiro, passamos por turista e assistimos os outros grupos. Assistindo os outros grupos, percebemos os erros, as falhas e onde a gente podia consertar, por que ali a gente podia errar, entendeu? A gente cresceu muito nessa viagem de São Paulo do que comparado as outras.
A responsabilidade é basicamente isso. Quando você leva uma e entende a importância do seu papel. Cada um tem um papel fundamental ali e, as vezes a gente não percebe o quanto aquilo é importante, o quanto a minha falha pode afetar os outros, então isso vai muito mais na cabeça da gente e fica muito mais claro esse crescimento, a gente reconhece que não estamos ali para brincar.(Helio).

Porque você acha que a viagem de São Paulo foi mais estruturada?
R: Eu não sei se só pelo tempo que tivemos, em questão de chegar no primeiro dia de aula e já se apresentar tudo que você tem que fazer, te dar um roteiro de tudo que tem que apresentar no trabalho, o tipo de apresentação. Eu senti mais! Em Parati eram muitas matérias. Então era mais complicado de unir o foco. Em São Paulo foi mais fácil, por estar focado em um único tema.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Que um depende do outro. Todo grupo tinha que ter o contato com o outro grupo. A gente tinha que se integrar para organizar o resto todo. Um planejamento assim em conjunto. Que todos focalizassem o mesmo objetivo, na mesma rapidez, para tá caminhando de acordo.
Achei interessante.... O gerenciamento, que você tem o controle de tudo. Eles têm que estar atento com o tempo das apresentações tem que estar atento com o andamento do trabalho.... a fotografia é interessante, mas digamos mais fácil. Simples porque não é contato com pessoas. Alimentação também é um pouco difícil, porque o valor disponível para estar gastando tem ser pouco. A parte da documentação também, que tinha que cuidar dos trâmites oficiais.
Fico imaginando que tamanho tem que ter uma empresa de planejamento, tudo que ela tem que ter, porque nós precisamos de quarenta pessoas. Como uma empresa tem que ser organizada, tem que ser de qualidade para manter e sustentar a complexidade da organização de uma viagem.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Não. Sempre gostei de conhecer coisas novas, mas nunca me disponibilizei tanto. A minha compreensão de viagem era passear, não estar em casa, era estar num lugar diferente, na natureza. Agora vejo as coisas com olhos críticos: segurança, infra-estrutura, o que for. É muito interessante.
Acho que o curso contribui com isso me dando curiosidade. Você ter feito uma parte do planejamento, ter participado, você vê o que tem que ser investido naquele local. É um olhar crítico e de curiosidade para interagir ali.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Representam muita diferença, porque a gente só via São Paulo pelo lado ruim. O trabalho valorizou muito São Paulo. Os lugares tão culturais, tão importantes. Toda cultura e informação que passa e São Paulo só é mostrado pelo lado ruim.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: Eu me identifico bastante com a foto *seis*, que é a diferença com que é apresentado pela cidade, pela população da cidade, pelo que se baseia. E na foto *três*, que é a questão da segurança. No momento que nós chegamos no mercado, com aquela confusão... Achei muito interessante a infra-estrutura do lugar.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto sete. Eu acho que é o diferente, totalmente diferente do que nós vimos. Em Sorocaba a gente não vê tantos museus e a questão de arte. Não sabemos que existe, digamos assim...Ela se caracteriza bastante pela curiosidade de conhecer o lugar, porque existe? De onde veio?

Como é voltar para a sala de aula depois da viagem técnica?
R: Você já tem uma dimensão. Você já estuda sabendo para que você vai usar este conhecimento. Que você sabe onde você vai enquadrar aquilo numa viagem. Acredito que seja isso.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Acho que o grupo deve trabalhar junto, com o mesmo objetivo. Que infelizmente eu não senti isso em muitos grupos. Mas eu acho que o grupo trabalhando junto. Não um grupo fechado, mas a sala trabalhando no mesmo caminho, ritmo e objetivo. Acho que é uma boa atividade.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: O problema da alimentação, da documentação. Tem também o apresentar. Eu aprendi muito porque eu estudei meses aquele lugar. Adorei o Masp. Ai chega na hora... Acredito que eu e meu grupo conseguimos trabalhar no mesmo caminho... sempre tinha alguém trabalhando.

Aluna: BIANCA DE SOUZA TELES
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (20 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Acho que é a beleza da cidade que a gente visitou. Como natureza, que foi Parati e a sensação impressionante de São Paulo. Da grandeza de uma cidade e tudo de bom e de ruim que se pode ter no mesmo lugar, esse contraste.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A primeira para São Paulo, onde teve o impasse do grupo, que a gente teve problema. Foi uma coisa muito marcante. Da conquista com problemas, conseguir solucioná-los e saber que no fim do dia deu certo. Todo mundo está bem, ter feito o melhor. Acho que foi assim. Todos estavam nervosos e todo mundo se conquistou.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Primeiro lugar, você tem que ter atitude, tem que ir atrás. Você tem que fazer a pesquisa, procurar base nos seus professores, ter noção da fonte onde você vai buscar e procurar informação. Você tem que saber o que você vai falar, como apresentar. A viagem técnica vale muito para isso também. Para você ver mesmo como funciona, porque só no teórico é fácil, mas na hora você trava, não consegue ter uma comunicação boa com quem vai te recepcionar no local. Você tem impasses, inseguranças. A busca pelas coisas e muito boa!
Aprendi que é super importante atentar para os detalhes, como o serviço de bordo, que muita gente não leva em consideração, mas é onde você conquista os seus passageiros; a parte da recreação, a parte de gerenciar mesmo, de tomar conta do que receber, para onde ir, o dinheiro do pessoal, de recepção, de explicar para os passageiros os procedimentos. Tinha um grupo que cuidava do seguro viagem e das fichas médicas também.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Eu já fiz técnico em turismo, já tenho a formação de guia, então já tinha uma certa experiência e acho que a prática é essencial, do que ficar trancado numa sala só ouvindo. Você tem que contratar isso ou aquilo. O fato de falar dá a sensação de ser fácil. Na prática é diferente, é mais complicado.
Antes viajar para mim era só curtir, aproveitar, não tinha um olhar crítico para as coisas. Entrava num museu e não tinha a sensação de falar: "isso é história, é o meu país". A natureza por questão preservação. A gente começa a analisar. Você começa a ter um olhar muito crítico e eu não tinha isso.
Eu acredito que o visitante, na sua maioria, tenha uma visão ingênua e ignorante. Então o Turismólogo tem essa função de conscientizar, porque toda viagem tem que ter um guia. A parte de projeto para estruturar uma cidade, como a educação visual que é essencial. O profissional tem consciência de como a cidade está recebendo, o que ela pode oferecer, então ele deve conhecer o lugar, então ele tem a missão de conscientizar os visitantes.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Acho que a conquista, a vitória, o crescimento e o amadurecimento de uma turma que só levava tudo na brincadeira. Nessa viagem todo mundo se revelou como capacitado. Acho que foi a exigência da responsabilidade, da questão tá na sua mão, de você ter que fazer. "É um baque". A responsabilidade mesmo! Ou você cria responsabilidade ou todos irão contra você.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *três*, porque mostra o imprevisto. É um lugar aonde você não espera uma barreira, pois é um espaço público. Aí você vai mostrar que tem que ter autorização para estar ali fazendo o seu trabalho. Você não está prejudicando o lugar, pelo contrário.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto cinco, porque é uma foto que mostra uma aluna assim... Que tem toda capacidade do mundo e é uma pessoa super inteligente, mas que não é interessada. Mas de repente ela gerou um conhecimento que ninguém esperava. Foi algo muito surpreendente.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Totalmente prática, sem "mamão com açúcar", sem orientação. Tem que ir atrás... lógico que pela prática já sabe onde está errado e onde não está. Tem que ter consciência que vai ter que dar um toque para quem tiver que fazer errado.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: A falta de um integrante do meu grupo foi uma delas, porque a gente não esperava. A sensação dele não estar ali e você ter que cobrir o buraco, você ter que programar tudo de última hora, como acontece em muitas viagens, muda todo esse esquema. Acho que foi isso.

Como é voltar para a sala de aula depois da viagem técnica?
R: Fica mais empolgante entrar na faculdade e ter essas viagens. Mostrou a parte do planejamento que você vê dentro de sala e é muito importante. Você volta com mais consciência, você tem que prestar atenção, você quer buscar detalhes para que você possa se desenvolver melhor. A atenção é mais estimulante para aprender.

Aluna: THALITA MIELLI
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (20 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Toda a experiência, que a gente teve que estar procurando, tá pesquisando. Daí chegou na hora da apresentação, todo mundo ali prestando atenção e trocamos de lugar com o professor. Estávamos ensinando uma coisa que nos aprendemos num determinado tempo.

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?
R: A mais marcante foi a do Museu Ipiranga, que a gente foi apresentar e foi uma tensão muito grande, porque a gente teve que se preocupar muito. Já em Parati não, foi uma coisa mais "light". A gente deixou mais para pesquisar antes. Não pesquisou nada lá. A gente mais curtiu o momento. Mas nessa para São Paulo a gente aprendeu e cresceu bastante, não só como grupo, mas como pessoa mesmo.
Eu aprendi a me dedicar mais ao que quero fazer, com mais empenho, porque no começo a gente levava mais na brincadeira, mas depois que você começa a pesquisar, você conhece um pouco méis, você melhora, você vai crescendo.

O que lhe estimulou a estudar desta forma?
R: A apresentação mesmo. De pensar: "ele estão esperando conhecer melhor, e é meu papel ensinar". Então acho que isso é que foi cutucando. Que tinha que ir, que fazer. Quando você não tem compromisso, não é obrigado a fazer, não leva muito a sério, não depende só de você. Quando você tem que ensinar para outras pessoas o comprometimento é bem maior.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Corri muito para conseguir patrocínio. Eu não tinha nem noção como fazia serviço de bordo. Eu não sabia com quem falar. Isso foi muito legal, porque me estimulou a procurar, aprender tudo sozinha, porque eu nunca tive nem noção do que é. Lembro também do gerenciamento, da alimentação, transporte e os caminhos, além dos primeiros socorros.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Eu viajava. Eu me divertia com qualquer coisa. Nunca me preocupava. Eu era do tipo: "To pagando, quero me divertir". Eu nunca pensava que tinha alguém por trás daquilo, não me preocupava se o turismo ia afetar o meio ambiente ou as pessoas do local. Hoje eu já penso no que está afetando, nas pessoas que estão lá, numa série de fatores que vão interferindo... Você pensa mais, você procura conhecer mais os lugares.

Como é voltar para a sala de aula depois da viagem técnica?
R: A gente aprende na sala a tá discutindo, vê o que o outro pensa. As vezes as opiniões são diferentes da sua. Você discute. As vezes um detalhe que passou a outra pessoa lembra. Eu acho muito importante... tem mais pontos positivos do que negativos.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Foi um momento importante em que a classe conseguiu se unir mais. Tava mostrando um trabalho que cada um correu atrás, buscou desempenhar nas suas limitação, mas que fez crescer bastante e uniu ainda mais a classe.

Porque vocês se empenharam tanto?
R: Porque a classe inteira ia estar vendo. Você ia ter que apresentar de qualquer jeito e ninguém queria decepcionar, mostra que sabia menos.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A foto *quatro*, que mostra o momento que está todo mundo junto para apresentação. A gente vê todo mundo feliz e unido. Foi uma união muito grande, porque a sala estava bem separada, tinha muita "panelinha" e a pesquisa uniu todos. A foto mostra bem isso.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A sete, que aqui ela mostra os quadros e a seis, porque todo mundo conhece essas duas realidade. Uma mostra a cultura e a outra a realidade de muita gente nesse país. Podemos ter acesso as duas coisas. Daria uma boa discussão. Por isso seria o que eu escolheria.

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Eu acho que tem que ser como foi, a gente escolhe o que bem dizer o que vai fazer e corre atrás. A gente decide o roteiro, a gente que mostra tudo, a gente mostra que tá aqui para isso, para mostrar o que aprendeu.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Eu não tinha decorado nada do texto e na hora tive que improvisar, o desconhecido, porque a gente nunca tinha trabalhado nisso. Tá batalhando para as pessoas irem para um lugar, porque se você se deslumbra, não adianta. Você vai num lugar que você conhece, você quer ver tudo ao mesmo tempo, mas ai não, você tem que seguir um grupo, então foi uma situação complicada.
Eu conheci histórias que eu não sabia, que São Paulo é uma cidade maravilhosa que mostra a cultura de todos os tempos, conta de tudo um pouco e basta a gente querer saber. A gente aprendeu bastante

Aluno: HELIO DE PAULA PERREIRA
Ingressou em 2004 e está no 3° Período do Curso de Turismo (25 anos)

Das viagens Técnicas o que ficou em sua lembrança?
R: Lembro de Parati que foi muito bom. Trabalho interdisciplinar... A gente foi lá para fazer um estudo. Eu gostei muito. Preencheu muita coisa na minha cabeça que eu não sabia ainda. Ir num lugar que eu não conhecia direito, do ponto de vista que eu ia olhar dessa vez, que a gente ia fazer uma visita técnica...

Das viagens realizadas qual foi a mais relevante?

R: Foi lá em parati, que eu não tava sozinho. Sempre tem uma outra pessoa da sala que tem o mesmo pensamento, conhece bastante coisa e você acaba aprendendo com ela também e você vai se preenchendo melhor.

Como você analisa a viagem técnica feita para São Paulo
R: A de São Paulo foi excelente, foi muito cultural, o aprendizado de história. Tiveram vários locais, que nem na Sala São Paulo, aquelas histórias sobre os barões do café... Então tiveram umas histórias que prenderam mesmo a atenção do pessoal. Todo mundo gostou do resultado final.

Tecnicamente o que você aprendeu?
R: Eu aprendi que tem que ser tudo totalmente programado, que a gente tem que ir várias vezes para o local, visitar antes. Tanto que, tem que ser programado com o horário certinho. Os dias da visita, o monitoramento. Tem lugares que existe regras de filmagem e fotografia, essas coisas... Você tem que buscar bastante informação no local. No transporte a gente tem que dominar o caminho, a rota.
Lembro da fotografia, do transporte, do vídeo, do gerenciamento, recreação e a parte de seguro viagem. Sempre quando a gente vai viajar ou organizar tem que ter um guia credenciado e seguro viagem. É algo bom... Você vai pagar um pouquinho mais, mas é sua segurança que está em jogo.
Não é fácil organizar uma viagem. Sempre tem os imprevistos. Você não pode prever o que está para acontecer quando você está no destino. Você sai com a cabeça sempre pensando nisso, para que nada dê errado.
Você tem que saber o que está fazendo, não sair assim... Se algo acontecer o que você vai fazer? A gente vai ter que tomar medidas certas, pensadas. É uma questão de planejamento, tem que fazer tudo certo antes, para quando chegar na hora não dá tudo errado.
Agora quando saio com meus amigos para viajar, eu penso no lado do turismo mesmo e falo isso é assim... Eu sei distinguir as coisas.

Você viajava antes do curso de turismo? Qual era a sua compreensão sobre a viagem, antes de cursar turismo?
R: Sempre viajei bastante, praias, cachoeiras, locais que tenham esses atrativos. Mas eu acho que eu pensava diferente, pois eu não tinha informação. Eu ia para um lugar e só queria curtir, eu não tinha esse olhar diferente.

Lembrando que você é um aluno do curso de turismo. Como turista o que você pensa?
R: Acho que como alunos do curso de turismo, agente acaba adquirindo uma visão mais crítica, a gente presta atenção mais nos detalhes, ao que podia estar melhor, o que não precisava, o que foi exagero, o que está em falta, por exemplo, por ser alunos eu já percebi essa mudança em mim.

Qual o significado desse conjunto de imagens para você?
R: Um grupo que está se tornando forte, porque está começando agora. A gente está se empenhando para chegar no ponto de conhecer tudo.

Como vocês conseguiram se fortalecer como grupo?
R: O sentido de grupo é meio difícil a gente falar, porque você pode ter um grupo que as vezes é bom ou ruim. Sempre tem umas coisas que atrapalham o grupo, mas acho que a maioria das pessoas que estão assim no curso, a maioria está envolvida, interessada. No começo, estávamos meio dispersos, mas agora todos parece que cresceram.

A que você atribui esse crescimento?
R: A gente está estudando para se tornar um bom profissional. Porque não adianta a gente vir para a faculdade e ficar só passear e não se interessar pelo curso. Se eu não me interessasse pelo curso eu não tava nem fazendo mais, eu já tinha saído.
O profissional de turismo tem uma responsabilidade de peso, pois ele estará lidando com pessoas. Ele tem que estar bastante informado, por dentro das coisas, porque ele não pode vacilar. Mas se vacilar ele se queima. Podemos por em risco a própria natureza e isso é muito sério. Precisa ter planejamento, acho que é isso.

Qual destas imagens, você escolhe como mais significativa da viagem técnica que você trabalhou? Por que?
R: A número *seis*. Acho que essa foto é meio comovente. Esse país com tanta gente cheia de dinheiro e você vê uma pessoa enrolada num pedaço de manta. Eu lembro: "Tava chovendo",. Só que tava lá sabe...Acho que o Brasil tem que mudar nisso ai...Porque tem muita gente passando fome, muita gente roubando. Isso é o fim...

O turismo tem um compromisso com a realidade?
R: Acho que sim. Lógico! Se a gente está estudando e fica de boca fechada e vê os caras que estão lá em cima e não fazem nada, só querem saber do bem deles... E você vê isso ai. Não tem muito o que falar, tem que melhorar...
A gente quando fez a pesquisa quis fotografar isso, para trazer para discutir. Acho que isso tem que ser levado em consideração. Tinha que ter um olhar mais crítico para a situação.

Se você utilizasse uma imagem para ensinar a alguém sobre a importância de uma viagem técnica, que imagem você escolheria? Por que?
R: A foto *três*, porque o que acho que rolou foi um mal entendido. Porque o segurança não sabia o que estava acontecendo, mas a gente sim. Então foi uma falta de organização do local e não nossa.
A gente procurou manter a calma e resolver a situação, afinal a gente tinha corrido atrás antes...

Como deveria na sua avaliação ser uma viagem técnica?
R: Não tem que ir pensando em lazer. A gente tem que ir para o local com um olhar crítico. Olhar as coisas de uma maneira diferente, se preocupar com o local, com sua preservação.

O que você aprendeu que pareceu inesperado? Você viveu alguma situação inesperada que também contribuiu no seu processo de aprendizagem durante a realização da viagem técnica?
R: Teve uma hora que a gente estava indo para o Teatro Municipal e o pessoal foi perto de um mendigo dormindo no banco e começou a tirar foto, dar risada. Eu pensei de forma diferente, acho que não é bem por ai... Isso mexeu muito comigo.

O que mais você acha que aprendeu na viagem técnica?
R: Eu aprendi que a gente tem que debater, discutir idéias contrárias, que às vezes uma pessoa aprende com a outra, e eu aprendi. O nosso grupo agora no terceiro semestre é muito forte, muito unido.

Você acha que a viagem contribuiu para com isso?
R: Contribuiu, porque no começo do semestre, a gente não se conhecia direito, a gente vai fazer uma viagem, dias fora, a gente fica mais aberto para se conhecer, fica mais legal, a gente se sente bem perto do grupo.

ANEXOS

ANEXO 01: PTCC – Plano de Trabalho de Componente Curricular

Programas das disciplinas - 2005

Disciplina: Teoria Geral do Turismo

Objetivos:

1. Dimensionar o fenômeno do turismo e suas interfaces;
2. Fornecer suporte técnico científico para a compreensão do fenômeno turístico;
3. 3. Identificar a terminologia, origem e aplicação das atividades turísticas.

Ementário Básico:

1. Identificação dos elementos e processos que dimensionam o turismo e sua teoria.
2. Fundamentos teóricos e elementos históricos.

Programa:

1. Identificação dos elementos e processos que dimensionam o turismo e sua teoria.
1.1. Formação e qualificação profissional
1.2. Turismo: Etimologia, conceitos e definições fundamentais.
1.3. Código de Ética Mundial para o Turismo e Código de Ética do bacharel em Turismo
1.4. Turismo ciência ou Técnica?
1.5. Turismo: propostas para um saber-fazer

2. Fundamentos teóricos e elementos históricos.
2.1. Antecedentes da Historia do Turismo
2.2. O Turismo no Brasil
2.3. Os Novos Papéis Institucionais e Sociais do Turismo
2.4. Reflexões Para um Novo Turismo
2.5. Trabalho de Destinações

Bibliografia Básica:

AGUIAR, Marina Rodrigues de e DIAS, Reinaldo: **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**, Campinas, SP: Editora Alínea,2002.

KRIPENDORF, Jost – **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2000.

Textos de Apoio:

A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo

TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. Turismo e qualidade: tendências contemporâneas, Campinas, SP: Papirus, 1993.

Qualidade da Formação profissional

BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao estudo do turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995 (texto adapt.)

Perigos e desventuras das viagens

BATISTA NETO, Jonatas "Aspectos das Viagens Medievais: Obstáculos e perigos"(P. 179/197) in: *Revista de História* . nº119. SPaulo: USP,1988.

Viagens por Melhores Caminhos

CORBIN, Alain. "As Figuras Iniciais da Admiração" (p. 30/65) in: *O Território do Vazio*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

História e Turismo

Camargo, Haroldo Leitão. "Fundamentos Multidisciplinares do Turismo: História" (p. 33/85) in: *Turismo: Como Aprender, Como Ensinar.* Luis Gonzaga Godoi Trigo (org.). SP: Senac, 2001.

Turismo:Conceitos e Definições

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac, 1998.

BARRETO, Margarita. *Manual; de Iniciação ao estudo do Turismo.* Campinas, SP: Papirus, 1995

Código de Ética Mundial do Turismo e Código de Ética do Bacharel Em Turismo

A Produção do Saber Turístico

MOESCH, Marutschka. A Produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2000.

As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo.

BARRETO Margarita. In: Olhares Contemporâneos do Turismo, Campinas, SP: Papirus, 2000.

Sociologia do Lazer.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. In Turismo. Como Aprender, como Ensinar 2. Marilia Gomes dos Reis Ansarah (Org.). Editora SENAC, 2001.

A Experiência do "Viajante-Turista" na Contemporaneidade

LOBATE, Beatriz Caiuby..In Olhares Contemporâneos sobre o turismo. Olhares Contemporâneos do Turismo, Campinas, SP: Papirus, 2000.

Sociologia do turismo. KRIPENDORF, Jost –. São Paulo: Aleph, 2000.

* Os alunos tem como meta do semestre a leitura Integral deste livro. Finalização do Semestre com o Trabalho de ***Destinações***

Disciplina: Sistema Turístico - Sistur
Objetivos: 1. Estudar a Atividade Turística. 2. Estabelecer as relações pertinentes entre os fatores econômicos sociais e psicológicos do Turismo e os impactos causados no indivíduo e na sociedade; **3.** Indicar oportunidades profissionais, através de análises sobre o mercado turístico.
Ementário Básico: 1. Conceitos. 2. Classificação. 3. Tipologia dos agentes. 4. 4. Equipamentos que integram o chamado "trade" turístico.
Programa: **1. Dimensões do SISTUR** 1.1 Conjunto das Relações Ambientais do Sistur 1.1.1. Subsistema Ecológico 1.1.2. Subsistema Econômico 1.1.3. Subsistema Social 1.1.4. Subsistema Cultural **2. Estrutura do SISTUR** 2.1 Subsistema da superestrutura 2.2 Subsistema da infra-estrutura **3. Dinâmica do SISTUR** 3.1. Subsistema do Mercado 3.2 Subsistema da Oferta 3.3. Subsistema de Produção 3.4 Subsistema de Distribuição 3.5 Subsistema da Demanda 3.6 Subsistema de Consumo

4. Equipamentos que integram o chamado "trade" turístico - Laboratório Prático

4.1 Viagem Técnica a São Paulo

Bibliografia

BENI, Mario Carlos – **Análise Estrutural do Turismo**, 2ª ed. São Paulo: Senac, 1998.

SWARBROOKE, John – **O Comportamento do Consumidor no Turismo,** 1ª edição. São Paulo: ed. Aleph

Textos de Apoio:

A Gestão Privada do Turismo

ANDRADE, Ruy Otávio e NETO, Luis Morreto. In Turismo. Como aprender, como ensinar. Luiz Gonzaga Godoi Trigo (Org.). Editora SENAC, 2001.

A Política do Turismo.

BENI, Mario Carlos. In Turismo. Como aprender, como ensinar. Luiz Gonzaga Godoi Trigo (Org.). Editora SENAC, 2001.

O olhar do Turista/ Trabalhando sob o olhar do turista/ Turismo, cultura e desigualdade social.

URRY, Jonh. In o olhar do turista – Lazer e Viagens nas sociedades Contemporâneas. Editora Studio Nobel, 1990.

Desenvolvimento do Turismo em harmonia com os Seres Humanos

KRIPPENDORF, Jost. In: Turismo Investigação e Crítica. Org. Susana Gastal, Mario Carlos Beni, Antônio Carlos Gastrogiovani. São Paulo. Editora Contexto, 2002.

Problemas e Possibilidades do turismo Brasileiro

TRIGO. Luiz Gonzaga Godoi. In: Um Outro Turismo é Possível. MOESCH,Marutschka M. GASTAL, Susana (Org.). Editora Contexto, São Paulo 2004.

Política Nacional de Turismo – Mistério do Turismo

Turismo e Imagem, o consumo da natureza, um olhar crítico sobre os não-lugares, o patrimônio Histórico como produto turístico.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. In O despertar do turismo. Edirora Aleph, 2001. São Paulo.

Desenvolvimento Sustentável e atividade turística.

RODRIGUES, Arlete Moysés. In: Turismo Investigação e Crítica. Org. Susana Gastal, Mario Carlos Beni, Antônio Carlos Gastrogiovani. São Paulo. Editora Contexto, 2002.

Interfaces Ambientais do Turismo

PIRES, Paulo dos Santos. In Turismo. Como aprender, como ensinar. Luiz Gonzaga Godoi Trigo (Org.). Editora SENAC, 2001.

O Pós-Turismo/Novos papeis institucionais no pós-turismo.

MOLINA, Sérgio. Editora Aleph, 2003. São Paulo.